



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Fernanda Cruz de Oliveira Garcia


**Arquivo pedagógico e autoria: uma proposta de práticas de leitura e  
produção textual na escola**

São Gonçalo

2023

Fernanda Cruz de Oliveira Garcia

**Arquivo pedagógico e autoria: uma proposta de práticas de leitura e produção textual  
na escola**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Andréa Rodrigues

São Gonçalo

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

G216 TESE	Garcia, Fernanda Cruz de Oliveira Arquivo pedagógico e autoria: uma proposta de práticas de leitura e produção textual na escola/ Fernanda Cruz de Oliveira Garcia. – 2023. 147f. : il.  Orientadora: Prof <sup>ª</sup> . Dra. Andréa Rodrigues. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.  1. Análise do discurso – Brasil – Teses. 2. Professores – Formação – Brasil – Teses. 3. Educação básica – Brasil – Teses I. Rodrigues, Andréa. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.
CRB7 – 6993	CDU 82.085

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Fernanda Cruz de Oliveira Garcia

**Arquivo pedagógico e autoria: uma proposta de práticas de leitura e produção textual na escola**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Aprovada em 29 de setembro de 2023.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Andréa Rodrigues (Orientadora)  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Joyce Palha Colaça  
Universidade Federal de Sergipe

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Carolina Scali Abritta  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Kátia Nazareth Moura de Abreu  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Suplente)

São Gonçalo

2023

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre estar comigo em todos os momentos da minha vida, me acompanhando nessa caminhada.

Aos meus pais e irmãos, que com carinho não mediram esforços para que eu chegasse a essa etapa da minha vida.

Ao meu marido Garcia, pelo carinho, compreensão, apoio e incentivo, estando presente em todos os momentos, compartilhando todas as alegrias e dificuldades.

Aos meus filhos Arthur e Lorenzo que participaram desse processo, colaborando com suas artes, risadas e carinhos, ouvindo as leituras e interagindo comigo.

À querida professora e orientadora Andréa Rodrigues que com seus ensinamentos e orientações colaborou para a elaboração deste trabalho. Sempre muito carinhosa em suas falas e mensagens, direcionou o trabalho de forma incentivadora, mostrando que podemos sempre mais! Minha gratidão!

À querida professora Freda Indursky que contribuiu para minha qualificação, indicando leituras e orientando na elaboração deste trabalho.

À querida professora Carolina ScaliAbrita que disponibilizou seu tempo para a leitura desta dissertação. Agradeço pelas orientações e indicações de textos, contribuindo muito para a produção deste trabalho.

À querida professora Joyce Palha Colaça que chegou para finalizar esta etapa brilhantemente. Agradeço por ter disponibilizado seu tempo para a leitura desta dissertação.

Aos professores do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da UERJ – FFP, que com suas aulas promoveram debates enriquecedores, sempre incentivando a busca de novos conhecimentos. Obrigada pela leitura de cada texto, pelos trabalhos realizados, pelas conversas, palavras de carinho e incentivo.

A todos os meus colegas do Mestrado, pela amizade e pelo carinho, compartilhando experiências e dificuldades na elaboração de nossas dissertações.

Aos meus alunos, que vivenciaram o Mestrado junto comigo e embarcaram nas atividades elaboradas para o caderno, reconhecendo a importância da temática proposta.

Às minhas unidades escolares, que, quando necessário, reconheceram minhas necessidades durante o tempo do Mestrado, valorizando a capacitação do professor da educação básica.

[...] na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história.

*Eni P. Orlandi*

## RESUMO

GARCIA, Fernanda Cruz de Oliveira. *Arquivo pedagógico e autoria: uma proposta de práticas de leitura e produção textual na escola*. 2023. 147f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

A presente pesquisa surgiu a partir de algumas inquietações com as práticas de leitura e produção textual na educação básica. O trabalho com essas práticas, nas escolas, acontece de forma naturalizada e utiliza o texto para a realização de atividades gramaticais, assim, o aluno se distancia cada vez mais do texto e de práticas discursivas de leitura e escrita que colaboram para a promoção da autoria desses educandos. A discussão de questões que envolvem todo esse processo contribuiu para a elaboração de um caderno de atividades com a temática “Cidadania” voltado para os anos finais do ensino fundamental que faz uso do arquivo pedagógico (INDURSKY, 2019) com a intenção de promover a autoria dos discentes no espaço escolar, e assim, formar cidadãos críticos atuantes na sociedade. O arquivo pedagógico aborda a temática proposta e é passível de novas inserções, ou seja, é uma construção coletiva, disponível para alunos e professores e pode desenvolver uma rede de memórias e ampliar as histórias de leitura de educandos e educadores. O uso do arquivo pedagógico juntamente com o caderno de atividades tem por finalidade levar professores à reflexão sobre/nas práticas diárias e reconhecer a importância do uso desse material, que pode funcionar como um instrumento linguístico (AUROUX, 2014), e sua relação com a linguagem em sala de aula. O tema proposto nesta pesquisa tem sua relevância, uma vez que busca novos caminhos, capazes de romper com práticas desmotivadoras. O objetivo geral é propor um conjunto de práticas de leitura e escrita baseadas nas contribuições que o arquivo pedagógico pode proporcionar em sala de aula, com vistas à promoção da autoria por parte dos alunos. O trabalho está fundamentado nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de base materialista (PÊCHEUX, 1969) e tem respaldo nas contribuições de ORLANDI (2001; 2012; 2015), LAGAZZI (2017) e INDURSKY (2001; 2009; 2010) que são necessárias para o estudo das práticas de leitura e escrita na escola, na perspectiva na Análise do Discurso. O estudo com base nessa teoria compreende que o trabalho com o arquivo pedagógico e o caderno de atividades contribui para a promoção da autoria no espaço escolar e leva professores à reflexão, rompendo com práticas mecanizadas. Dessa forma, o material produzido nesta pesquisa tem o potencial de promover a aprendizagem significativa com o uso da língua e propor reflexões sobre o discurso pedagógico (ORLANDI, 1987) presente na escola.

Palavras-chave: análise do discurso; arquivo pedagógico; autoria; leitura; escrita.

## ABSTRACT

GARCIA, Fernanda Cruz de Oliveira. *Pedagogical file and authorship: a proposal of reading practices and textual production in school*. 2023. 147f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

The present research emerged from some concerns with the practices of reading and textual productions in basic education. The work with these practices, in schools, happens in a naturalized way and uses the text to carry out grammatical activities, thus, the student distance himself increasingly from the text and discursive practices of reading and writing that collaborate to promote the authorship of these students. The discussion of issues that involve this whole process contributed to the elaboration of a notebook of activities with the theme “Citizenship” focused on the middle school that makes use of the pedagogical file (INDURSKY, 2019) with the intention of promoting the authorship of students in the school space, and thus train critical citizens active in society. The pedagogical file deals with the proposed theme and is subjected to new insertions, that is, it is a collective construction, available to students and teachers and can develop a network of memories and expand the reading stories of students and educators. The use of the pedagogical file together with the activity book aims to lead teachers to reflect on/ in daily practices and recognize the importance of the use of this material, which can work as a linguistic instrument (AUROUX, 2014), and its relationship with language in the classroom. The proposed theme in this research has its relevance, since it seeks new paths, capable of breaking with demotivating practices. The general objective is to propose a set of reading and writing practices based on the contributions that the pedagogical file can provide in the classroom, with a view to promoting authorship by students. The work is based on the theoretical assumptions of the materialistic Discourse Analysis (PÊCHEUX, 1969) and is supported by the contributions of ORLANDI (2001; 2012; 2015), LAGAZZI (2017) and INDURSKY (2001; 2009; 2010) that are necessary for the study of reading and writing practices in school, from the perspective of Discourse Analysis. The study based on this theory understands that the work with the pedagogical archive and the activity book contributes to the promotion of authorship in the school space and leads teachers to reflection, breaking with mechanized practices. Thus, the material produced in this research has the potential to promote meaningful learning with the use of language and propose reflections on the pedagogical discourse (ORLANDI, 1987) present in school.

Keywords: discourse analysis; pedagogical file; authorship; reading; writing.



## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
1	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	16
1.1	<b>Introdução à abordagem teórica da Análise do Discurso</b> .....	16
1.2	<b>Análise do Discurso e autoria</b> .....	20
1.3	<b>A Análise do Discurso , leitura e ensino</b> .....	24
2	<b>O ARQUIVO PEDAGÓGICO</b> .....	29
2.1	<b>O arquivo e a Análise do Discurso</b> .....	29
2.2	<b>O arquivo pedagógico e a sala de aula</b> .....	31
3	<b>METODOLOGIA</b> .....	35
3.1	<b>Natureza da pesquisa</b> .....	35
3.1.1	<u>Princípios teóricos do caderno de atividades</u> .....	36
3.2	<b>Contexto inspirador da pesquisa</b> .....	38
3.3	<b>A elaboração do caderno de atividades: condições de produção</b> .....	40
4	<b>A PROPOSTA DO CADERNO DE ATIVIDADES: ANÁLISE E DISCUSSÃO</b> .....	46
4.1	<b>Organização e objetivos do caderno</b> .....	46
4.2	<b>Análise e discussão de uma das atividades propostas no caderno</b> .....	48
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	53
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	55
	<b>APÊNDICE A – Caderno de atividades (versão do professor)</b> .....	59
	<b>APÊNDICE B – Caderno de atividades (versão do aluno)</b> .....	89
	<b>APÊNDICE C – Arquivo pedagógico</b> .....	109
	<b>APÊNDICE D - Referências (caderno de atividades e arquivo pedagógico)</b> .....	145

## INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita são processos que fazem parte do ambiente escolar, e que , precisam ser desenvolvidas de forma significativa, reconhecendo os sujeitos e seus contextos de atuação. Devem estar presentes em todos os anos de escolaridade, e, trabalhadas de forma adequada, podem proporcionar o desenvolvimento do aluno como um sujeito crítico, um cidadão em condições de participar de forma mais plena do contexto social em que se insere. No entanto, a escola utiliza esses processos com a finalidade de identificar classes gramaticais, selecionar informações do texto, retirar fragmentos, reconhecer a estrutura do texto, dentre outras, proporcionando, assim, práticas desmotivadoras.

De acordo com Freda Indursky (2010a), a leitura<sup>1</sup> estabelecida pela tradição escolar está restrita a processos de decodificação, realizado através de tarefas que levem o leitor a identificar as informações no texto. A autora critica essa tradição e propõe que sejam consideradas diferentes possibilidades de produção de leitura, observando a identificação do leitor com a posição assumida pelo autor. Dessa observação, pode-se produzir três tipos de leitura: na leitura parafrástica, há identificação do leitor com a posição assumida pelo autor; na paráfrase discursiva, o leitor se identifica parcialmente com os sentidos do texto e pode ocorrer alguns deslizamentos de sentido, por último, nos movimentos de leitura, o leitor se opõe por completo aos sentidos que o texto promove. Dessa forma, a autora defende a ideia de que a escola deveria propor esses modos de produção de leitura, trabalhando com práticas de leitura que convoquem “o leitor a assumir o lugar de autor” (INDURSKY, 2010a, p.175).

Segundo Maria José Coracini (1995), há três concepções de leitura que influenciam o processo de aprendizado no espaço escolar.

A primeira concepção traz o texto como fonte única de sentido, ou seja, uma visão materialista e mecanicista da linguagem, tendo como objetivo a decodificação de itens linguísticos já conhecidos. O texto possui existência própria, independente do sujeito e do contexto de enunciação.

A segunda concepção é a intermediária e aborda como bom leitor aquele que consegue identificar as marcas deixadas pelo autor, para formular, assim, suas ideias e intenções. Nesta concepção, o leitor é visto como um sujeito ativo, pois aciona seus conhecimentos para interagir com os dados do texto, porém, precisa respeitar determinado núcleo de sentido

---

<sup>1</sup>A discussão sobre leitura será aprofundada no capítulo 1.

estabelecido pelo texto para que tenha suas ideias e intenções aceitas. Aqui, o texto ainda tem autoridade sobre o leitor, que precisa identificar e compreender o sentido expresso por ele.

A terceira concepção aborda a leitura como processo discursivo. Nesta concepção, autor e leitor são sujeitos sócio historicamente determinados e ideologicamente construídos. Dessa forma, o ato de ler é visto como um processo discursivo no qual se inserem os sujeitos produtores de sentido, autor e leitor.

A concepção discursiva considera o leitor, sua construção sócio-histórica, a ideologia dessa constituição, observando o contexto de enunciação. Cabe ressaltar que o texto não pode conter o sentido fiel, é necessário entender que só é possível apreender sentidos por meio dos sujeitos submersos em determinado contexto ideológico, sendo assim, responsável pelas condições de produção. Nesta concepção, o texto é produzido por um sujeito em constante transformação, portanto seu sentido jamais pode ser o mesmo. A pluralidade de sentidos está presente na concepção discursiva, uma vez que não é o texto que determina as leituras que serão feitas, mas sim o leitor. Dessa forma, o sentido é disseminado de acordo com cada leitor sócio historicamente constituído.

As práticas de leitura e escrita estão constantemente interligadas, pois uma necessita da outra para sua completude. É preciso reconhecer que esse processo jamais se finaliza, uma vez que estamos constantemente ampliando nossas histórias de leitura, o que, de certa forma, influenciará em nossa escrita. Assim, as práticas de leitura e escrita ultrapassam o processo de aprender a ler e escrever, vão muito além. Para Indursky (2009, p. 98), “aprende-se a escrever, escrevendo. Sei também que, para escrever, é preciso ter algo para contar, algo sobre o que escrever. É esta certeza que me levou a associar, desde sempre, a prática da leitura à escrita.”

A escola tem a função social de formar o cidadão para a vida em sociedade, assim, compreendemos que a prática discursiva de leitura e escrita não está presente somente na escola, mas também no fazer diário de cada sujeito, dessa forma, são processos que se relacionam com a exterioridade do aluno. Para Eni Pulcinelli Orlandi (2012), “a leitura deve ter, na escola, uma importante função no trabalho intelectual geral.” (p. 46). Dessa forma, entende-se que a leitura colabora para desenvolver outras formas de conhecimento além do espaço escolar.

O trabalho com o texto em sala de aula se torna um processo difícil quando não há uma mediação entre o aluno e o texto e, também, quando a leitura é feita objetivando atividades gramaticais, sem preocupação com os sentidos. O aluno aceita a leitura feita pelo professor, pois o direcionamento das atividades se dá por meio de uma leitura feita, geralmente, em voz alta pelo professor, depois há uma lista de questionamentos a serem

respondidos pelos alunos, identificando no texto alguns elementos. Embora a atividade seja aberta para a fala do aluno, não se sabe o que o aluno apreendeu do texto, da leitura. Na verdade, o sujeito aluno toma a leitura do professor como verdadeira e desconsidera as diversas possibilidades de interpretação.

No espaço escolar, as atividades envolvendo o texto marcam presença constante, já que desde que iniciam a vida escolar, os alunos têm contato com as práticas de leitura e escrita. Porém, segundo Suzy Lagazzi-Rodrigues (2017, p. 91), “é bastante comum ver o texto naturalizado”, tendo em vista que ao longo de muitos anos, ele é utilizado para seleção de elementos gramaticais e discussão das ideias dos autores. É possível perceber que, quando há uma proposta de atividade envolvendo o texto, o desinteresse no olhar dos alunos é marcante, pois o seu conceito de leitura e produção envolve questões gramaticais e ideias dos autores, não fazendo sentido, desconsiderando o momento em que a leitura está sendo feita, além de outras possibilidades de interpretação.

Em muitas salas de aula, textos e/ou leituras são constantemente utilizados para o trabalho com estruturas linguísticas. A produção escrita está amparada no trabalho com o uso do gênero textual, indicando um modelo, um caminho a ser trilhado. As interpretações focam no texto e/ou no autor, desconsiderando a interpretação do aluno, o sentido produzido por ele não tem espaço na escola. Segundo Coracini (1995, p. 18):

[..] o texto é, na maioria das vezes, usado como pretexto para o estudo da gramática, do vocabulário ou de outro aspecto da linguagem que o professor (ou o livro didático) reputam como importante ensinar. Assim, o texto, parte do material didático, perde a sua função essencial de provocar efeitos de sentido no leitor-aluno, para ser apenas o lugar de reconhecimento de unidades e estruturas linguísticas cuja funcionalidade parece prescindir dos sujeitos.

Dessa forma, as práticas de leitura e produção no espaço escolar têm sido desmotivadoras, pois a preocupação com o que escrever, o medo do papel em branco, a falta de interesse em fazer uma leitura reflete no que Angela Kleiman (2016, p.22) aponta, “Ninguém gosta de ler aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair sentido.” Assim, observamos que a dificuldade na leitura e escrita, está, justamente no fato de não produzir sentido significativo para o aluno. A escola precisa abrir espaço para esse aluno produzir seus sentidos, de acordo com o contexto de leitura e produção, reconhecendo que “sob as palavras, os enunciados e os saberes que tecem o texto, outras palavras, outros enunciados, outros saberes se fazem ouvir,” (INDURSKY, 2009, p.117).

Propiciar condições que o aluno se coloque na posição de autor de seu texto, deixando ali suas marcas, de acordo com sua história, tem sido uma tarefa árdua nas práticas de sala de

aula. Cabe ressaltar que para a Análise do Discurso, o importante, segundo Freda Indursky (2009, p. 119), “é o modo como o texto organiza internamente sua relação com a exterioridade” e não apenas a sua organização interna. Assim, a leitura e a produção vão além do processo escolar, pois o trabalho reflete na formação do sujeito que é interpelado pela ideologia e que é historicamente constituído.

Muitos questionamentos acerca desse assunto estão presentes entre os professores, pois refletem na aprendizagem como um todo. Ler e compreender um texto, responder determinado questionamento são atividades que marcam o processo escolar e que colaboram para o desenvolvimento do aluno. Quando o professor se depara com um aluno que não consegue estabelecer a compreensão do que leu com o conteúdo estudado, seu desempenho é justificado pelo fato de não conseguir ler e/ou escrever.

Na verdade, o que os professores cobram, segundo Orlandi (2012), e está faltando “é que o aluno assuma a posição de autor” (p. 107). Para isso, é necessário passar da posição sujeito enunciador para a posição sujeito autor e a escola precisa promover práticas que proporcionem essa passagem. No processo de leitura e produção temos as funções enunciativas de locutor, representando o eu no processo discursivo e a de enunciador, mostrando as perspectivas que esse eu constrói (ORLANDI, 2012), mas a função sujeito autor vai além.

Ainda de acordo com Orlandi (2012, p. 106), é “uma tarefa importante da atividade pedagógica na escola, em relação ao universo da escrita: responder a essa questão – o que é ser autor – é atuar no que define a passagem da função de sujeito-enunciador para a de sujeito-autor”. Assim, faz parte do trabalho docente com leitura e produção, propor ações que colaborem para essa passagem.

Para Orlandi (2012), o enunciador representa a posição que o sujeito ocupa no texto, de acordo com sua perspectiva, podendo, um mesmo texto, possuir vários enunciadores. Um enunciador pode contar uma história sob a perspectiva do “mocinho” ou do “vilão”, pode ainda, representar-se como estando em um prédio ou em uma casa de campo, o que, de certa forma, não trará problemas ao texto.

Já a função-autor está associada à função que o sujeito assume enquanto produtor de linguagem, afetado pela exterioridade (ORLANDI, 2012). Não basta somente falar para exercer a função-autor, é preciso estar imerso na cultura, inserido em determinado contexto histórico-social, considerando o seu papel social e sua relação com a linguagem. Exercendo a função-autor, o sujeito reporta-se a uma exterioridade, mas ao mesmo tempo se volta para sua interioridade, estabelecendo assim, sua identidade como autor, sendo cobrado dele a

responsabilidade em várias dimensões, como a unidade do texto, a clareza, a não contradição, a correção, dentre outros.

Na verdade, a escola confunde a passagem do sujeito enunciador para o sujeito autor e acaba trocando uma pela outra. Abrir espaço para que o aluno fale não quer dizer que ele está exercendo a função autor, ele pode apenas estar exercendo determinada posição enunciativa em determinado texto. Para exercer o seu papel de autor é preciso aprender a se colocar, considerando a inserção do sujeito em determinada cultura e sua posição no contexto histórico-social. A escola é necessária para a constituição desta função, mas todo o processo que acontece fora da escola também contribui para isso, pois entende-se que o sujeito é interpelado pela ideologia e suas experiências são fundamentais. Segundo Orlandi (2012, p. 105):

Para que o sujeito se coloque como autor, ele tem que estabelecer uma relação com a exterioridade, ao mesmo tempo em que ele se remete à sua própria interioridade: ele constrói assim sua identidade como autor. Isto é, ele aprende a assumir o papel de autor e aquilo que ele implica.

Para produzir um texto, é preciso ter o que escrever, e para isso o uso do arquivo pedagógico<sup>2</sup>, conceito trabalhado por Indursky (2019), tem a função de promover um histórico de leituras, ou seja, ao disponibilizar diversos textos com uma mesma temática, mas com posicionamentos diferentes, os alunos criam uma história de leitura, ampliando seu repertório sobre o assunto. Dessa forma, vão demonstrar menos insegurança diante do papel em branco, pois já terão feito leituras sobre a proposta de produção. Vale ressaltar que essas leituras, que podem abarcar textos com posicionamentos variados, não têm a pretensão de promover uma interpretação específica ou dar um direcionamento ao aluno, mas objetiva ampliar o conhecimento sobre determinado tema, mostrando, inclusive textos divergentes.

A partir do uso do arquivo pedagógico, o aluno fará o seu recorte a fim de produzir seu texto. Pensando no espaço de sala de aula, o uso do arquivo pedagógico fará o papel do interdiscurso, em um contexto bem menor. Por meio dele, os alunos terão acesso aos diversos sentidos produzidos pelos textos e será constituído uma rede de memórias disponível para consulta, sempre que necessário.

De acordo com Indursky (2019, p.98), “Para produzir um texto, é preciso passar pela leitura de muitos outros textos.”, pois para exercer a autoria, o aluno precisa fazer o recorte no interdiscurso e o arquivo pedagógico tem a função de simular esse interdiscurso, sendo uma memória discursiva, onde o aluno vai buscar as informações que precisa, de acordo com

---

<sup>2</sup> A discussão sobre o arquivo pedagógico será aprofundada no capítulo 2.

o recorte que fará. Dessa forma, o uso do arquivo pedagógico promoverá práticas significativas, levando o aluno ao processo de autoria.

Com o objetivo de traçar nosso caminho nesta pesquisa, levantamos os seguintes questionamentos:

- 1 – Como propiciar diferentes modos de leitura e escrita?
- 2 – De que forma podem ser propostas atividades que colaborem para a passagem da função enunciador para a função autor, e assim contribuir para a promoção da autoria do aluno?
- 3 – Como o uso do arquivo pedagógico pode ajudar a criar redes de memória para as práticas de leitura e produção textual na escola?

Este projeto tem sua justificativa amparada nas práticas de sala de aula de Língua Portuguesa do fundamental II (6º ao 9º). Nestas turmas, ao longo de minha atuação na docência, tem sido possível observar a grande dificuldade com a leitura e a escrita durante a realização de atividades, os questionamentos dos demais professores sobre a capacidade de interpretação dos alunos e o processo de tomada de posição diante do texto. As reflexões sobre minha prática tem sido parte da motivação para buscar novos caminhos e ressignificar minha atuação na sala de aula. O olhar voltado para o sujeito professor e como o processo de aprendizagem tem acontecido na escola revela que é necessário olhar os dois lados: o do aluno e o do professor. Assim, é preciso ter consciência que a dificuldade na leitura e escrita pode ser um problema que não está somente no aluno, mas também, na prática do professor.

O aluno vê o discurso do professor como o correto e fica aguardando sua fala para verificar suas colocações diante do texto. Nas atividades com respostas pessoais, essas dificuldades ficam ainda mais nítidas, porque não sabe o que escrever e fica inseguro com os questionamentos propostos. A preocupação com a quantidade de linhas está em primeiro lugar, depois surgem afirmações do tipo “eu não tenho nada para escrever”.

Ao professor, exige-se a tarefa de cumprir os conteúdos programáticos propostos. Para a escola, o professor é aquele que conseguirá aplicar todo o conteúdo estabelecido para determinada turma. Na verdade, a sala de aula é bem mais que isso, é o espaço onde surgem necessidades advindas de diversas situações e o professor é aquele que vai em busca de respostas para os problemas. Nas dificuldades encontradas no espaço escolar, buscamos alternativas para solucionar ou, pelo menos, minimizar cada dificuldade apresentada. Para tanto, este projeto de pesquisa busca ampliar o conhecimento de outros professores sobre a Análise do Discurso, bem como seu uso em sala de aula, objetivando práticas de autoria por meio do uso do arquivo pedagógico. Compartilhar saberes e experiências é uma necessidade que colabora para a ampliação de uma rede de memórias e, de certa forma, estaremos

praticando o processo de autoria na posição-professor, além de proporcionar práticas discursivas de leitura e produção, desenvolvendo a autoria dos alunos.

Assim, para o desenvolvimento desta pesquisa, tomo como objetivo geral propor um conjunto de práticas de leitura e escrita baseadas nas contribuições que o arquivo pedagógico pode proporcionar em sala de aula, com vistas à promoção da autoria por parte dos alunos. Vale ressaltar que o processo de autoria pode se tornar uma via de mão dupla, na qual o professor também tem a possibilidade de refletir mais sobre suas práticas e assumir mais a autoria do seu fazer pedagógico. E para desenvolver o objetivo geral, traço os seguintes objetivos específicos:

- 1 - Discutir as contribuições das práticas de leitura e produção textual para o desenvolvimento da autoria na escola;
- 2 - Reconhecer a importância do arquivo pedagógico para o desenvolvimento dessas atividades e da promoção da autoria dos alunos.

Este trabalho está organizado em quatro capítulos. Os dois primeiros abordam a fundamentação teórica utilizada. O primeiro trabalha com a abordagem teórica da Análise do Discurso, são apresentados alguns dos principais conceitos da Análise do Discurso mobilizados para esta pesquisa. Neste capítulo são discutidas as noções de sujeito, ideologia, leitura, escrita e autoria, fundamentais para a elaboração da pesquisa.

O segundo capítulo versa sobre o arquivo pedagógico e como ele pode beneficiar o aprendizado em sala de aula, sendo uma importante atividade escolar, atuando nas práticas discursivas de leitura e produção. Aqui, desenvolve-se os conceitos de rede de memórias, interdiscurso e arquivo, necessários para a constituição da autoria por meio do uso do arquivo em sala de aula.

O terceiro capítulo apresenta os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, abordando a metodologia necessária durante a elaboração deste trabalho, assim como as etapas de construção de um caderno de atividades direcionado a outros professores, disponível para adaptação e utilização de acordo com a realidade de cada escola.

O quarto capítulo compreende uma análise sobre a elaboração do caderno de atividades, recorta algumas atividades propostas para serem comentadas. Este capítulo também versa sobre o formato e a organização do caderno, e aborda o diálogo com o professor. Assim, promove práticas norteadoras para o trabalho com a autoria na escola, utilizando o arquivo pedagógico, mas sem a pretensão de estabelecer um limite na constituição desse arquivo. Dessa forma, desenvolve uma proposta, com práticas abertas às



adaptações e modificações de acordo com as necessidades de cada sala de aula, levando em consideração o contexto escolar.

O caderno está disponível no apêndice em duas versões, sendo uma para o professor, promovendo um diálogo com dicas e sugestões sobre as atividades propostas e a outra elaborada para o aluno, com as devidas orientações.

# 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

## 1.1 Introdução à abordagem teórica da Análise do Discurso

O campo do conhecimento estabelecido pelos estudos da linguagem é amplo e constituído por traços fortemente heterogêneos. Muitas teorias são abarcadas por este campo, fazendo-se necessário compreender diferentes concepções de língua.

Segundo Indursky (2010b), há a necessidade de estabelecer as concepções de língua, reconhecendo diferentes objetos de estudo, pois temos a língua sistêmica, língua da enunciação e a língua da análise do discurso. Essa ordem apresenta uma crescente ampliação do conceito de língua em cada uma das concepções. Inicia-se com a língua como objeto linguístico, passando ao objeto que liga o linguístico e o pragmático, terminando com a terceira concepção que aborda a língua em que o extralinguístico constitui o linguístico.

Na concepção sistêmica da língua, temos a dicotomia língua e fala, fundada por Ferdinand Saussure (1974). Há a separação entre o social e o individual, permitindo delimitar a língua como objeto da linguística e não a fala. Aqui, temos a língua como estrutura interna, não havendo nenhuma relação com a exterioridade.

A língua da enunciação ou concepção linguístico-pragmática da língua trabalha com as marcas da atividade do homem na língua. Esse novo objeto de estudo, fundado por Benveniste (1966) traz a relação entre locutor e interlocutor, dando início ao estudo da enunciação. Nesta concepção, considera-se os locutores e sua situação de enunciação, estabelecendo uma interação entre as relações internas e externas ao sistema linguístico.

A concepção discursiva da língua surge com Michel Pêcheux (1969), que desloca o corte feito por Saussure (língua/fala) e estabelece uma concepção que trabalha com língua/ discurso. Dessa forma, para Pêcheux, há uma relação do discurso com o sujeito e com a história, que colabora para a constituição da língua. Segundo Maria Cristina Leandro Ferreira (2007, p.44):

[...] o sujeito da análise de discurso não é só o do inconsciente; é também, como vimos, o da ideologia, ambos são revestidos pela linguagem e nela se materializam. Essa é uma particularidade que assegura ao campo discursivo tratar de uma dupla determinação do sujeito - de ordem da interioridade (o inconsciente) e da exterioridade (a ideologia).

A Análise do Discurso relaciona língua-discurso-ideologia, já que compreende a língua não só como uma estrutura, mas sim como um acontecimento, dependendo de outros fatores, ou seja, o sujeito é afetado pela história por meio da língua. O discurso é o efeito de sentido obtido entre os locutores e esse efeito determina a relação do sujeito com a história, isto é, com a ideologia. Como nos diz Eni Pulcinelli Orlandi (2015), “não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados. Pela língua, pelo processo que acabamos de descrever.” (p.45).

É primordial pensar nessa ideologia como elemento importante na constituição dos sujeitos e dos sentidos, entendendo que a ideologia estabelece uma relação necessária entre o sujeito, a língua e a história, e culmina na produção de sentidos. Vale ressaltar que o indivíduo é interpelado por essa ideologia, ou seja, todas as vivências, culturais locais e familiares, experiências pessoais e profissionais vão influenciar nos sentidos produzidos por esse indivíduo. Dessa forma, a Análise do Discurso trabalha com a linguagem, relacionando-a com a exterioridade. O sujeito é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, sem controle de como isso pode afetá-lo. Assim, o sujeito será atravessado pelo inconsciente e pela ideologia na produção de sentidos.

Segundo Ferreira (2007), a análise de discurso fundada por Michel Pêcheux tem como objeto teórico o discurso, constituído simultaneamente de uma materialidade linguística e de uma materialidade histórica. Dessa forma, diferencia-se da linguística, que está centrada na língua, única e exclusivamente e das demais ciências humanas que consideram a língua como elemento fundamental na explicação de textos. A língua da Linguística é a língua da transparência, da autonomia, da imanência. Já a língua do analista de discurso é outra, é a da ordem do material, é uma língua opaca, do equívoco como estrutura e tem as marcas da historicidade como formadores dessa língua.

A Análise do Discurso trabalha a relação indissociável entre a linguagem e a ideologia, o que colabora para a constituição do sujeito. Na verdade, para a Análise de Discurso, a noção de assujeitamento é fundamental, pois “assujeitar-se é a condição indispensável para ser sujeito. Ser assujeitado significa antes de tudo ser alçado à condição de sujeito, capaz de compreender, produzir e interpretar sentidos.” (FERREIRA, 2007, p. 43). Dessa forma, a Análise de Discurso abandona a noção de indivíduo empírico e considera o sujeito dividido, ou seja, um sujeito, dentro de uma categoria com lugares que serão ocupados por diferentes posições-sujeito em determinadas condições estabelecidas pelas formações discursivas. Assim, o sujeito é afetado pelas formações discursivas onde se insere que, de certa forma, também influenciam e determinam o seu dizer.

Para analisar o discurso é preciso compreender como a Análise do Discurso considera a noção de texto e, para isso, vamos retomar algumas informações importantes sobre essa concepção. Na verdade, nos tempos clássicos, o interesse pelo texto era grande, pois a gramática daqueles tempos se interessava pela arte de bem falar e bem escrever, havendo uma consideração importante sobre a Retórica e a Oratória.

Ao longo dos anos, mudanças significativas foram ocorrendo e o surgimento de novas línguas, após o declínio do uso do latim, foi um marco importante para a noção de texto, pois a arte de bem falar começa a ser deixada de lado, estando relacionada apenas ao domínio das regras da língua. E, para estabelecer as novas línguas, era preciso descrevê-las, organizando suas regras fonéticas, morfológicas e sintáticas, dessa forma, as regras eram fixadas com a finalidade de dar conta do bom uso da língua. Assim, o desaparecimento da Retórica e da Oratória promove, também, o desaparecimento do texto no interior das gramáticas. Segundo Indursky (2017), a gramática tinha a finalidade de promover o domínio de regras na constituição de frases e períodos, decorrendo daí a ideia de que, se o indivíduo domina a constituição de frases e períodos, também conseguirá elaborar um bom texto, bastando para isso, seguir as regras gramaticais.

Com o advento da linguística, Saussure (1974) separa língua e fala, ou seja, o social do individual. Os linguistas mantêm o foco no trabalho fonológico, morfológico e sintático da língua, sendo este o objeto de estudo da linguística, sem ultrapassar os limites da frase. Para Indursky (2017, p.44), com a exclusão da fala há a consequente exclusão do falante e essa “é uma das causas de o texto, enquanto categoria teórica, não ter sido mobilizado, pois o texto remete para a atividade de um sujeito.”

Passando por Jakobson (1956), encontramos o texto como o espaço de liberdade. Para este linguista, ultrapassar os limites da frase e alcançar o texto é conquistar a liberdade. Já para Hjelmslev (1943), o texto é um objeto de estudo e precisa de um tratamento teórico. Muitos questionamentos surgiram sobre o texto e muitos linguistas ficaram divididos, pois haviam questões da ordem da sintaxe e outras do contexto situacional, do sujeito falante. Assim, constituiu-se dois objetos de estudo diferentes: o texto e o discurso.

A linguística textual considera o texto como uma extensão da frase, ou seja, a gramática precisa dar conta do texto. Já a teoria da enunciação não estava preocupada com o texto, na verdade, estabeleceram o enunciado como objeto de estudo e, dessa forma, poderiam estudar a enunciação. Esta teoria envolve elementos externos: quem fala, com quem fala, o contexto de enunciação, o tempo e o espaço. O texto pelo viés da semiótica vai analisar o

funcionamento relacionado ao significado e isso é feito internamente, não havendo referente externo, analisando de duas formas: o nível superficial e profundo.

Para a Análise de Discurso, teoria que embasa este trabalho, o texto é uma unidade de análise afetada pelas condições de produção. Na Análise do Discurso, os locutores são sujeitos interpelados pela ideologia e sócio historicamente constituídos e o sujeito precisa adentrar no interdiscurso em busca do repetível, ou seja, revisitar a memória discursiva que lhe permite dizer. Portanto, a exterioridade na Análise do Discurso vai além do aqui e do agora, um texto representa um espaço discursivo, não fechado, estabelecendo relações, não só com o contexto, mas também com outros textos e outras memórias. Para Indursky (2017), “o texto, para a análise do discurso, é um efeito-texto, espaço discursivo, dotado ilusoriamente de homogeneidade e completude, sendo seu fechamento da ordem do simbólico.” (p.81). Dessa forma, o sujeito-autor se constitui, colocando-se na função discursiva da autoria de seu texto.

É preciso considerar que o discurso é da ordem do repetível, ou seja, ao produzir um texto, nossas palavras fazem referência a outros dizeres, outros sujeitos, não somente ao que foi dito pelo sujeito do discurso em determinado momento, mas ressoa dizeres de outros sujeitos, de outros discursos, em diferentes épocas. Para tanto, a Análise do Discurso se interessa pelo modo como o texto organiza sua relação com a exterioridade e como esses elementos advindos do exterior se organizam internamente, produzindo o efeito de um texto homogêneo com início, meio e fim.

O sujeito-autor, ao produzir seu texto, mobiliza diferentes relações com a exterioridade, pois produz o texto partindo de um lugar social. A produção ocorre por meio do entrelaçamento de diferentes fios discursivos identificados em sua rede de memórias. Assim, “podemos pensar que um texto, urdido dessa forma, consiste em uma heterogeneidade estruturada pelo trabalho discursivo do sujeito-autor [...]” (INDURSKY, 2001, p. 31).

Não é mais possível pensar o texto como um espaço homogêneo, pois ao entrelaçar diferentes textos, diferentes vozes que se fazem ouvir, a heterogeneidade se faz presente, sendo imprescindível reconhecer o texto como um “espaço discursivo heterogêneo”. (INDURSKY, 2001, p. 30). Ao refletir sobre o processo discursivo da leitura, é preciso compreender como se dá essa leitura dentro de um texto com essa heterogeneidade estruturada, mas que estabelece um efeito-texto, pois o autor necessita dessa ilusão de fechamento e completude, objetivando a conclusão simbólica de seu discurso.

## 1.2 Análise do Discurso e autoria

Para a Análise do Discurso, a produção da linguagem não tem a função de, apenas, transferir informações. Os interlocutores realizam a interação ao mesmo tempo, produzindo significados e sentidos e não estão separados, mas interligados. Por isso, é preciso pensar no discurso que se propõe trabalhar com os sujeitos e os sentidos produzidos por eles, afetados pela língua e pela história, pois a relação com a linguagem proporcionará diversos sentidos, já que, de acordo com Pêcheux, o discurso “é o efeito de sentido entre locutores”. (ORLANDI, 2015, p. 20).

Pensar nos sentidos produzidos pelos sujeitos é pensar na interpretação e em que condições ela se constitui, pois a interpretação de um texto não estabelece o limite da análise do discurso, não se objetiva um único sentido ou o sentido “verdadeiro”. Assim, o analista trabalha os mecanismos como parte do processo de produção de sentidos, buscando gestos de interpretação, compreendendo como o sentido é produzido, como as interpretações funcionam. Quando se compreende um texto, compreende-se como o objeto simbólico produz o sentido e como esse objeto está repleto de sentidos para os sujeitos e por eles. Com isso, as práticas de leitura relacionam sujeito e sentidos, promovem uma organização dos gestos de interpretação e culminam em novas práticas de leitura, com o objetivo de buscar novos sentidos diante do texto.

A compreensão de um texto envolve os sujeitos por trás dos sentidos produzidos. Quem são esses sujeitos no espaço escolar? A escola possui suas posições de sujeito institucionalizadas, ou seja, o professor deve ocupar a posição daquele que ensina, que é detentor de todo o saber e o aluno deve ocupar a posição de sujeito daquele que aprende, que está no espaço escolar porque não possui o conhecimento. Essas posições marcadas pela autoridade impedem a produção da autoria já que possuem o conhecimento de forma estabilizada nas práticas docentes. Na verdade, a sala de aula é um espaço composto por posições de sujeitos opostas: o professor e o aluno.

O sujeito-aluno encontrado na sala de aula está interpelado pela ideologia e por todas as interferências exteriores, relacionadas à sua constituição sócio-histórica. E para o trabalho com a Análise do Discurso, é preciso considerar todas essas relações, pois o sujeito pode estar realizando determinada atividade de acordo com determinada posição ocupada no momento da produção.

A posição de sujeito ocupada pelo professor responde pelo conhecimento dado, pelo sentido reconhecido como verdadeiro e, além disso, precisa marcar seu espaço com autoridade. Na sala de aula, o professor é aquele que exerce autoridade do saber, a última palavra vem dele. Do outro lado, temos a posição de sujeito ocupada pelo aluno, aquele que está no espaço da sala de aula porque busca o saber, essa posição é submissa à posição de sujeito professor. Esse aluno reconhece como sentido único e verdadeiro a fala do sujeito professor, legitimada pelo discurso pedagógico, na verdade, institucionalizada, ou seja, buscar a palavra do professor diante de um assunto que não domina é o caminho mais fácil. Segundo Orlandi (2012, p.50), “o espaço de leitura escolar exclui da sua consideração o fato de que o aluno convive em seu cotidiano com diferentes formas de linguagem.”

Orlandi (1987), no funcionamento da linguagem, diferencia três tipos de discurso: discurso lúdico, que mantém uma polissemia aberta; o discurso polêmico, uma polissemia controlada; e o discurso autoritário, uma polissemia contida. O discurso pedagógico está inserido dentro do discurso autoritário, uma vez que “o sujeito passa a ser instrumento de comando” (ORLANDI, 1987, p. 16). No espaço escolar, o conhecimento é tomado como homogêneo e todo o sistema está organizado de forma a estabelecer essa homogeneização. Dessa forma, ainda há muitas salas de aula em que somente o professor é quem sabe, ele detém todo o conhecimento, assim a opinião assumida pelo professor torna-se legitimada.

Para Orlandi (1987, p. 21):

Nessa perspectiva de escolaridade, as questões não se podem dizer nem verdadeiras nem falsas pois não se trata de explicar fatos mas de mostrar perspectivas de como podem ser vistos. No entanto, ao que é frotuito e ocasional (a perspectiva) atribui-se um estatuto de necessidade, através da avaliação que a escola produz, instituindo um conhecimento que é valorizado ou, em outras palavras, um saber legítimo.

Assim, pensar como esse saber legitimado pelo professor se torna legítimo ao aluno, requer uma reflexão sobre o espaço em que os sujeitos se encontram (aluno e professor), o contexto sócio-histórico de cada sujeito, bem como suas histórias de leitura, já que o discurso autoritário está apoiado em apenas uma verdade, a da escola, a do material didático, a do professor que reproduz e perpetua esse discurso. Com esse discurso, não há constituição de autoria, uma vez que esta se constitui mesmo na prática discursiva da leitura, na qual o sujeito pode discordar em partes ou totalmente de um texto, na verdade ele pode tocar o texto, contrariar e discutir. Com isso, surgirá um sujeito crítico que será conduzido a assumir seu lugar de autoria.

Cabe salientar que não podemos considerar que a leitura do aluno esteja em um “grau zero” (ORLANDI, 2012), mas sim trabalhar com uma proposta que aborde as próprias histórias de leitura, as histórias das leituras dos textos, bem como a história da relação do aluno com a escola. Compreender que não paramos de aprender o processo de leitura se faz necessário, portanto, nunca estaremos em um grau dez, teremos gradações, considerando todo o conhecimento adquirido anteriormente. Esse conhecimento não pode ser recusado pela escola, mesmo tendo consciência de sua existência, pois “o aluno traz, para a leitura, a sua experiência discursiva, que inclui sua relação com todas as formas de linguagem.” (ORLANDI, 2012, p.50).

Uma abordagem importante para contrapor essa ideia de autoridade do professor sobre o aluno é pensar na questão da equivocidade da linguagem, já discutida por Michel Pêcheux, pois o equívoco é constitutivo de todo o discurso. De acordo com o senso comum, equívoco é interpretado como “erro”, mas não é com esse sentido que Pêcheux trabalha. Analisar a equivocidade da linguagem é trazer à tona diferentes interpretações, já que “[...] ao falar e ao escrever, estamos sempre expostos ao perigo e correndo algum risco: o de não sermos (ou sermos) bem compreendidos (FERREIRA, 2021, p. 140), mostrando que a contradição também produz sentidos.

O equívoco, para a Análise do Discurso, não pode ser considerado um problema do discurso, não é um “erro” de uma língua, nem mesmo uma ambiguidade a ser resolvida. De acordo com Ferreira (2021, p. 14):

O equívoco, entre fatos difíceis de explicar, estaria demarcando aqueles pontos de fuga que representam modos de resistência próprios da ordem da língua. A língua não seria então um sistema dedutivo fechado ao abrigo de mal-entendidos, lacunas e excessos, mas comportaria em si a possibilidades de rupturas.

E pensar na resistência da língua é compreender que há em seu interior um espaço para brechas e falhas, reconhecendo a noção de que a falta é estruturante. Como aponta Ferreira (2021, p. 104), “Falar de língua é falar de falta. Tudo não se pode dizer.”. No espaço escolar da sala de aula, na relação entre professores e alunos, sujeitos do processo de aprendizagem, há uma multiplicidade de dizeres, característicos da própria língua. De acordo com a atuação de cada sujeito neste espaço, haverá a escolha por determinado dizer e não outro, o que tende a direcionar para um lado e não para o outro.

Para Ferreira (2021, p. 139), a Análise do Discurso compreende equívoco como “área de tensão e ponto de encontro entre a materialidade linguística e a materialidade histórica”, ou seja, por meio do equívoco, tem-se uma concepção de língua que incorpora ao seu interior, os



dizeres postos às margens, pois a exterioridade tem papel fundamental no materialismo histórico. Entre as práticas discursivas de sala de aula, nas quais o sujeito aluno toma a palavra, marcado pela história, surge um espaço para a autoria, que pode ser assumida pelo sujeito ou negada a ele.

Suzy Lagazzi-Rodrigues (2017), diz que volta “à autoria para afirmar que ela está ligada ao trabalho com a equivocidade da linguagem. Essa afirmação permite conceber o texto como espaço de autoria, o que nem sempre foi possível.” (P.93) O que a autora nos traz é uma realidade vivenciada na atualidade pelo uso do livro didático, não estamos aqui condenando o uso desse recurso pedagógico, mas sim a forma como ele é utilizado em sala de aula. Muitas vezes, o seu uso impede alunos e professores de produzirem suas interpretações, negando a produção de conhecimento e, de certa forma, inviabilizando a constituição da autoria do aluno e também do professor, estabelecendo a univocidade de sentidos. Segundo Ferreira (2021, p. 125), “A AD, ao eleger os sentidos como objeto de análise, vai ter interesse por uma região onde o sentido encontra-se frequentemente em suspenso, a perigo, na fronteira entre o sentido e o não sentido”.

Para Pêcheux (1990, p.51), todo enunciado carrega consigo a possibilidade de ser ele mesmo, mas também pode “tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”. Assim, trabalhar autoria na escola é promover essa multiplicidade de sentidos, reconhecendo que um texto ou mesmo um enunciado pode deslizar para outros sentidos, diferentes daqueles que estão postos. Dessa forma, alunos e professores podem compartilhar sentidos diversos, considerando a história e as condições de produção.

Diante do exposto, pensar no contexto escolar e considerar o sujeito aluno como um ser que tem histórias e memórias, que está imerso em uma cultura que influencia sua formação, abre espaço para o desenvolvimento da autoria. De acordo com Solange Leda Gallo (1994, p. 25):

a única garantia que podemos ter como professores de língua portuguesa, é a de propiciar condições para que nossos alunos possam se inscrever em posições-sujeito de discursos onde o efeito AUTOR é possível, ou seja, em outros discursos que não somente circulares e auto-avaliativos, como é o caso do discurso didático-pedagógico.

Dessa forma, é preciso trabalhar para que a inscrição nesses discursos ocorra de fato, uma vez que muitas ações acontecem na escola de forma “camuflada”, ou seja, o texto é usado para questões meramente gramaticais e considera-se que o mesmo está sendo trabalhado de

forma eficaz. E assim, o discurso didático-pedagógico vai sendo perpetuado, sem considerar os discursos outros, possíveis no espaço tão plural que é a escola.

### 1.3 A Análise de Discurso, leitura e ensino

A Análise do Discurso não é um campo destinado ao espaço escolar, ou seja, à sala de aula, mas segundo Indursky (2011), o professor pode utilizar as teorias desse campo em sala de aula, promovendo reflexões sobre o texto, a escrita e a leitura.

O uso da Análise do Discurso no espaço escolar não significa deixar de abordar as análises linguísticas, mas como aponta Indursky (2011, p. 331), “num primeiro momento, contrastar os estudos formais com os estudos semânticos e, num segundo momento, colocá-los em posição de complementaridade.” Dessa forma, entende-se que a Análise do Discurso pode e deve ser trabalhada em conjunto com os demais conteúdos e abordagens para promover uma reflexão sobre o processo de aprendizagem, e também a busca pelo debate sobre os sentidos produzidos por determinada atividade.

Ainda como aponta Indursky (2011), é possível abordar o funcionamento linguístico e o funcionamento discursivo de determinada forma. Assim, levar o aluno a identificar as diferenças na análise da função morfológica das palavras em determinada frase e os sentidos produzidos por essa mesma frase dentro de um contexto de uso, por exemplo, mostra que pode ocorrer o trabalho com a língua enquanto sistema e enquanto discurso. Dessa forma, ainda segundo Indursky (2011, p. 331), “um trabalho assim desenvolvido coloca o aluno e/ou o estudante em posição de produzir reflexão sobre a língua e o que, com ela, ele faz cada vez que se inscreve em práticas discursivas ou a cada vez que examina práticas discursivas produzidas por outros sujeitos”.

Além disso, cabe ressaltar a importância que as práticas de produção de leitura podem proporcionar aos alunos e professores. Com esse objetivo de promover a reflexão, Rodrigues, Moraes e Domingues (2020, p. 237) salientam “os efeitos do aporte teórico-metodológico da AD em práticas que buscam, com seus modos de ensinar e aprender, provocar nos alunos outras possibilidades de se relacionar com a língua, a leitura e a escrita.” Assim, experiências com a Análise do Discurso em sala de aula refletem no fazer diário, faz com que o aluno reconheça a importância dos sentidos produzidos pelos enunciados, concordar ou discordar do que foi proposto, colocar-se na posição de autor.

A utilização do texto em sala de aula tem sido marcada pelas atividades de decodificação, identificação das ideias do autor, tomando como verdade um único sentido. Assim, o sentido já está posto, não havendo outro caminho a seguir, o que nos leva a acreditar que atividades como essa não promovem a reflexão, são estáticas. Compreender um texto é necessário para o processo de interpretação, pois como afirma Indursky (2020, p. 19), “a interpretação inicia na compreensão do texto, mas vai além de suas fronteiras. Interpretar implica igualmente tomada de posição por parte do sujeito leitor frente ao texto”, o que pode ser diferente da posição do autor.

As práticas de leitura precisam abordar textos com posicionamentos diferentes, o que promoveria outros possíveis sentidos de acordo com a posição de cada sujeito. Por meio desses textos, o sujeito-aluno, aquele que reproduz a informação do texto, passa a ser um sujeito-leitor, mas isso não acontece de forma repentina, “essa passagem se faz praticando.” (INDURSKY, 2020, p. 19)

Freda Indursky (2010a) aborda três tipos de leituras possíveis que podem ser produzidas pelo leitor, buscando se contrapor à leitura naturalizada, promovida desde sempre pela escola.

A primeira abordagem é a leitura parafrástica, aqui o leitor toma posse do posicionamento do autor, aceita e reconhece o sentido proposto por ele. Dessa forma, autor e leitor se encontram na mesma formação discursiva e também se identificam com a mesma posição-sujeito.

A segunda é a paráfrase discursiva, na qual o leitor pode se identificar, em partes, com o posicionamento proposto pelo autor, alguns deslizes de sentidos são encontrados. Na paráfrase discursiva, o leitor recorta do interdiscurso, outros sentidos sobre determinadas partes do texto para produzir sua leitura, assim, o leitor pode ser afetado pela mesma formação discursiva do autor, mas está em uma posição-sujeito diferente, concorda com alguns sentidos e discorda de outros.

E por último, a autora propõe os movimentos de leitura, neste caso o posicionamento do leitor é totalmente diferente do autor porque produz outros sentidos possíveis para uma mesma leitura. Autor e leitor divergem totalmente, ou seja, estão inseridos em formações discursivas diferentes e ocupam posições-sujeito diferentes, assim, o leitor faz o seu recorte no interdiscurso, considera sua posição sócio-histórica, produz sua leitura, constituindo, o que Indursky (2010a, p. 174) chama de “sujeito-leitor”.

O leitor também é afetado pela exterioridade, além de ser identificado com uma formação discursiva. Assim, o sujeito-leitor vai ocupar uma posição-sujeito em relação à

posição ocupada pelo autor, pode concordar com ela ou não. A produção da leitura será a partir do lugar social em que estiver ocupando, também pode coincidir ou não com a do autor. Essas duas posições estabelecem o processo de comunicação dentro do espaço simbólico produzido pelo efeito-texto. O leitor pode identificar-se com a posição-sujeito assumida pelo sujeito-autor, concordar com seu posicionamento ou discordar, criticando sua posição. Segundo Indursky (2001), é a partir desse processo que se estabelece a prática discursiva da leitura.

Para que o sujeito-leitor se constitua autor, o professor pode “sugerir atividades que mobilizem, não os conceitos teóricos da AD propriamente ditos, mas caminhos iluminados pela reflexão que a Análise do Discurso propicia.” (INDURSKY, 2020, p.27). Dessa forma, trabalhar com leitura, tendo por base a Análise do Discurso, faz com que diferentes sentidos se encontrem, juntamente com autor e leitor, com a finalidade de produzir uma leitura reflexiva que considera a formação discursiva, o momento de produção do autor e do leitor, bem como sua posição sócio-histórica. Assim, para Indursky (2010a, p. 175), “essa passagem do lugar de sujeito-leitor para o lugar de sujeito-autor é resultante, pois, do trabalho que a prática discursiva de leitura promove.”

As aulas de língua portuguesa são marcadas pelas atividades de gramática como identificação de classes gramaticais, classificação de advérbios, palavras quanto à acentuação tônica, dentre outras. Quando faz uso do texto, este é usado como pretexto, ou então para uma interpretação com respostas prontas, observando o que o autor quis dizer com determinado trecho. Dessa forma, os alunos não são motivados à produção de conhecimento, não estão abertos à autoria, ou melhor, não estão autorizados. De acordo com Lagazzi-Rodrigues (2017), “as palavras não estão coladas às ideias ou às coisas, e tampouco são indiferentes entre si. Dizer de diferentes maneiras produz diferentes sentidos, estabelece diferentes referências imaginárias”. (p. 96). Para tanto, é preciso desconstruir essa abordagem conteudística que limita os sujeitos, em busca de uma abordagem discursiva, que abre espaço para a produção do conhecimento, pois este não deve ser dado, mas sim construído.

Trabalhar com a Análise do Discurso em sala de aula é criar condições para práticas de leitura e escrita com o objetivo de dar viabilidade e visibilidade ao que é material na língua e romper com práticas automatizadas, dentro de um discurso autoritário imposto pela escola. As experiências com a Análise do Discurso na sala de aula têm permitido “pensar o ensino a partir do discurso, produzindo uma prática distinta da estabilizada, concebendo a linguagem em seu funcionamento, considerando o sujeito em suas condições sócio-históricas.” (SANTANA; SARIAN, 2020, p. 216).

O sujeito pode ocupar diferentes posições dentro de um mesmo texto, de acordo com a função exercida por ele. Assim, a Análise do Discurso traz como forte característica discursiva, a heterogeneidade, apresentando diferenças entre as funções ocupadas por esse sujeito. Orlandi (2012) aponta duas funções enunciativas do sujeito: a de locutor (o eu no discurso) e a de enunciador (as perspectivas que o eu constrói), mas para além dessas duas funções, há a função autor, que estaria em uma escala de hierarquia (locutor – enunciador – autor), sendo a função em que o eu assume enquanto produtor de linguagem. A partir dessa função, o sujeito precisa ser responsabilizado pelo seu dizer, pois “A responsabilidade do autor é cobrada em várias dimensões: quanto à unidade do texto, quanto à clareza, quanto à não contradição, quanto à correção etc. Exige-se uma relação institucional com a linguagem.” (ORLANDI, 2012, p.106).

Na verdade, toda a cobrança feita por professores em uma aula de produção textual acaba esbarrando na função autor, pois é isso que os professores esperam, que o aluno assuma a função autor dentro do seu texto e vá se construindo sujeito enquanto produz sua escrita, ou seja, há uma concomitância entre autor e texto, por isso “a autoria não é uma qualidade, mas uma prática na configuração de um texto.” (LAGAZZI-RODRIGUES, 2017, p. 109). Não é uma característica a ser desenvolvida no sujeito, mas sim uma prática constante a ser exercitada no espaço escolar com a finalidade de abrir novos horizontes tanto para alunos quanto para professores, entendendo sempre que o sentido pode ser outro e que não há uma única interpretação.

Para que o sujeito assuma a função autor, ele precisa externar sua construção histórico-social de acordo com seu contexto e com sua cultura, fazendo refletir em seu dizer. E para que isso aconteça é necessário experimentar práticas que mostrem seu domínio discursivo e dos processos textuais, se constituindo como autor na prática autoral. Para produzir um texto é preciso ter o que escrever, faz-se necessário uma memória discursiva sobre o assunto abordado, assim, o aluno precisa ter uma “bagagem” sobre aquilo que precisa escrever. Assim, o trabalho com o arquivo pedagógico pode colaborar para uma prática discursiva que proporcione a constituição do autor e de seu texto, dando suporte aos sujeitos e funcionar como uma memória que pode ser consultada sempre que necessário.

De acordo com Indursky (2019, p.107-108):

Parto do fato de que os saberes se organizam em redes de memória. E busco, através dos arquivos pedagógicos, criar um simulacro dessas redes. Os textos neles contidos podem ser associados a diferentes redes de memória e, através delas, inscrever-se em diferentes Formações Discursivas. Esses arquivos pedagógicos, criam, então, as

condições necessárias para que o aluno identifique essas redes e seus diferentes posicionamentos.

Assim, o arquivo pedagógico pode ser construído por professores com a colaboração dos alunos. Não se trata de um arquivo fechado, mas de um espaço para inserção de novos textos com diferentes posicionamentos. A atualização desse arquivo pode ser realizada constantemente, assim, haverá uma ampliação dessas redes de memória, sendo disponibilizada para consulta. O arquivo pedagógico funcionará como uma simulação do interdiscurso, ou seja, aquilo que já se falou sobre determinado assunto e a partir disso, o sujeito fará seu recorte, de acordo com suas construções sócio-histórica e cultural e reconheça parte de seu discurso.

Por meio do uso do arquivo pedagógico, o sujeito exercerá a função autor, que produz conhecimento e caminha para a constituição da autoria. Além disso, essa autoria deve ser trabalhada entre alunos e professores, pois ainda há uma barreira muito grande que limita as práticas de autoria na escola. Promover práticas de leitura e produção em que os sujeitos sejam capazes de elaborar/partilhar seus próprios conhecimentos colabora para o processo de formação do autor, que precisa ser contínuo.

Para Indursky (2010a, p.177),

[...] a prática da leitura deve mostrar ao aluno-leitor que o texto está sujeito à avaliação formal. Mas, também, e, sobretudo, que o texto pode ser tocado, contrariado discutido, ou seja, que ele demanda interpretação, sendo lícito dele discordar, em parte ou completamente. Esta postura frente ao texto vai mostrar que não há uma leitura única para um texto. E que uma leitura assim produzida vai transformar o aluno-leitor em um sujeito crítico e vai conduzi-lo a assumir seu lugar de autoria.

É com esse direcionamento que a proposta de trabalhar com o arquivo pedagógico em sala de aula visa ampliar e desenvolver no aluno essa capacidade de concordar ou discordar, validar seu posicionamento em sala de aula, reconhecer esse espaço como um lugar de interlocuções. Disponibilizar textos com posicionamentos diversos para que o aluno busque, de acordo com seu lugar social, com suas histórias de leitura, aqueles com os quais se identifica ou não, faz parte do processo de leitura discursiva.

O próximo capítulo abordará o uso do arquivo pedagógico e sua relação com a Análise do Discurso, além de discutir seu uso em sala de aula.

## 2 O ARQUIVO PEDAGÓGICO

### 2.1 O arquivo e a Análise do Discurso

Ao pensar a palavra arquivo, vários caminhos são apontados e revelam diferentes interpretações. Podemos imaginar um lugar físico ou digital onde se guardam informações, podemos pensar em enormes gavetas cheias de documentos, bibliotecas que arquivam registros antigos, conjunto de dados, na forma de texto, imagem ou som, identificados por um nome e armazenado em um lugar específico, disponível para consulta.

Dessa forma, entendemos que alguns arquivos são acessados com maior frequência, produzindo certas evidências de sentido, constroem uma espécie de memória coletiva, ou seja, as informações que, de certa forma, estão à disposição de todos. E, para que estas informações estejam dispostas em arquivos, acessados e lidos frequentemente, outros quase nunca acessados e nem lidos, são fundamentais para que estes sejam interpretados da forma como são ao longo da história. Na verdade, há um apagamento de outras interpretações possíveis, daquilo que não é permitido saber. Para Derrida (2001, p.11), a palavra arquivo “coordena aparentemente dois princípios em um: o princípio da natureza ou da história, ali onde as coisas começam [...], mas também o princípio da lei onde os homens e deuses comandam, ali onde se exerce a autoridade, a ordem social, nesse lugar a partir do qual a ordem é dada.”

Assim, ao trabalhar a noção de arquivo, compreende-se o princípio da história, o começo, o lugar onde buscamos informações de como as coisas se iniciaram. Já o princípio da lei, do comando, há uma seleção daquilo que é permitido saber e do que não é permitido. As interpretações já estão dadas de acordo com as informações dispostas para a sociedade, de certa forma, já consagradas tradicionalmente.

Pêcheux (2010) observa que o arquivo costuma ser entendido em seu sentido amplo como uma organização de documentos pertinentes e que estão disponíveis sobre uma questão. Assim, como os documentos são referentes a um tema, entende-se que há a necessidade de uma organização desses temas dispostos no arquivo. Fazer a leitura do arquivo, evidenciaria uma “leitura literal” (PÊCHEUX, 2010, p.51) para verificar se determinados documentos são referentes a um assunto ou outro, na verdade a apreensão do documento. Essa “leitura literal” seria inserida numa leitura interpretativa, constituindo o que Pêcheux (2010, p. 51) vai chamar

de “um espaço polêmico das maneiras de ler”, descrevendo o trabalho do arquivo e sua relação com ele mesmo e o trabalho da memória coletiva em confronto consigo mesma.

Uma outra leitura de arquivo é a gerada pelos aparelhos de poder de nossa sociedade, formando a memória coletiva. Na verdade, há leituras autorizadas, impondo ao sujeito-leitor o apagamento de todas as outras, sobre a prática silenciosa de uma leitura consagrada por instituições que exercem o poder na sociedade. De acordo com Lucília Maria Souza Romão, Maria Cristina Leandro-Ferreira e Silmara Dela-Silva (2011, p.11):

Pelo efeito ideológico, fica parecendo óbvio que alguns dados sejam expostos e outros fiquem à margem ou silenciados, que certos documentos recebam prestígio e outros sejam descartados, que áreas do arquivo sejam reservadas apenas para alguns e fiquem impedidas de acesso para tantos outros.

Na verdade, pensar o arquivo é pensar na relação entre o desejo do sujeito em ter acesso a determinada informação e a limitação imposta por instituições consagradas, estabelecendo o que será lido do arquivo e o que não poderá ser lido. Assim, é possível perceber como o controle e o político se entrelaçam no arquivo. É importante pensar que quando um arquivo é constituído, muitos outros foram apagados ou silenciados.

A língua é passível de jogo e o homem tem a capacidade de jogar sobre o sentido. Para Pêcheux (2010, p. 57), “é esta relação entre língua como sistema sintático intrinsecamente passível de jogo, e a discursividade como inscrição de efeitos linguísticos materiais na história, que constitui o nó central de um trabalho de leitura de arquivo.” Assim, tudo ou quase tudo pode ser investigado.

Pensar no trabalho com leitura de arquivo para a análise do discurso é pensar que os arquivos de textos são fatos da língua, já que, para Pêcheux (2010), o arquivo se situa entre a materialidade da língua e da história. E a língua, para a Análise do Discurso é passível de contradição, de jogo com e sobre os sentidos, não sendo transparente, pois está inserida na história. Na verdade, o sentido não está lá, é preciso compreender como o texto traz esses sentidos, considerando seu contexto de produção, pois está inserido na história. Dizer que a língua não é transparente é entender que o sentido não está posto, não está pronto nem é único, sem possibilidade de equívocos.

A noção de arquivo tem sua importância para os estudos da Análise do Discurso, pois nos permite abarcar objetos discursivos de diferentes materialidades significativas, como por exemplo o modo como os pesquisadores são afetados diante de determinados arquivos, dependendo de sua posição social, cultural, política, ideológica, ou seja, de sua inserção na história, assim, não há como separar o arquivo da história.



O funcionamento discursivo do arquivo estabelece relação com a noção de memória. Essa relação vai além do plano linguístico, atingindo o plano político-ideológico, trabalhando os conceitos de apagamento e lembrança, estando intimamente ligados ao arquivo. Orlandi (2001a, p. 209) define memória discursiva “como estruturada pelo esquecimento, e a memória de arquivo, memória institucionalizada que apaga o esquecimento, organizando o discurso documental.” Dessa forma, o arquivo trabalha com a fronteira entre a ilusão de tudo reunir e o fato de não ser possível arquivar tudo, pois não há como reunir e arquivar todos os dados sobre determinado tema.

A formulação da palavra arquivo proposta por Pêcheux (2010) é fundamental para os pesquisadores de modo geral. O pesquisador precisa organizar e reunir os documentos necessários para formar o seu corpus de análise que pode ser constituído de material já existente, ou seja, do arquivo. Ao organizar e selecionar os materiais necessários para determinada pesquisa, o pesquisador produz o que Indursky (2019, p. 102) chama de material em “estado bruto” e que para construir o corpus discursivo é preciso fazer uma primeira leitura desse material, recortando desses documentos, sequências discursivas de acordo com o objetivo de determinada pesquisa. Dessa forma, o pesquisador deslineariza as sequências desse material, formando seu corpus discursivo.

O arquivo do pesquisador não possui completude e não se encontra fechado. Sempre que precisar e desejar, o pesquisador pode retomar o seu arquivo, inserir novas coletas, tendo como base seus objetivos de pesquisa. Ainda, de acordo com Indursky (2019, p. 102), aqui temos uma propriedade fundamental do arquivo: “ele existe na dispersão e na incompletude”, ou seja, não há como encontrar todos os documentos em um único lugar. É papel do pesquisador organizar seu arquivo de pesquisa, fazendo a reunião de documentos e materiais necessários e disponíveis ao seu trabalho.

## **2.2 O arquivo pedagógico e a sala de aula**

Todo pesquisador pode organizar seu arquivo de acordo com os objetivos de sua pesquisa. Assim, toda pessoa que desejar, também pode organizar um arquivo, seja ele para reunir documentos pessoais como (fotos, vídeos, músicas, etc.) e também arquivos de trabalho (como documentos importantes, contratos, modelos de documentos, etc.).

Nós, enquanto professores, também organizamos nosso arquivo, reunindo atividades propostas, avaliações, textos, trabalhos produzidos pelos alunos, etc. E nesta seção, nos

ocuparemos destes arquivos, chamados por Indursky (2019) de “arquivos pedagógicos”. Na verdade, o arquivo do professor se destina à pesquisa, e também à reunião de atividades a serem propostas para realização em sala de aula, já que o professor precisa ser um constante pesquisador, além de selecionar e preparar materiais para o planejamento de suas aulas.

O arquivo do professor pode ser organizado de acordo com textos que tenham a mesma temática, personagens com mesmas características, charges e tirinhas abordando um assunto específico, etc. Essa organização vai depender do trabalho a ser realizado pelo professor em determinada turma e de acordo com os objetivos pretendidos. Vale ressaltar que a organização do arquivo pedagógico se aproxima do discurso documental (INDURSKY, 2019), mas este não é produzido por instituições e sim pelo professor, podendo até ter a colaboração dos próprios alunos. Esse arquivo deixa lacunas, assim como a memória discursiva, que é estruturada pelo esquecimento.

Indursky (2019, p. 104) considera a produção do arquivo pedagógico como “representação/ simulação do interdiscurso e da memória discursiva”. De fato, não é possível representar nem a memória discursiva, nem o interdiscurso, por isso a autora justapõe à representação, a noção de simulação, já que o arquivo pedagógico traz a proposta de simular o interdiscurso dentro de um contexto bem menor, restrito e que trabalha com uma seleção de textos que focam em determinado tema.

Assim como a memória discursiva é da ordem da incompletude, os arquivos pedagógicos são sempre lacunares. Há sempre a possibilidade de inserção de novos documentos, revelando o fato de não ser possível reunir todos os textos sobre um mesmo tema, havendo a possibilidade de, a qualquer momento, esse arquivo receber mais textos, estando sempre incompleto.

O interdiscurso representa tudo que já foi dito anteriormente sobre determinado assunto, retornando de forma anônima e inconsciente aos textos e discursos dos sujeitos. Assim, o arquivo pedagógico será composto de textos que abordem um mesmo assunto, mas com posicionamentos diferentes, como diz Indursky (2020, p.28) “formar uma coletânea de textos em torno do mesmo assunto, mas com pontos de vista diversos”, deixando claro que não são organizados de acordo com uma única formação discursiva.. Dessa forma, após a leitura, cada sujeito fará o seu recorte, organizando o seu discurso de acordo com suas condições sócio-histórica e ideológica.

Para Indursky (2019, p. 104), “Pêcheux já nos dizia que o discurso não existe isoladamente. Ele retoma discursos anteriores e aponta para discursos futuros”. Assim, a leitura de um texto ecoa em outro, podendo o sujeito estar de acordo com seu posicionamento,

seguir na mesma direção e afirmar os sentidos produzidos, ou posicionar-se de forma contrária, assumir outra direção e buscar novos sentidos. Dessa forma, um texto, ao fazer parte de uma rede de memórias, passa a fazer parte da história social dos textos, se instituindo como uma prática social.

Ainda de acordo com Indursky (2019), para que o sujeito se inscreva na prática de escrita, precisa antes passar pela prática da leitura e construir suas histórias de leitura, esse funcionamento em rede é fundamental para as práticas discursivas de leitura e escrita, já que para escrever é preciso ter o que escrever, algo para contar. Dessa forma, é possível notar a importância do processo de leitura para a escrita, pois é necessário para o bom desenvolvimento do processo de escrita, a história de leitura construída por cada sujeito.

E como construir histórias de leitura na escola? O arquivo pedagógico pode colaborar para o desenvolvimento dessa prática, proporcionar um trabalho reflexivo de leitura e escrita, e assim contribuir para diminuir a grande dificuldade dos alunos diante do papel em branco. Recorrer aos arquivos pedagógicos será uma forma de mostrar aos estudantes que os textos não se iniciam neles mesmos, mas retomam outros textos, concordam, discordam e ressoam. Isso dará ao aluno a possibilidade de perceber que pode apropriar-se da escrita, dando a ela características, de acordo com suas condições sociais, históricas e ideológicas.

Pensando um pouco sobre os discursos que circulam na escola, Orlandi (1987) traz o discurso pedagógico como uma fala que ecoa nos espaços escolares. A presença do discurso autoritário se apresenta na leitura de muitos textos, principalmente naqueles em que os sentidos estão postos e não há a possibilidade de questionar as informações. Esse discurso se faz presente na instituição escolar imposto ao professor que sobre pressão do sistema, no currículo, na direção da escola, no projeto político pedagógico, no livro didático, utilizado como única fonte de conhecimento, inquestionável, e assim perpetua e inibe qualquer possibilidade de autoria.

Em contrapartida, o arquivo pedagógico pode ser uma ponte que estabelece um caminho para o discurso polêmico proposto por Orlandi (1987) como uma forma de rebater o discurso autoritário, pois o arquivo pode ser formado por textos de diferentes posicionamentos, aberto a novas inserções. Dessa forma, o uso do arquivo pedagógico na sala de aula, pode proporcionar o desenvolvimento crítico do sujeito, e, conseqüentemente, promover a autoria dos alunos.

Para Orlandi (1987, p. 215):

E para isso não se pode prescindir da convivência múltipla, aberta e total com textos, ou seja, bibliotecas, arquivos, coleções, recortes, etc. que devem estar à inteira

disposição dos alunos. Tendo acesso a um material variado, e que ele ajuda a constituir como material didático, terá também uma visão crítica dele e a consciência e da provisoriedade e da validade desse material enquanto instrumento para o conhecimento de algo.

Assim, a organização do arquivo também contribui para esse olhar crítico, que reconhece os diversos sentidos que um mesmo texto pode ter, abrindo espaço para que a autoria aconteça.

O trabalho com o arquivo pedagógico pode proporcionar ao aluno ter acesso a um conjunto de textos sobre determinado tema, estando à disposição para consultá-los sempre que necessário. O arquivo foi organizado por uma temática, mas com variedades de posicionamentos, além de textos normativos (documentos legais sobre a temática), assim o aluno será conduzido a criar sua história de leitura, de acordo com os sentidos produzidos, o que colabora para a apropriação de informações e, a partir disso, cria seus próprios textos.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Natureza da pesquisa

Como já mencionado anteriormente, esta pesquisa está alicerçada na Análise do Discurso de base materialista, fundada por Michel Pêcheux em 1969, na França. Assim, a metodologia está de acordo com esse aporte teórico, que mobiliza conceitos e articula saberes, pois trata-se de uma disciplina que está em constante construção/reconstrução, reconfigurando o seu dispositivo de análise. Para Verli Petri (2012, p. 40), “o dispositivo teórico-metodológico da Análise do Discurso se constrói num movimento pendular entre teoria e análise”, por isso, a autora trabalha com o conceito de “pêndulo”, estabelecendo uma relação com esse objeto e o movimento realizado por ele.

Assim como o pêndulo está em suspenso e tem o movimento de ir e vir, nem sempre fazendo o mesmo caminho, a metodologia na Análise do Discurso trabalha com essa ideia de movimento entre teoria e análise. De acordo com Petri (2000, p.123), em Análise do Discurso, “a construção do trabalho se dá num *movimento pendular*, no qual o pesquisador está sempre no ir e vir da teoria para o *corpus*, do *corpus* para o arquivo, do arquivo para a teoria e assim sucessivamente, até construir um dispositivo teórico e analítico satisfatório”.

O movimento pendular pode fazer caminhos diferentes da teoria para a análise ou vice-versa e, dessa forma, podemos compreender que, por meio dessas idas e vindas, há um avanço da teoria que busca novas metodologias de análise para compreender os diversos pontos de passagem do pêndulo. Por isso, em Análise do Discurso, “o analista de discurso instala-se no interior mesmo do espaço discursivo para dali compreender a produção de sentidos”. (PETRI, 2012, p. 46).

Essa metodologia não realiza uma leitura horizontal, linear, buscando informações sobre o texto do início ao fim, mas faz uma análise profunda, viabilizada pela descrição e interpretação, examinando as posições assumidas pelos sujeitos, os lugares e as imagens presentes na materialidade discursiva. Ainda segundo Petri (2012, p. 41-42):

A metodologia da Análise de Discurso existe, mas não para, está em suspenso, em movimento, (de) pendendo como o pêndulo, relativizando os olhares sobre o mesmo objeto. Isso a caracteriza em constante movimento, como metodologia capaz de apresentar-se como singularidade.

É preciso compreender que a metodologia na Análise do Discurso não é única, muito menos exclusiva. Cabe ressaltar que o olhar para a teoria é individual, de acordo com cada analista, pensando no seu corpus de análise, movimentando as noções teóricas que produzirão sentidos dentro de sua pesquisa, reconhecendo que, mesmo que tenha diversos olhares para um mesmo corpus, ainda assim, cada um produzirá um sentido, de acordo com suas histórias de leitura, suas condições de produção e suas experiências.

Utilizar metodologia embasada na Análise do Discurso propõe partir do texto, considerado um produto histórico, que, de acordo com Gallo (1989, p. 23), “refaz a trajetória do sujeito que produziu o texto através das pistas que o texto oferece, passando necessariamente pelas condições de produção do texto (o discurso), para retornar finalmente ao texto e compreendê-lo.” Assim, a metodologia desta pesquisa não é estática, está sempre em movimento, entre idas e vindas ao objeto de pesquisa, o analista de discurso estabelece relação com a teoria, mapeando o melhor caminho para alcançar seus resultados, que estarão condicionados ao contexto sócio-histórico, e que pode mudar, de acordo com o sujeito, com o discursos, com o momento de análise. Não há um único caminho, mas possibilidades que direcionam o analista à compreensão.

### 3.1.1 Princípios teóricos do caderno de atividades

Enquanto professora da educação básica, buscar por teorias que colaboram com o processo de ensino aprendizagem no espaço da sala de aula promove reflexões sobre as práticas. Apesar de ter o conhecimento de que a Análise do Discurso não tem como finalidade trabalhar com o ensino, “entretanto, nada impede que um professor se aproprie do fazer teórico-metodológico desse campo de conhecimento e o conduza à sala de aula.” (INDURSKY, 2011, p. 330-331).

Esta pesquisa tem natureza qualitativa, uma vez que, segundo esta perspectiva, um fenômeno tem melhor compreensão no contexto em que ocorre, valorizando uma análise integrada. Além disso, segue o paradigma interpretativista que busca estudar os fatos que envolvem os seres humanos e suas relações em sociedade nos mais variados ambientes. Segundo Stella Maris Bortoni-Ricardo (2008, p.34), autora inserida no campo da Sociolinguística, “a pesquisa qualitativa procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto”. Dessa forma, o espaço da sala de aula é um lugar propício para o desenvolvimento desta pesquisa, objetivando a solução e/ou a redução dos problemas

encontrados neste espaço. Deixo claro aqui, que a autora citada pertence a outra corrente linguística, mas que, de certa forma, contribui para a pesquisa desta dissertação, envolvida no espaço educacional.

O professor é um pesquisador constante, pois a sala de aula é o espaço onde essa pesquisa acontece, surgindo inúmeros questionamentos. As dificuldades encontradas pelos alunos e pelos professores, durante sua prática nas aulas, leva a reflexão de como buscar alternativas para melhorar sua atuação em sala de aula e também de como contribuir para o desenvolvimento de seus alunos, de forma significativa. Dessa forma, Bortoni-Ricardo (2008, p. 46) entende que “o professor pesquisador não se vê apenas como um usuário de conhecimento produzido por outros pesquisadores, mas se propõe também a produzir conhecimentos sobre seus problemas profissionais, de forma a melhorar sua prática”.

A delimitação do corpus de análise é necessária para o desenvolvimento da pesquisa, pois não temos a pretensão de dar conta de tudo, já que os discursos estabelecem relações com discursos anteriores e direciona para outros. De acordo com Orlandi (2010), “Não se objetiva, nessa forma de análise, a exaustividade que chamamos horizontal, ou seja, em extensão, nem a completude, ou exaustividade em relação ao objeto empírico. Ele é inesgotável.” (p. 60).

Levar práticas inspiradas na Análise do Discurso para a sala de aula é compreender que a análise vai além das estruturas linguísticas, ultrapassa o limite da frase e chega ao funcionamento do discurso. Esse discurso é historicamente constituído, ideologicamente marcado pelas relações sociais e o professor precisa compreender a interpretação, a leitura ou mesmo a escrita do aluno como um discurso que estabelece um paralelo com o exterior, aberto ao diálogo, e, deve considerar que a Análise do Discurso se interessa “pelos efeitos de sentido que, em certas condições de produção, um dado funcionamento linguístico pode produzir.” (INDURSKY, 2011, p. 330)

Uma pesquisa que envolve a sala de aula nos leva à reflexão constante, ou seja, nos direciona ao caminho da teoria-prática-teoria, já que , constantemente a prática faz parte de nossa atuação. Assim, ao utilizar a teoria sobre determinado assunto, observa-se o caminho traçado e os resultados obtidos, a partir dessa observação, analisamos a necessidade de retomar a teoria em busca de novos caminhos.

Dessa forma, há uma relação da abordagem teórica com o material teórico-metodológico utilizado para que o professor reflita sobre o fazer educacional, remetendo ao “movimento pendular” de Petri (2000, p.123), no verdadeiro ir e vir entre teoria e prática e vice-versa. Segundo Solange Mittmann (2007, p.154):

E, por nosso objeto de análise ser um objeto teórico, é preciso ressaltar que a teorização determina o procedimento metodológico, e ambos levam à constituição do corpus, o que significa dizer que o corpus não está dado, mas é constituído pelo gesto do analista de ler, relacionar, recortar e, novamente, relacionar.

A sala de aula é o espaço do professor pesquisador, mas este espaço não é fechado em si, recebe influências exteriores que, juntamente com as práticas de sala de aula constituem o objeto de pesquisa, assim como o discurso, que vai se formando no ato de ler, produzir e/ou interpretar, ou seja, “o corpus resulta de uma construção do próprio analista”. (ORLANDI, 2010, p.61).

O desenvolvimento da pesquisa tem como foco o estudo teórico sobre os principais conceitos utilizados neste projeto, com a finalidade de ampliar e promover o uso da Análise do Discurso em sala de aula. Com a intenção de levar o aluno a construir sua autoria, proponho a criação/elaboração de um arquivo pedagógico para uso de outros professores, bem como de atividades que poderão ser realizadas com o uso deste arquivo. A seleção de textos poderá partir de temáticas atuais, assim o professor pode selecionar dentro de determinado conjunto de textos, aqueles que estão de acordo com a realidade de sua escola e/ ou alunos, promovendo um aprendizado significativo.

### **3.2 Contexto inspirador da pesquisa**

A pesquisa foi inspirada em uma escola municipal, localizada no município de Tanguá, interior do Estado do Rio de Janeiro. A escola está situada no centro da cidade e recebe alunos de diversos bairros. Atua com a educação infantil, ensino fundamental I e II e educação de jovens e adultos.

Nas turmas de 8º ano do ensino fundamental, de aproximadamente 30 alunos em cada com distorção série/idade, observei o problema que minha pesquisa aborda. Na verdade, não se trata de uma dificuldade recente, o trabalho com leitura e produção textual sempre se mostra um processo difícil de realização dentro do espaço escolar. E por vezes, o professor acaba focando na gramática e deixa de lado o processo de leitura e escrita. Durante minha atuação profissional, muitas inquietações surgiram, o que me levou ao caminho da pesquisa, com o objetivo de refletir sobre minha prática, e com isso contribuir para o aperfeiçoamento do aprendizado do meu aluno.

Ao iniciar o ano letivo, sempre buscamos ideias e novas propostas para o trabalho com a leitura e escrita. Nas escolas municipais em que atuo, há a Olimpíada de Língua Portuguesa



que deve ser trabalhada pelos professores. Está organizada em oficinas que podem ser adaptadas pelos professores e abordam como tema “O lugar onde vivo”.

Durante uma das oficinas propostas, ao trabalhar com a crônica “Catadores de tralhas e sonhos” do autor Milton Hatoum, os alunos puderam expor seus sentimentos sobre a leitura e audição do texto e junto a isso solicitei uma produção, partindo de um fato do cotidiano, os alunos precisam pensar no lugar onde vive, observar o seu bairro e a sua cidade. Um dos alunos me chamou muito a atenção, pois seu texto trazia algumas informações, mas sem um fato gerador, sem um assunto do cotidiano e nada sobre seu bairro ou sua cidade e quando questionado, me disse o seguinte: “professora, eu não tenho um fato e nem uma história para contar”. Esta resposta veio carregada de reflexões e questionamentos sobre minha prática. Observei que, apesar de não ter nada para escrever, sua resposta trazia muitas informações e era necessário trabalhar isso para mudar a perspectiva dos alunos diante da escrita.

Era preciso que se sentissem parte da história do lugar onde vivem e relacionassem essa exterioridade com o seu texto. Quando falamos em produção de texto com os alunos é possível perceber que alguns têm uma verdadeira aversão à escrita. E ao receber um texto em que o aluno diz “não tenho nada para escrever”, precisamos ler nas entrelinhas. O que o aluno quer dizer? Como proceder com as atividades diante dessas respostas? Será que ele não tem mesmo nada para escrever? Nosso trabalho precisa ser cíclico, precisamos retomar sempre, resgatar esses alunos que, por vezes, ficam pelo caminho e, na maioria dos casos, justificamos o fato de não produzirem nada apenas por não gostarem de escrever ou ler.

Ao receber algumas atividades, notei a insegurança diante do texto escrito, da atividade realizada, a preocupação com o que eu iria achar daquilo que escreveram. Um outro aluno, na entrega de uma das tarefas, escreveu: “Tentei. Não ficou bom, mas foi o que consegui.” Nota-se, em sua fala, a desvalorização do que escreve, e que, antes mesmo da voz do professor sobre o seu texto, o próprio aluno já o avalia de forma negativa.

Durante a realização das oficinas, refleti muito sobre minha prática, levantei muitos questionamentos sobre a realização de certas atividades. A busca pelo caminho correto foi incessante, mas, por vezes, entramos num desvio e erramos e, às vezes, acertamos. Não é possível estabelecer um caminho único, se faz necessário a busca por lugares desconhecidos, tentando ampliar o conhecimento, atingindo o aluno para promover seu aprendizado. A experiência deve ser, na fala de Jorge Bondía Larrosa (2002) “uma abertura para o desconhecido”, fazendo com que alguma coisa aconteça, algo único, singular, impossível de ser repetido. E nós, professores, devemos buscar alternativas para promover essas experiências nos alunos.

A sala de aula é esse espaço do plural, é ali que descobrimos novas formas de aprender e ensinar. É o meu aluno que traz esse novo caminho, cheio de novas experiências. Trabalhamos com pessoas e necessitamos desse olhar afetivo, muito além do conteudista, da prova, da nota, da aprovação ou reprovação.

### 3.3 A elaboração do caderno de atividades: condições de produção

Abordar a temática “Cidadania” na e para a escola é reconhecer a educação como parte essencial da formação integral e autônoma dos sujeitos, estabelecendo uma relação com os fatores que podem influenciar e/ou determinar a sua realidade social. É preciso trabalhar de forma a levar os alunos a entender o mundo ao seu redor, situando-os na realidade do nosso dia a dia para compreenderem os seus direitos e deveres.

Para Orlandi:

Não se ensinam os Direitos, diríamos, mas podemos criar, pela educação, condições para evitar que os sujeitos sejam presos de evidências que os impediriam de colocar-se de modo crítico à realidade que desrespeita a vida, a liberdade, a segurança, o direito ao trabalho, etc. (ORLANDI, 2007, p. 307)

Assim, faz-se necessário desenvolver atividades que promovam o respeito aos direitos humanos, que são comuns a todas as pessoas, correspondendo à dignidade dos seres humanos, já que vivemos em uma sociedade marcada pela desigualdade social, gerada pela má distribuição de renda, dessa forma, o espaço escolar representa a oportunidade de realizar ações que visem o enfrentamento de todas as formas de discriminação e a violação dos direitos dos cidadãos. Nossa sociedade ainda está distante de uma vivência cidadã plena, constantemente nos deparamos com elevados níveis de desigualdades sociais, regionais e raciais

Em 2022, retomamos as aulas presenciais depois de dois anos de ensino remoto. Confesso que, o período de aulas remotas foi um processo muito difícil, mas também de muito aprendizado. Retornar para a escola foi uma alegria imensa, mas ao mesmo tempo foi possível notar que aqueles alunos que entraram no remoto em 2020 estavam de volta em 2022 totalmente diferentes. E que diferenças eram essas?

Nós, professores, estávamos preocupados com os conteúdos apreendidos durante o período remoto e toda a preocupação estava em torno do aprendizado do aluno relacionado ao conteúdo programático para o ano em questão. Porém, ao nos depararmos com as turmas,

notamos que seria necessário trabalhar a importância e o valor que a escola tem, a cidadania, o respeito com os demais colegas, professores e funcionários. A disciplina escolar, tanto relacionada aos estudos, a realização das atividades, quanto à rotina dos direitos e deveres tem sido uma tarefa árdua. É possível notar que estão com um vocabulário inadequado, uma agitação extrema que acaba gerando conflitos entre os alunos tanto da própria sala quanto entre uma turma e outra. O respeito para com o outro é muito raro de se ver, os conflitos marcam o espaço da sala e também dos intervalos. A fala dos alunos se mostra desrespeitosa e não conseguem reconhecer os erros, justificando-se com os erros dos outros.

Junto a isso, temos as dificuldades com a leitura e escrita de textos em que se expressem, em que sejam autores de seus textos. Dessa forma, diante de tantas dificuldades para levar os alunos a reconhecer os direitos e deveres, a importância da cidadania para a atuação em sociedade, o valor que a escola tem na vida do estudante e também, saber que isso influencia na sua atuação no espaço escolar e na vida em sociedade, esta pesquisa teve como foco a elaboração de um caderno de atividades com temática na cidadania, trazendo a proposta de formar o aluno para a atuação em sociedade, consciente de seus direitos e deveres, capaz de reconhecer valores importantes de acordo com suas vivências.

Assim, precisamos levar nossos alunos a serem autores de seus textos, saberem se posicionar sobre determinado tema e valorizar a importância do assunto para a sua formação. O desenvolvimento da autoria do aluno requer conhecimentos sobre a temática proposta e para tanto, o uso do arquivo pedagógico terá importante função, pois pode promover a ampliação e o desenvolvimento do conhecimento tanto dos alunos quanto de outros professores.

A elaboração do caderno tem a proposta de sugerir atividades que possam ser trabalhadas em sala de aula com a temática “Cidadania”. Vale ressaltar que não temos a pretensão de dar conta de todos os assuntos relacionados a essa temática, muito menos de estabelecer um único caminho a ser trilhado pelo professor. As atividades aqui propostas são abertas às adaptações e modificações de acordo com cada professor e também com o contexto em que será trabalhada.

Importante abordar o uso do caderno como um trabalho que pretende promover contribuições para o aprendizado dos alunos e também do professor, pois, para Bortoni-Ricardo (2008), autora inserida no campo da sociolinguística, o professor deve refletir sobre a própria prática e, assim, analisar o desenvolvimento de sua atuação, dessa forma, pode buscar caminhos para solucionar e/ ou minimizar as dificuldades encontradas por meio de novas estratégias.

Ao longo dos anos, diversas políticas públicas vêm sendo implantadas, evidenciando os sentidos da educação básica, que, de certa forma, são estabelecidos por meio de reformas na educação. Uma dessas reformas mais recentes é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2017, e que tem como objetivo garantir aos alunos os conhecimentos necessários à vida social, contribuindo para o desenvolvimento dos cidadãos. A BNCC está estruturada a partir de áreas constituídas por componentes curriculares compreendidos em dez competências gerais da educação básica.

De acordo com Nogueira e Dias (2018, p.29-30):

Vale dizer, a respeito do processo de elaboração da BNCC, que as últimas versões do texto não foram amplamente discutidas com a sociedade e houve e há resistência a essa proposta. Em nome de um discurso de flexibilidade, fortemente presente no projeto de reforma do ensino médio e também na BNCC, pela abordagem por competências, estaria assim, num outro polo, colocando a rigidez ao educador, que deveria seguir manuais e aplicar técnicas e avaliar conjuntos de competências.

Assim, levando em consideração os sentidos postos em disputa na BNCC, é preciso considerar as condições sócio-histórica de produção desse discurso, uma vez que foi elaborado em um período conturbado no meio político. Portanto, ao fazer uso dessa política pública que está presente nas escolas, é preciso avaliar cada ação, entender a importância do processo educacional na formação do aluno enquanto cidadão de direitos e deveres.

Destacam-se nesse documento os desafios enfrentados pelos professores do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, dadas às mudanças biológicas, psicológicas, sociais e emocionais pelas quais passam os estudantes dessa fase. Acerca disso, aponta:

As mudanças próprias dessa fase da vida implicam a compreensão do adolescente como sujeito em desenvolvimento, com singularidades e formações identitárias e culturais próprias, que demandam práticas escolares diferenciadas, capazes de contemplar suas necessidades e diferentes modos de inserção social (BRASIL, 2018, p. 60)

Dessa forma, o trabalho com a linguagem, abordando temas variados na análise e produção de textos que circulam nas esferas da atividade humana, podem colaborar para o desenvolvimento das competências gerais da BNCC. A temática proposta para o caderno de atividades tem por finalidade compreender as seguintes competências gerais da BNCC:

9 – Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

10 – Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (BRASIL, 2018, p.9)

Importante salientar que essas competências não estão colocadas aqui como uma meta a ser seguida, como um processo a ser avaliado nos alunos, verificando se atingiram ou não, mas sim como um suporte para o trabalho com o tema proposto para o caderno, pois como afirmam Nogueira e Dias (2018), “o discurso das competências parece ser sedutor para trabalhar na evidência de sentido de uma educação supostamente democrática.” (p. 45) Para tanto, se faz necessário a busca por sentidos discursivos imersos na exterioridade, reconhecendo o aluno como parte do processo educacional.

Assim, reafirmo que este trabalho está fundamentado na Análise do Discurso de base materialista, e, reconhece o sujeito como parte do processo, já que esta teoria trata do discurso. Como afirma Orlandi (2015, p. 13), “o discurso é assim, palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”. As propostas de atividades do caderno buscam trabalhar o sujeito e sua exterioridade, dessa forma, considerar sua relação com o discurso faz parte das etapas de realização das atividades.

O trabalho com o caderno de atividades tem proximidade com o livro didático, a gramática, o dicionário, no sentido de que relaciona língua e sociedade, pois de acordo com Sylvain Auroux (2014, p. 71), “a gramatização modificou profundamente a ecologia da comunicação e o estado do patrimônio linguístico da humanidade”.

Auroux (2014) aborda o conceito de gramatização como “o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário.” (p. 65), pois em uma gramática há diversas informações que podem ser verdadeiras ou falsas, sendo assim, uma descrição da língua.

Além de descrever a língua, o que não ocorre de forma simples e natural, Auroux (2014) diz que é preciso considerar a gramática como um instrumento linguístico “que prolonga a fala e dá acesso a um corpo de regras e de formas que não figuram juntas na competência de um mesmo locutor.” (p. 70), portanto, com o surgimento dos instrumentos linguísticos, as práticas linguísticas humanas não ficam intactas.

Dessa forma, assim como a gramática e o dicionário, o caderno de atividades elaborado nesta pesquisa, também pode funcionar como um instrumento linguístico, capaz de ampliar a competência linguística do falante. Para José Simão da Silva Sobrinho (2013, p. 313), “os instrumentos linguísticos se definem por seus vínculos com a ideologia no modo como determinam historicamente as relações entre língua, sujeito e sociedade. Ainda, de

acordo com Sobrinho (2013), a forma como a sociedade se constitui historicamente, requer o uso de outros instrumentos linguísticos, além da gramática e do dicionário.

Diante do exposto, considerar o caderno de atividades um instrumento linguístico é entender que, de acordo com Phellipe Marcel da Silva Esteves (2014, p. 71), “há uma discursivização que afeta o espaço linguístico, mas que não deixa de significar também os outros espaços (culturais)”.

Para Auroux (2014), a gramática e o dicionário produzem um saber metalinguístico, ou seja, buscam descrever a língua utilizando a própria língua. Já para Esteves (2014, p. 70), as enciclopédias produzem “metassaberes”, pois trabalham com a ilusão daquilo que pode ser apreendido com a finalidade de divulgar e ensinar conhecimentos de diversas áreas do saber.

A utilização do caderno de atividades para trabalhar com a temática “Cidadania” visa desenvolver valores nos alunos, além de ampliar o conhecimento e o debate de forma crítica, indo além do trabalho com a língua, assim, pode ser considerado um instrumento de metassaber, pois de acordo com Esteves (2014, p. 71):

Enquanto os instrumentos de saber metalinguístico ocupam um espaço que se pretende descrever a língua pela língua (metalinguagem), os instrumentos de metassaber ocupam outro, que se inscreve no desejo de descrever o saber pelo saber (metassaber), e necessariamente pela língua como base material. Isso se confirma pela regularidade com que as enciclopédias se anunciam, em seus elementos pré-textuais, como bibliotecas, como obras em que tudo que é necessário saber será encontrado.

Assim, o caderno de atividades, juntamente com o arquivo pedagógico pode ser considerado um instrumento linguístico de metassaber, já que busca trabalhar a cidadania pela própria cidadania, tendo a língua como base material, levando os alunos a observarem suas próprias atitudes cidadãs e aprenderem por meio delas.

O material elaborado nesta dissertação atua de forma a ser uma referência para o trabalho na escola, assim, sua utilização promove o desenvolvimento de saberes além da língua, incidindo “no processo de referendar e de legitimar discursos em circulação, numa tentativa (falha, ilusória) de apagamento do contraditório do sentido” (ESTEVES, 2014, p. 71).

O caderno de atividades é direcionado aos professores que atuam na educação básica, e se dirige, principalmente, a alunos do fundamental II (6º ao 9º ano). As atividades terão como foco turmas de 8º ano, mas nada impede que o professor faça as adequações necessárias para que seja utilizado em outros anos escolares.

Dessa forma, a escolha da temática tem por objetivo colaborar para o desenvolvimento das práticas discursivas na sala de aula, fundamentais para a formação do cidadão, atuante não só no espaço escolar, mas na sociedade como um todo.

Segundo Kohan (2019, p. 88):

A escola é pública porque é para todos, no sentido de poder ser igualmente habitada por qualquer um e de se constituir num espaço em que as desigualdades entre seus habitantes ficam suspensas, interrompidas no momento em que todos e qualquer um a habitam ativamente, deixando uma marca própria.

Assim, o caderno de atividades tem por finalidade desenvolver essas práticas ativas nos alunos, colaborando para a constituição da autoria, ou seja, na verdade os alunos serão incentivados a deixarem suas marcas no chão da escola, reconhecer os direitos e deveres de cada um, ocupar os espaços que lhes são devidos. Ao deixar essas marcas, entende-se que o sujeito também as leva consigo, o que vai refletir em sua atuação enquanto cidadão, pois a temática não está centrada somente na escola, mas na vida em sociedade.

## 4 A PROPOSTA DO CADERNO DE ATIVIDADES: ANÁLISE E DISCUSSÃO

### 4.1 Organização e objetivos do caderno

A pesquisa está centrada no trabalho com leitura e produção de textos e utiliza o arquivo pedagógico, colaborando para o desenvolvimento da autoria dos alunos. Assim, o caderno de atividades versa sobre a temática “Cidadania” e busca compreender as chamadas competências básicas da BNCC citadas anteriormente, tendo ali um referente do conteúdo trabalhado em sala de aula. O caderno de atividades tem como objetivo geral promover práticas reflexivas de conscientização cidadã no espaço escolar e entender a importância dos direitos e deveres para sua atuação em sociedade.

Para tanto, as atividades estão organizadas em um caderno, dispostas em duas versões: caderno do professor e caderno do aluno. O caderno do professor segue com as orientações e sugestões para a realização das atividades, bem como algumas dicas de vídeos e sites que podem contribuir para a aplicação da atividade proposta. Embora não seja possível apresentar todo um aporte teórico dentro de um caderno de atividades, destaco a organização e a formulação das propostas, bem como a escolha da temática. Os textos sugeridos para cada atividade podem ser substituídos, caso o professor assim desejar, para tanto há um arquivo pedagógico à disposição, é uma sugestão de atividade, podendo ser adaptada, de acordo com a realidade de cada escola. No caderno do aluno, encontram-se as atividades a serem realizadas pelos discentes com as devidas orientações. Para o desenvolvimento do objetivo geral do caderno de atividades, alguns objetivos específicos foram traçados:

- 1 – Organizar, inicialmente, um arquivo pedagógico com a temática cidadania;
- 2 – Ampliar o arquivo pedagógico com a ajuda de alunos e professores ao longo do desenvolvimento das atividades;
- 3- Propor leituras com diferentes posicionamentos sobre questões relacionadas ao tema da cidadania, de modo a ampliar o repertório dos alunos;
- 4-Desenvolver a produção de textos, refletindo sobre a temática “Cidadania”;
- 5- Reconhecer a importância da temática para o desenvolvimento pleno dos alunos como sujeitos na sociedade;
- 6- Promover a reflexão de professores acerca de suas práticas de sala de aula.



O caderno é composto de quatro momentos , com atividades sobre a temática proposta, cada momento está organizado de forma a colaborar para o trabalho em sala de aula, promovendo a reflexão dos alunos e também dos professores, que poderão adaptar e reorganizar as atividades de acordo com suas necessidades. Está disposto em quatro eixos:

Eixo 1 – Tecendo olhares sobre os sujeitos de direito;

Eixo 2 – Tecendo olhares sobre a diversidade e a discriminação;

Eixo 3 – Tecendo olhares sobre os conflitos escolares;

Eixo 4 – Tecendo olhares sobre o respeito no/ para o espaço escolar.

Além disso, proponho a produção de um arquivo pedagógico com a colaboração de alunos e professores, pois será construído ao longo das atividades, sendo composto por textos indicados pelo professor, pode receber indicações dos alunos também. Dessa forma, as próprias produções dos alunos podem integrar o arquivo, passível de novas inserções e sugestões.

Para Indursky (2010),

[...] a prática da leitura deve mostrar ao aluno-leitor que o texto está sujeito à avaliação formal. Mas, também, e, sobretudo, que o texto pode ser tocado, contrariado discutido, ou seja, que ele demanda interpretação, sendo lícito dele discordar, em parte ou completamente. Esta postura frente ao texto vai mostrar que não há uma leitura única para um texto. E que uma leitura assim produzida vai transformar o aluno-leitor em um sujeito crítico e vai conduzi-lo a assumir seu lugar de autoria. (p.177)

É com essa finalidade que a proposta de trabalhar com o arquivo pedagógico em sala de aula visa ampliar e desenvolver no aluno a capacidade de concordar ou discordar, validar seu posicionamento em sala de aula e reconhecer esse espaço como um lugar de interlocuções. Disponibilizar textos com posicionamentos diversos para que o aluno busque, de acordo com seu lugar social, com suas histórias de leitura, aqueles com os quais se identifica ou não, faz parte do processo de leitura discursiva.

Pensar o caderno de atividades e o uso do arquivo pedagógico como instrumentos linguísticos é ter a consciência de que “são uma necessidade que pode e deve ser trabalhada de modo a promover a relação do sujeito com os sentidos, relação que faz história e configura as formas da sociedade”. (ORLANDI, 2001b, p. 9) Assim, a proposta do caderno de atividades, complementada pelo arquivo pedagógico, ao abordar a temática cidadania, visa reconhecer que sujeito e história estão interligados e que considerar a exterioridade faz parte do processo de aprendizagem.

Entender que os instrumentos linguísticos estabelecem “a relação do sujeito com a sociedade na história” (ORLANDI, 2001b, p. 8) nos mostra que não se trata somente da

aplicação de determinado instrumento, mas do saber e da língua que são constituídos durante seu uso. Dessa forma, cabe salientar que o uso dos instrumentos citados neste trabalho, tem por finalidade estabelecer a relação do sujeito com a história, que, de certa forma, interfere na produção de sentidos, e também, em suas histórias de leitura. A Análise do Discurso promove essa relação da língua com o sujeito e com a história, e entende que o sujeito carrega histórias e memórias.

A educação escolar pressupõe a formação do sujeito para atuar em sociedade e reconhecer as práticas cidadãs como fundamentais para a constituição do sujeito que é envolto de história, por isso, a Análise do Discurso considera esse sujeito que é interpelado pela ideologia e sócio historicamente constituído.

Dessa forma, o uso do caderno de atividades em sala de aula propõe práticas discursivas de leitura e escrita, buscando constituir a autoria no aluno. Cabe ressaltar que o uso desses instrumentos linguísticos no espaço escolar promove não só o desenvolvimento da proposta elaborada, mas busca ampliar o conhecimento sobre a língua.

Segundo Orlandi (2001b, p.8):

Quando refletimos sobre a presença desses instrumentos na Escola, na perspectiva em que consideramos a produção do saber metalinguístico, não se trata de pensar no mero uso de um artefato, mas da construção de objetos históricos, com consequências sobre as políticas das línguas.

Assim, é preciso compreender que o uso desses instrumentos se faz necessário no espaço escolar, uma vez que, com sua utilização, o professor pode dialogar com outros conteúdos, desenvolver os objetivos pretendidos para determinada aula e refletir constantemente sobre sua atuação em sala. Além disso, o arquivo pedagógico amplia as histórias de leitura dos alunos, propõe práticas de leitura e escrita, que segundo Orlandi (2001b, p.7), tem o objetivo de “relacionar o dizer com o não dizer, com o dito em outro lugar e com o que poderia ser dito”.

#### **4.2 Análise e discussão de uma das atividades propostas no caderno**

As atividades do caderno estão organizadas em quatro eixos, abordando a temática “Cidadania”. Cada eixo é composto por um conjunto de atividades : uma atividade inicial e quatro atividades de leitura e produção. A proposta da atividade inicial foi pensada no intuito

de fazer uma breve sondagem sobre os conhecimentos da turma diante de cada eixo a ser trabalhado.

A elaboração do caderno teve como direcionamento minhas vivências e práticas no espaço escolar. Assim, diante de tantas dificuldades em reconhecer a importância da escola, valorizar e cuidar do espaço que pertence a todos, o caderno busca ampliar o conhecimento de alunos e professores e conscientizá-los sobre sua atuação neste espaço rico em aprendizado, interação e formação cidadã.

As atividades elaboradas para cada eixo promovem a leitura, reflexão e debate, assim, ampliam o repertório dos alunos sobre a temática abordada por meio de diferentes atividades de leitura e produção.

Reafirmo que o trabalho com a temática em questão e o uso do caderno de atividades não tem a pretensão de sanar todas as dificuldades encontradas no espaço escolar, mas que busca constantemente a reflexão de alunos e professores sobre seus lugares neste espaço.

Nesta seção, analiso uma das atividades propostas para o eixo 1: Tecendo olhares sobre os sujeitos de direitos. Início o trabalho trazendo um fragmento do diário de Anne Frank que, de certa forma, relaciona-se com a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Para esta leitura, é preciso pensar o momento de produção do texto e contextualizar com os fatos históricos ocorridos na época que levaram a elaboração da Declaração. Aqui, busca-se tomar conhecimento das histórias de leitura sobre os fatos históricos, até mesmo fazer uma intertextualidade com a disciplina de história e trabalhar em conjunto com o professor.

A atividade tem como base a leitura de dois textos sugeridos: “Fragmento do Diário de Anne Frank” e uma tirinha do Armandinho.

### **Texto 1**

*Fragmento do Diário de Anne Frank*

*20 de junho de 1942*

*Meu pai já tinha trinta e seis anos quando se casou com minha mãe, a qual tinha vinte e cinco. Minha irmã, Margot, nasceu em 1926, em Frankfurt amMain. E eu em 12 de junho de 1929. Sendo cem por cento judeus, emigramos para a Holanda em 1933, onde meu pai foi nomeado diretor da Travis N.V., firma associada à Kolen& Cia. de Amsterdã. O mesmo edifício albergava as sociedades das quais meu pai era acionista. Desde então, a vida não estava livre de emoções para nós, pois o restante de nossa família ainda encontrava-se defendendo das medidas hitleristas contra os judeus. À raiz das perseguições de 1938, meus dois tios maternos fugiram e chegaram sãos e salvos aos Estados Unidos. Minha avó, então de setenta e três anos, reuniu-se conosco. Depois de 1940, nossa boa época terminaria*

*rapidamente diante de tudo: a guerra, a captura, e a invasão dos alemães, levando-nos à miséria. Disposição atrás de disposição contra os judeus. Os judeus eram obrigados a levar a estrela, a ceder suas bicicletas. Proibição dos judeus de subir num bonde, de dirigir um carro. Obrigação para os judeus de fazerem suas compras exclusivamente nos estabelecimentos marcados com o letreiro: “Comércio Judeu”, e, das 15:00 às 17:00 horas apenas. Proibição para os judeus de saírem depois das 8:00 da noite, nem sequer a seus jardins - ou ainda - de permanecer na casa de seus amigos. Proibição para os judeus de praticarem exercícios em qualquer esporte público: proibido o acesso à piscina, à quadra de tênis e de hóquei ou a outros lugares de treinamento. Proibição para os judeus de visitarem aos cristãos. Obrigação para os judeus de irem a escolas judias, e muitas outras restrições semelhantes.*

*Disponível em: <http://odiariodeannefranknaeja.blogspot.com/2010/11/fragmentos-do-diario-de-anne-frank.html>*

O fragmento nos leva a pensar em algumas palavras e expressões que podem provocar os alunos em seus debates: os termos “obrigação” e “proibição” no texto de Anne Frank impõem a ideia de ordem, dessa forma, compreender como os alunos entendem essas palavras no contexto de uso estabelece um direcionamento sobre o discurso desses sujeitos. Por que será que alguém se torna obrigado a fazer algo? E por que algo precisa ser proibido? Em que situação temos esses usos? Refletir sobre o uso dessas palavras no cotidiano amplia nosso entendimento e estabelece relações com outras leituras já feitas.

Além disso, pensar sobre o texto e buscar hipóteses sobre os possíveis motivos de proibições e obrigações proporciona a reflexão e o pensamento crítico dos alunos. Para isso, precisam associar com suas histórias e vivências, buscar em suas redes de memórias em que momento e/ou situação essas palavras estiveram presentes. Será que terão os memos significados? Qual o contexto de uso do leitor? Qual o contexto de uso do texto?

Trabalhar com a dicotomia “proibição” e “obrigação” leva-nos a discursos ocultos, ou seja, o que não foi dito. Se algo foi proibido, em contrapartida, o que é permitido? Ao utilizar a palavra “obrigação” podemos ir além das evidências e compreender que, de certa forma, na “obrigação” há uma “proibição” implícita. Na verdade, pensar esses sentidos tem a finalidade de levar o aluno à compreensão de como o texto pode produzir diferentes sentidos, é pensar além do que está escrito. Para Orlandi (2015, p. 24), “a compreensão procura a explicitação dos processos de significação presentes no texto e permite que se possam ‘escutar’ outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem.” Dessa forma, entender o processo de significação faz parte do processo discursivo, uma vez que não há uma verdade

atrás dos textos, há “gestos de interpretação” (ORLANDI, 2015, p. 24) que colaboram para a constituição deste objeto simbólico que é o texto.

Em seguida, temos uma tirinha do Armandinho que aborda o primeiro artigo da Declaração Universal dos Direitos Humanos, de leitura rápida e dinâmica. A proposta promove a interação dos alunos, organizados em duplas, estabelecendo assim a relação entre texto/leitor e leitor/leitor, pois cada aluno pode compartilhar seu posicionamento perante o texto.

## Texto 2



Disponível em: <https://www.upa.unicamp.br/direitos-humanos-armandinho-na-upa> acesso em 24 de abril de 2022.

Ao trabalhar com a tirinha, o professor pode falar rapidamente sobre o documento (será lido em outro momento), e os motivos de estabelecerem os artigos para esta Declaração. Importante ressaltar que este texto não foi elaborado após experiências de cidadania envolvendo lutas, conquistas, reconhecimento e identificação, mas de acordo com Orlandi (2007, p. 109), o texto da declaração é “Um padrão a seguir. É um modelo a ser seguido, não são sentidos conquistados e incorporados em nossa memória social e política”. Talvez, por isso, nossa sociedade tenha tanta dificuldade no trabalho com a cidadania.

Após a leitura, o professor pode trabalhar com a ideia de liberdade (“nascem livres”) e pensar juntamente com os alunos qual o sentido da palavra “liberdade”. O que é ser livre? Em que contexto utilizamos nossa liberdade? Quando deixamos de ser livres? Outra palavra carregada de sentidos é “iguais” (“iguais em dignidade e direitos”). Observar o contexto de sala de aula, atentando para o fato de os alunos relacionarem “igualdade” e “desigualdade”, identificando qual delas tem mais presença entre eles. Para Orlandi (2007, p. 309), “os sentidos resultam da experiência de uma memória.”, assim, quando o aluno não se identifica com determinada significação, ainda não vivenciou experiências em suas memórias capazes de fazê-lo compreender os sentidos presentes em determinado enunciado.

Após a leitura dos dois textos apresentados, a atividade proposta é a realização de uma conversa sobre o que foi lido, buscando identificar os sentidos sobre a presença e a ausência

de direitos percebidos nos textos. Essa troca entre os sujeitos é fundamental para a produção de sentidos e o compartilhamento entre os alunos.

Dessa forma, a utilização da proposta promove uma reflexão sobre os sentidos, deixando lacunas para serem preenchidas pelos alunos. É importante destacar que os textos não trazem os sentidos fixos, há um espaço para que os sujeitos construam seus discursos, respeitando sua posição. Assim, esses exemplos contribuem para o início de uma caminhada pela autoria, reconhecendo o sujeito como parte de seu discurso. As atividades propostas promovem essa diversidade de sentidos que podem ser explorados dentro dos textos, além de valorizar a fala dos alunos, colocando-os na posição de autoria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa, elaborei um caderno de atividades com o objetivo de apresentar um trabalho propositivo de práticas discursivas de leitura, oralidade e produção de textos. Juntamente com o caderno, organizei um arquivo pedagógico com alguns textos sugeridos. Ao longo da aplicação do caderno de atividades, os professores podem inserir outros textos no arquivo, até mesmo as produções dos alunos, já que este é aberto, passível de novas inserções e sugestões. A realização das atividades de leitura e produção textual caminham para a promoção da autoria dos discentes, abrindo espaço para que outros sentidos sejam estabelecidos com a reflexão sobre a temática proposta.

O trabalho foi desenvolvido a partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa, analisando a constituição histórica do sujeito, atravessado pela ideologia. Sendo assim, essa teoria contribuiu significativamente para a produção de atividades que podem colaborar para o rompimento de barreiras padronizadas utilizadas pela escola. Durante a realização da pesquisa, refleti sobre minha atuação enquanto professora de Língua Portuguesa e Redação e observei que também estava seguindo o padrão imposto pela escola, pelo sistema. Na verdade, minhas inquietações quanto às produções dos alunos também tinham um pouco do modo como eu estava exercendo minha profissão na sala de aula. A partir do momento que reconheci ser necessário esse ir e vir entre teoria e prática, essa reflexão sobre o fazer pedagógico no espaço escolar, o caminho para a produção autoral se abriu, tanto para mim, quanto para meus alunos. E nesse espaço, nós professores, precisamos rever os conceitos de certo e errado e como nossos alunos expressam suas opiniões diante de um fato.

Promover debates, conversas e levar estudantes da educação básica a reflexões sobre determinado tema, sempre respeitando e valorizando a diversidade de posicionamentos, é fundamental para a formação de um sujeito crítico, que busca seus direitos e compreende seus deveres, sem desprezar o direito do outro.

O caderno de atividades aborda a temática “Cidadania”, tema que está previsto no desenvolvimento das competências gerais da BNCC e também no currículo do município de Tanguá. Assim, o trabalho com esta proposta tem respaldo nos documentos oficiais. A pesquisa foi inspirada em minhas experiências e inquietações enquanto professora de Língua Portuguesa e Produção textual de turmas do fundamental II (6º ao 9º) e as atividades tiveram por finalidade provocar os alunos ao caminho da autoria, levá-los a reconhecer a importância do espaço escolar, valorizando-o. Cabe ressaltar que a prática da autoria em atividades de

leitura, escrita e oralidade se faz constantemente, dessa forma, as propostas de atividades foram pensadas para promover debates, conversas, leituras, produções escritas e orais sobre a temática, com o objetivo de ampliar o conhecimento dos alunos e mostrar a eles que discordar e expor seu posicionamento é muito importante, pois a escola é um espaço plural, heterogêneo, que precisa de abertura para que o sujeito se coloque na posição autor constantemente.

O tema escolhido também traz a presença de documentos legais, o que mostra aos alunos como os direitos e deveres estão estabelecidos no espaço escolar. Além disso, os discentes são chamados a participar desses direitos e deveres e observar se há o cumprimento e o respeito dentro dos espaços vivenciados por eles. É importante reconhecer a pluralidade de sentidos, mas também é fundamental atentar-se para o fato de que os textos estabelecem como sendo um direito ou não e como isso acontece na prática. Na verdade, a proposta também está voltada para uma educação cidadã, uma discussão ética dentro desse espaço que é a escola.

Para que isso aconteça, é fundamental refletir sobre o espaço escolar, sobre os alunos e, também, sobre o próprio fazer educacional, pois assim, percebi o quanto posso contribuir para a formação dos meus alunos que vai muito além dos conteúdos, além dos muros da escola.

Acredito que esta pesquisa e o material produzido a partir de reflexões teóricas, mas com um olhar voltado para a sala de aula, trouxe para mim, enquanto professora uma enorme contribuição, mudando meu olhar sobre as práticas de leitura e produção, o modo como posso trabalhar com essas propostas e desenvolver práticas discursivas significativas. Além disso, o caderno de atividades, disponível para outros professores, visa difundir essas práticas que dialogam com outros docentes, que também estejam, assim como eu, em busca de caminhos reflexivos para a constituição da autoria na escola.

Espero que a teoria utilizada como base para esta pesquisa possa contribuir de forma efetiva para a atuação de outros professores, levando-os à pesquisa constante, necessária ao trabalho docente, com o compartilhamento de iniciativas pedagógicas que beneficiem a constituição da autoria e o trabalho com a leitura e produção textual, melhorando o desenvolvimento pleno dos alunos.



## REFERÊNCIAS

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 3ª ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2014.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Tradução: João Wanderley Geraldi. Universidade Estadual de Campinas. Departamento de linguística. Nº 19.fev. /mar./abr. 2002.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Fundamental. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEF. 2018.

CORACINI, Maria José. Leitura: Decodificação, processo discursivo...? *In*:CORACINI, Maria José (Org.) **Ojogodiscursivonasaladeleitura:línguamaternaelínguaestrangeira**.Campinas/SP:Pontes1995.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: RelumeDumaré, 2001.

ESTEVES, Phellipe Marcel da Silva.**O que se pode e se deve comer: uma leitura discursiva sobre sujeito e alimentação nas enciclopédias brasileiras (1863-1973)**. Tese de Doutorado. Niterói: Instituto de letras/UFF, 2014.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O quadro atual da Análise do Discurso no Brasil – um breve preâmbulo. *In*: FERREIRA, Maria Cristina Leandro; INDURSKY, Freda. (Orgs.). **Michel Pêcheux e a Análise do Discurso**: uma relação de nunca acabar. 2.ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Da ambiguidade ao equívoco**: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso. 1.ed. Campinas, SP: Pontes, 2021.

GALLO, Solange Leda.**Como apre(ender) essa matéria?**. 1994. 214f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000075114>>. Acesso em: 17 de maio de 2023.

GALLO, Solange Leda. O ensino da língua escrita X o ensino do discurso escrito. Dissertação de Mestrado, IEL/UNICAMP, 1989.

INDURSKY, Freda. A escrita à luz da análise do discurso. *In*: CORTINA, Arnaldo & NASSER, Sílvia Maria Gomes da Conceição (Orgs). **Sujeito e linguagem**. São Paulo, Cultura Acadêmica, 2009.

INDURSKY, Freda. Estudos da linguagem: língua e ensino. **Organon**: Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. V. 24, n. 48, 2010b.

INDURSKY, Freda. Estudos da Linguagem: a leitura sob diferentes olhares teóricos. In: TFOUNI, Leda Verdiani. (org.). **Letramento, escrita e leitura**. Campinas: Mercado das Letras, 2010a. p. 163-178.

INDURSKY, Freda. Discurso, língua e ensino: especificidades e interfaces. In: TFOUNI, Leda; MONTE-SERRAT, Dilnéia Motta; CHIARETTI, Paula (Org.). **A análise do discurso e suas interfaces**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2011.

INDURSKY, Freda. Leitura, escrita à luz da análise do discurso. In: NASCIMENTO, Lucas. (org.). **Presenças de Michel Pêcheux da análise do discurso ao ensino**. Campinas: Mercado das Letras, 2019. p. 97-120.

INDURSKY, Freda. O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli.; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. (org.). **Discurso e Textualidade**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2017.

INDURSKY, Freda. Entrevista concedida à Andréa Rodrigues. **Pensares em Revista**, São Gonçalo, n. 17, p. 18-28, jan./abr. 2020. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/47301><https://doi.org/10.12957/pr.2020.47301>

INDURSKY, Freda. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo de leitura. In: ERNST- PEREIRA, A.; FUNCK, S.B. (Orgs.). **A leitura e a escrita como práticas discursivas**. Pelotas: EDUCAT, Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2001, p. 27-42.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 16 ed., Campinas/SP: Pontes, 2016.

KOHAN, Walter. **Paulo Freire mais do que nunca**. Uma biografia filosófica. Belo Horizonte: Vestígios, 2019.

LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. Texto e Autoria. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli.; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. (Orgs.). **Introdução às Ciências da linguagem**. Discurso e Textualidade. 3. ed. Campinas: Pontes, 2017.

LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. A autoria no enlace equívoco das posições de sujeito. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.23, n.1, p.238-250, jan./jun.2015. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index>. Acesso em: 07 dez. 2021.

MITTMANN, S. Discurso e texto: na pista de uma metodologia de análise. In: INDURSKY, Freda.; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (eds.). **Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, p. 153-162, 2007.

NOGUEIRA, Luciana; DIAS, Juciele. Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Sentidos em disputa na lógica das competências. **Revista Investigações**, V. 31, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/238170> acesso em 23 de abril de 2022.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 2.ed. Campinas: Pontes, 1987.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e texto**. Formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001a.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. (Org.). **História das ideias linguísticas**: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional. Campinas: Pontes; Cáceres: Ed. da Unemat, 2001b.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Educação em direitos humanos: um discurso. In: DIAS, A. A. *et al.* (Orgs.). **Educação em Direitos Humanos: fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. 9. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Unicamp, 2012.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Análise de discurso. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. (Orgs.). **Discurso e Textualidade**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2017.

PÊCHEUX, Michel. **Discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **Gestos de Leitura**: da história no discurso. 3ed. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2010, p.49-59.

PETRI, Verli. Por um acesso fecundo ao arquivo. **Revista Letras**, n. 21, Santa Maria, p. 121-125, 2000.

PETRI, Verli. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de Discurso. In: DIAS, Cristiane; PETRI, Verli (Orgs.). **Análise de Discurso em perspectiva: teoria, método e análise**. Campinas, SP: Pontes, 2012.

RODRIGUES, Andréa; MORAES, Marcos André de Oliveira; DOMINGUES, Mariana Vieira. O impacto da Análise do Discurso em práticas de ensino: experiências com leitura e escrita na escola. **Pensares em Revista**, São Gonçalo, n. 17, p.220-240, jan./abr. 2020.

ROMÃO, Lucília Maria Souza; LEANDROFERREIRA, MariaCristina; DELA-SILVA, Silmara. Arquivo. In: MARIANI, Bethania; MEDEIROS, Vanise; DELA-SILVA, Silmara (Orgs) **Discurso, arquivo e...** Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

SANTANA, Flávia Ferreira; SARIAN, Maristela Cury. Gestos de leitura e escrita discursiva de memes: efeitos do digital em uma escola pública do campo. **Pensares em Revista**, São Gonçalo, n. 17, p. 204-219, jan./abr. 2020.

SOBRINHO, José Simão da Silva. Museu da Língua Portuguesa: instrumento linguístico em tempos de ideologia do lazer. **Revista Letras**, Santa Maria, v.23, n. 46, p. 307-315, jan./jun. 2013.

**APÊNDICE A – Caderno de atividades (versão do professor)****TECENDO OLHARES DISCURSIVOS SOBRE/PARA A CIDADANIA NA ESCOLA****Material de apoio à prática docente****Apresentação****Prezado/a professor/a.**

Este caderno de atividades, abordando a temática “Cidadania”, foi elaborado para ser utilizado em sala de aula com a finalidade de contribuir significativamente para o processo de aprendizagem dos alunos e também, levar os professores à reflexão. Cabe ressaltar que as atividades propostas não têm a pretensão de dar conta do vasto conteúdo que pode ser explorado a partir do tema gerador, mas contribuem com o desenvolvimento pleno do aluno.

O material foi pensado para apresentar aos alunos um arquivo de textos acerca da cidadania, a partir dos quais são propostas práticas discursivas de leitura, oralidade e produção textual. Tais práticas podem promover reflexões críticas e debates sobre essa temática e suas relações não somente com o contexto social e histórico do país, como também com os espaços escolares. Assim, este caderno propõe um repertório de leituras e atividades que podem contribuir para a formação dos estudantes como sujeitos de linguagem – leitores e produtores de textos orais e escritos – em condições de exercerem a cidadania de modo mais crítico e consciente. Sabemos que cada sala de aula nos reserva novas descobertas e a busca constante por práticas que promovam o aprendizado do aluno. Apesar disso, encontramos dificuldades para o trabalho com determinada atividade em turmas de mesmo ano de escolaridade, pois em alguns casos, não conseguimos utilizar a mesma proposta e precisamos fazer adaptações de acordo com a necessidade de cada sala de aula. Assim, fica bem claro que este caderno está aberto a adaptações e alterações de acordo com as necessidades de cada professor e de cada escola/ turma. Aqui não temos uma receita pronta, mas uma proposta passível de ser utilizada de acordo com os objetivos de cada aula, cada professor, cada experiência pedagógica.

Para melhor organização deste caderno, as atividades foram distribuídas em quatro eixos temáticos, cabe reconhecer que um complementa o outro e os assuntos são retomados constantemente.

Eixo 1 – Tecendo olhares sobre os sujeitos de direito;

Eixo 2 – Tecendo olhares sobre a diversidade e a discriminação;

Eixo 3 – Tecendo olhares sobre os conflitos escolares;

Eixo 4 – Tecendo olhares sobre o respeito no/ para o espaço escolar.

Para cada eixo foram apresentadas algumas propostas de atividades de leitura e produção de texto, que tem por objetivo o desenvolvimento do sujeito/aluno por meio de práticas discursivas que contribuam para a promoção da autoria. O trabalho com o arquivo pedagógico se faz necessário, uma vez que este caderno colabora para o processo de leitura e escrita, amplia o repertório dos alunos acerca da temática apresentada, compartilha informações que podem enriquecer suas histórias de leitura.

### **Eixo 1 – Tecendo olhares sobre os sujeitos de direitos**

Falar sobre os direitos do ser humano nos leva a observar que isso faz parte da história da humanidade ao longo do tempo, pois a luta pela sobrevivência e a busca por uma vida melhor perpassam por toda a humanidade. A luta pelo poder acaba determinando o dominador e o dominado, e tem como resultado a desvantagem de um sobre o outro, além disso há a necessidade de criação de instrumentos para mediar os conflitos.

Um dos instrumentos que foram criados para essa mediação foi a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) proclamada em 10 de dezembro de 1948, com o propósito de criar uma herança universal para a humanidade, já que muitos conflitos vivenciados anteriormente nos mostraram a grande capacidade de a própria humanidade gerar a autodestruição.

Levar a Declaração Universal dos Direitos Humanos para a sala de aula e disponibilizar esse material aos alunos, fazendo com que tenham acesso aos seus direitos, além de conhecer e reconhecer como os artigos que estão no documento funcionam na prática revela a importância do trabalho com a cidadania, que deve ser constante e contínuo no espaço escolar. Segundo Orlandi, “Aí entra a função da educação na reivindicação dos direitos e o respeito a eles: ela deve ser um mecanismo que leve o sujeito a reconhecer e a respeitar os direitos humanos” (2007, p. 308). Vale ressaltar que o presente documento norteará as práticas discursivas de leitura e produção, mas não caberá uma leitura pontual e limitada, mas sim reflexiva, com a finalidade de relacionar com suas próprias vivências, compartilhar situações com seus pares em sala de aula.

**Atividade inicial**

Você sabe quais são os seus direitos? E seus deveres?

Pontue aqui, pelo menos um direito e um dever que você conheça.

---

---

---

Você sabe o que significa “direitos humanos”? Explique o que você entende sobre esse assunto.

---

---

---

- **Professor/ a:**

Antes de iniciar qualquer atividade, é interessante saber quais as informações que seus alunos já possuem sobre o assunto. Dessa forma, você poderá organizar suas atividades de acordo com os conhecimentos prévios que já possuem.

Para a atividade inicial, busque saber quais os conhecimentos sua turma tem acerca do assunto, dessa forma, poderá traçar caminhos discursivos para desenvolver a aprendizagem.

**Atividade 1 – Leitura****Texto 1**

Fragmento do Diário de Anne Frank

20 de junho de 1942

Meu pai já tinha trinta e seis anos quando se casou com minha mãe, a qual tinha vinte e cinco. Minha irmã, Margot, nasceu em 1926, em Frankfurt amMain. E eu em 12 de junho de 1929. Sendo cem por cento judeus, emigramos para a Holanda em 1933, onde meu pai foi nomeado diretor da Travis N.V., firma associada à Kolen& Cia. de Amsterdã. O mesmo edifício albergava as sociedades das quais meu pai era acionista. Desde então, a vida não estava livre de emoções para nós, pois o restante de nossa família ainda encontrava-se defendendo das medidas hitleristas contra os judeus. À raiz das perseguições de 1938, meus dois tios maternos fugiram e chegaram sãos e salvos aos Estados Unidos. Minha avó, então de setenta e três anos, reuniu-se conosco. Depois de 1940, nossa boa época terminaria rapidamente diante de tudo: a guerra, a captura, e a invasão dos alemães, levando-nos à miséria. Disposição atrás de disposição contra os judeus. Os judeus eram obrigados a levar a

estrela, a ceder suas bicicletas. Proibição dos judeus de subir num bonde, de dirigir um carro. Obrigação para os judeus de fazerem suas compras exclusivamente nos estabelecimentos marcados com o letreiro: “Comércio Judeu”, e, das 15:00 às 17:00 horas apenas. Proibição para os judeus de saírem depois das 8:00 da noite, nem sequer a seus jardins - ou ainda - de permanecer na casa de seus amigos. Proibição para os judeus de praticarem exercícios em qualquer esporte público: proibido o acesso à piscina, à quadra de tênis e de hóquei ou a outros lugares de treinamento. Proibição para os judeus de visitarem aos cristãos. Obrigação para os judeus de irem a escolas judias, e muitas outras restrições semelhantes.

Disponível em: <http://odiariodeannefranknaeja.blogspot.com/2010/11/fragmentos-do-diario-de-anne-frank.html>

## Texto 2



Disponível em: <https://www.upa.unicamp.br/direitos-humanos-armandinho-na-upa> acesso em 24 de abril de 2022.

## Sugestões para práticas discursivas

A seleção dos textos será feita pelo docente com o objetivo de aproximar os alunos da temática proposta, levá-los a compreender um pouco o contexto histórico da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Os alunos deverão se organizar em duplas para a realização da leitura. Após a leitura da dupla, o professor pode fazer uma leitura compartilhada e sugerir que algum aluno faça a leitura em voz alta.

Inicialmente, a leitura do fragmento do Diário de Anne Frank precisa ser contextualizada, portanto, apresente um pouco da história e dos fatos que ocorriam na época. A partir desses fatos, chegamos à promulgação da Declaração, em 1948, após o término da segunda guerra mundial. O segundo texto aborda o primeiro artigo da Declaração, de forma bem simples e de leitura rápida.

Após a leitura, o professor pode levantar alguns questionamentos e orientar a fala dos alunos sobre os dois textos. Cada dupla pode falar um pouco sobre a presença/ausência dos direitos nos textos lidos.

- Professor/a:



Para ampliar o conhecimento dos alunos sobre Anne Frank, deixo como sugestão a visita ao site <https://www.annefrank.org/en/anne-frank/> que possui muitas informações importantes para o desenvolvimento da aula. Sugiro, também, os filmes: “O menino do pijama listrado” e “O Diário de Anne Frank”.

Você pode promover uma conversa sobre as questões apresentadas nos textos lidos, de forma que os alunos se sintam à vontade para falar. A dupla pode apresentar opiniões divergentes e isso será muito importante para o debate.

Trabalhar a biografia de Anne Frank também colabora para a compreensão do contexto histórico. Incentive os alunos a produzirem um mural sobre ela.

## **Atividade 2 – Leitura em grupo**

### **Texto 3**

O texto 3 é uma história em quadrinhos do “Menino Maluquinho” sobre a Declaração dos Direitos Humanos. É um texto mais longo, mas que traz em si uma dinamicidade promovida pelos quadrinhos, contando a história da Declaração de forma contextualizada, abordando os artigos de forma bem simples.

Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/dados/cartilhas/a\\_pdf\\_dh/cartilha\\_ziraldo\\_dh.pdf](http://www.dhnet.org.br/dados/cartilhas/a_pdf_dh/cartilha_ziraldo_dh.pdf)

### **Sugestões para práticas discursivas**

Para a realização da atividade, a turma pode ser organizada em grupos de 4 a 5 alunos. Deverão fazer a leitura e conversar com os colegas sobre os artigos, analisar como eles estão presentes ou não na sociedade em que vivem. Perceber como os direitos se apresentam na prática diária é uma atividade de reflexão sobre cada artigo da Declaração.

Neste momento é importante que o grupo debata os artigos, de acordo com a leitura, podendo, em um mesmo grupo, haver opiniões e pensamentos opostos. Como se trata de um texto amplo que aborda os artigos de forma bem simples, muitas discussões podem surgir, o que poderá ampliar a atividade proposta. A ideia é que a turma reflita sobre cada artigo apresentado.

- **Professor/a:**

Este momento será destinado à conversa entre os integrantes de cada grupo. É importante lembrar que pode ocorrer de, no mesmo grupo, encontrarmos pensamentos e ideias que se confrontem e que é importante ouvir o outro, respeitar sua fala, concordar ou discordar.

Os grupos podem fazer anotações para expor em um momento posterior, de modo a compartilhar o que foi debatido com toda a turma.

### **Atividade 3 – Debate**

Promover debates em sala de aula ativa a interação da turma, além de desenvolver o trabalho com a oralidade, respeitando os turnos de fala e também o posicionamento de cada colega. É preciso deixar bem claro que os alunos não precisam concordar com tudo sempre, discordar faz parte do debate saudável, ter um posicionamento diferente dos demais, coerente com o assunto abordado, mostra que o aluno está constituindo seu processo de autoria, já que é um processo que se constrói na prática.

A leitura dos três textos iniciais ajudará na ativação de alguns conhecimentos nos alunos, o que, de certa forma, contribuirá para o debate. Trabalhar com algumas palavras trazidas pela Declaração Universal dos Direitos Humanos como “igualdade”, “desigualdade”, “direito”, “dever”, “liberdade”, dentre outras, pode colaborar para um debate muito produtivo que contribuirá para os objetivos pretendidos neste caderno, pois as palavras são carregadas de sentidos de acordo com o momento de produção do texto e também de acordo com o momento de leitura, respeitando o contexto em que cada uma delas foi produzido. Assim, o debate pode trazer à tona sentidos e significados divergentes, pois cada indivíduo tem suas histórias e seu contexto social, o que atribuirá sentidos a cada texto.

- **Professor/a:**

Para a realização desta atividade, os alunos poderão ser organizados em círculo ou estar em um outro espaço da escola que promova essa reorganização das carteiras, assim, todos terão a oportunidade de interagir durante o debate.

Você pode compartilhar com a turma os objetivos do debate e estabelecer as regras para a fala de cada aluno e/ou grupo.

Fazer perguntas que ativem os conhecimentos prévios sobre o tema se faz necessário para que a turma seja envolvida na discussão, trazendo os textos lidos para a conversa.

### **Atividade 4 – Produção de texto (pensamento escrito)**

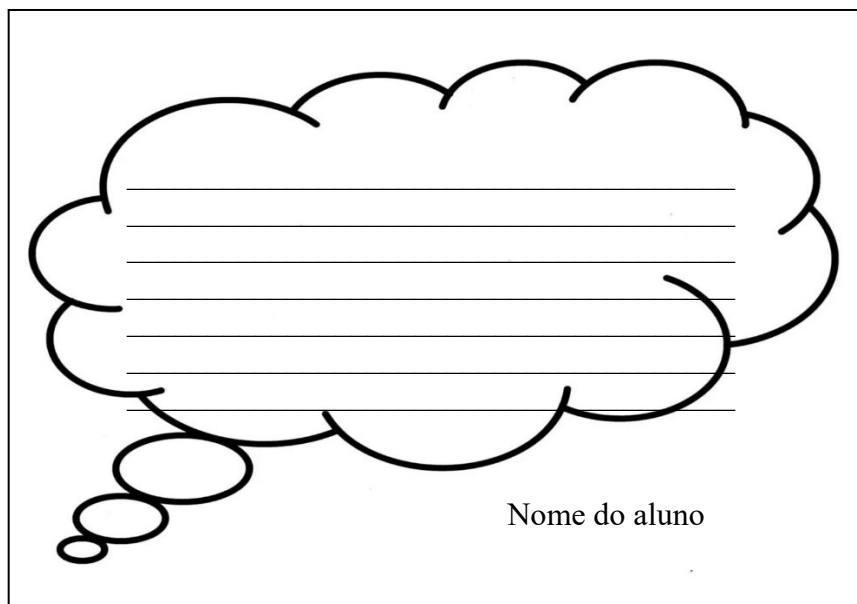
Após o debate, proponha a produção de um pequeno texto, pode ser um parágrafo que expresse o posicionamento do aluno diante dos textos lidos e também das falas dos demais colegas durante as atividades anteriores.

É importante que organizem o pensamento por meio da escrita e compreenda que seu texto precisa estar coerente com aquilo que pretende expressar. Após a produção, cada aluno pode fazer a leitura de seu pequeno texto para a turma.

- **Professor/a:**

Converse com os alunos sobre a importância da leitura, sendo necessário reler o texto após a escrita e verificar se precisa de alguma modificação. Se possível, organize esta atividade em uma folha separada com um balão de pensamento e coloque o nome do aluno, como no exemplo abaixo.

Exemplo de atividade:



- **Professor/a:**

Após a realização da proposta, se for possível, organize uma exposição com esta atividade. É muito importante valorizar as produções dos alunos e reconhecer que seus dizeres fazem parte dos direitos.

## **Eixo 2 – Tecendo olhares sobre a diversidade e a discriminação**

O espaço escolar é marcado pela diversidade e as diferenças de caráter social, étnica, física, intelectual, faixa etária, entre outras, estão presentes no dia a dia da escola. Entretanto, quando essas diferenças são utilizadas para justificar as disparidades entre as pessoas, a desigualdade se instaura, negando o acesso e a garantia de direitos, o que produz discriminação, segregação e exclusão entre os indivíduos.

É preciso compreender que uma sociedade justa é aquela que reconhece as diferenças como características de qualquer grupo, se enriquecendo com elas, levando à promoção da igualdade de direitos e justiça.

A escola traz essa diversidade bem arraigada, pois é na complementariedade dos diferentes que nos constituímos, nos enriquecemos. Trabalhar com diversidade e

discriminação no espaço escolar é garantir a igualdade de direitos e reconhecer a importância do respeito às diferenças.

### Atividade inicial

O que você compreende sobre os termos abaixo?

- **Racismo:**

---



---

- **Preconceito:**

---



---

- **Discriminação:**

---



---

- **Professor/a:**

Esta atividade busca identificar quais os conhecimentos dos alunos sobre os termos listados. Se for possível, crie uma discussão sobre o entendimento dos alunos acerca do assunto, pois são conhecimentos fundamentais para o desenvolvimento das atividades e que, na maioria dos casos, não estão bem compreendidos, solicite uma pesquisa ao dicionário.

### Atividade 1 – Leitura

#### Texto 1

## Modelo brasileira é impedida de embarcar em voo por ser “gorda demais”

A modelo Juliana Nehme está retida no Líbano e afirma ter sido vítima de gordofobia pela Qatar Airways

Vinícius Bernardes, da CNN\* em São Paulo  
24/11/2022 às 12:04 | Atualizado 24/11/2022 às 12:07

Na última terça-feira (22), a modelo plus size e influenciadora digital Juliana Nehme afirmou ter sido vítima de gordofobia pela Qatar Airways, no Líbano. Segundo ela, a companhia aérea a proibiu de realizar uma viagem com destino a São Paulo por ser “gorda demais”.

Em uma série de vídeos postados no Instagram, a modelo, visivelmente abalada, conta que foi barrada de embarcar na conexão do Líbano para Doha, no Qatar, — e posteriormente voar para São Paulo, no Brasil — por conta de seu peso:

“A aeromoça da Qatar disse que eu não posso embarcar porque eu sou muito gorda e não tenho direito a essa passagem. Estamos eu, a minha mãe, a minha irmã e o meu sobrinho. Nós pagamos 4 mil dólares por essas passagens. Agora, ela simplesmente se nega a dar as passagens e a me deixar embarcar no voo para Doha e de lá para São Paulo porque sou gorda. O que eu vou fazer?”, desabafou.

Juliana disse ainda que a companhia alegou que ela teria que comprar uma passagem executiva de 3 mil dólares ou dois bancos comuns para “caber no assento” e seguir viagem, pagando multa por não ter embarcado na data marcada.



Reprodução/Instagram

“Eu nunca na minha vida, imaginei passar por tudo o que eu passei aqui. Eu já passei por gordofobia diversas vezes, mas nunca imaginei passar por isso”, compartilhou a modelo.

Sem conseguir resolver o problema, a influenciadora que segue no Líbano acompanhada da família, permanece à espera de uma solução, contando com apoio da Embaixada do Brasil no país para poder retornar:

“Eu consegui falar com o embaixador do Brasil no Líbano hoje e ele está me ajudando de todas as formas possíveis. Ele falou com a Qatar, mas ela não abre mão. (Antes) eles disseram que eu teria que pagar uma passagem extra e pagar a multa. Hoje, com o embaixador, eles disseram que eu preciso comprar duas passagens extras para mim e pagar uma multa da minha mãe. Eles não entram em acordo”, revelou.

“O embaixador está fazendo de tudo para nos ajudar, mas ele disse que está muito difícil. Em relação à parte jurídica, como a passagem foi comprada aqui no Líbano, o Brasil não consegue fazer nada. Tudo está preso, só a Qatar pode fazer algo.”

Em nota, o Itamaraty confirma que está prestando suporte à modelo:

“O Ministério das Relações Exteriores, por meio da Embaixada do Brasil em Beirute, está em contato com a nacional e presta a assistência cabível à cidadã brasileira, em conformidade com os tratados internacionais vigentes.”

Apesar do constrangimento, a modelo também agradeceu o apoio que vem recebendo nas redes sociais:

“Eu agradeço de coração todo carinho e toda luta por um mundo mais justo, sem preconceito e nem gordofobia”,

Procurada pela CNN, a Qatar Airways não se manifestou até a última atualização desta reportagem.

## Texto 2



Disponível em: <https://www.teccursos.com.br/questoes/1502539> em 18 de dez. de 2022.

### Sugestões para práticas discursivas

Os textos selecionados para leitura abordam a temática proposta para o eixo 2 (diversidade e discriminação), assim, oriente uma leitura individual e silenciosa. Em seguida, proponha uma leitura compartilhada da reportagem, depois leia a tirinha que complementa a temática da reportagem.

Para o texto 1, busque em seus alunos os sentidos postos na palavra “gorda”. Como esse adjetivo foi utilizado no título da reportagem? Qual a intenção do redator da reportagem ao iniciar o título com a palavra “modelo”?

Levante alguns questionamentos:

- Para vocês, qual o sentido da palavra “gorda”?
- Como a modelo entendeu a expressão “gorda demais”?
- Quais os sentidos postos na expressão “gorda demais” expressos pela companhia aérea?
- Ela teve seu direito violado?
- Sofreu alguma discriminação?

- Você conhece alguém que já passou por uma situação de discriminação por possuir determinada característica?

Voltando ao texto 2, pense na pergunta do menino “Por que tem pessoas que não aceitam diferenças?”


- **Professor/a:**



Se for possível, passe para os alunos o vídeo da reportagem sobre o caso da modelo, disponível no link abaixo. Seria interessante que os alunos tivessem acesso a este material e ao relato da modelo sobre o ocorrido. Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FIIdqXw8o8Vo>

## Atividade 2 – Leitura de comentários


Os comentários a seguir foram extraídos da reportagem sobre o caso da modelo, exibida em uma rede televisiva e está disponível no canal do youtube.



### Texto 3

 (editado)  
 Gordofobia... medo de gordo?  
 Eu tenho medo de ficar desse tamanho...  
 Ela não pensa na pessoa que sentaria do lado dela, imagina o desconforto de quem terá muito, mas MUITO de seu espaço invadido.


 2  Responder



### Texto 4

 há 10 dias (editado)  
 Se faz de vítima, mas não tem nenhuma empatia pela pessoa que vai ao lado dela. Já pensou vir de Doha até São Paulo do lado de um Mamute desse?!?


 3  Responder



### Texto 5

 há 2 semanas  
 Muito gentil esses atendentes da Qatar, se tivesse sido eu no lugar deles eu teria falado "o setor de cargueiros é do outro lado do aeroporto moça"


 4  Responder



### Texto 6

 há 3 semanas  
 Estou bem acima do meu peso e quando viajo de ônibus me sinto incomodado e sinto que incomodo também quem senta do meu lado pois os assentos são muito estreitos, nunca viajei de avião então não sei qual o espaço entre as poltronas e também não sei quão acima do peso essa moça está, mas penso que tudo é uma questão de bom senso, ou dela ou da empresa.


 3  Responder



**Texto 7**

 há 2 semanas  
gente, qual a dificuldade de compreensão? a mulher não cabe na cadeira da classe economica, tem de comprar 2 ou uma na executiva q a cadeira é mais larga. Se eu cismar de levar meu elefante eles tem que deixar?


  Responder



**Texto 8**

 há 3 semanas  
Mas ela não é gorda???


 14  Responder



**Texto 9**

 há 3 semanas  
Infelizmente ela ocupa dois acentos... Sinto muito, ou é fazer uma dieta para evitar isto ou gastar mais dinheiro com passagem... Gordo não é saudável, melhore sua saúde...


 1  Responder



**Texto 10**

 há 3 semanas  
E bem capaz de ela passar mal e no hospital não ter maca e ela processar o hospital ! Kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk


 14  Responder



**Texto 11**

 há 3 semanas  
Vai de navio cargueiro


  Responder



**Texto 12**

 há 3 semanas  
E o direito do passageiro q vai sentar do lado dela , q vai ser exprimido e asfariado ?? Af n importa né kkkkk

 19  Responder

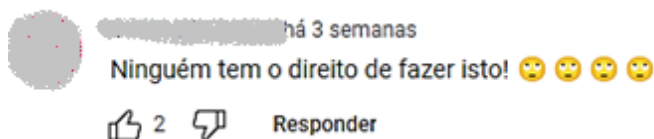
**Texto 13**

 há 3 semanas  
Já é hora de fazer uma bariátrica, né fia!?

 14  Responder

**Texto 14**





**Observação:** Todos os comentários foram extraídos do vídeo da reportagem, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FIIdqXw8o8Vo>

### **Sugestões para práticas discursivas**

Neste momento, organize a turma em pequenos grupos e disponibilize os comentários extraídos de uma reportagem sobre a modelo. São pequenos comentários, mas que trazem sentidos diversos sobre o assunto abordado.

Cada grupo pode discutir entre si sobre o comentário, em seguida, organize uma fala de cada grupo. Oriente os demais grupos para que façam, pelo menos, um comentário sobre a fala do grupo que estiver expondo os sentidos percebidos no texto, os alunos podem concordar ou discordar dos colegas.

### **Atividade 3 – Debate**

Organize a turma para um debate sobre a reportagem e os comentários lidos. Pense na possibilidade de dividir a turma em dois grupos, um que tenha o posicionamento da modelo e o outro que tenha o posicionamento da companhia aérea. Em cada grupo, estipule um aluno para registrar por escrito o debate.

Converse com a turma para que elaborem argumentos coerentes e convincentes para suas falas, respeitando sempre a fala do outro. Deixe claro que não precisam concordar com a fala do outro, precisam respeitar e produzir argumentos que estejam de acordo com a proposta.

### **Atividade 4 – Produção de comentários**

Para esta atividade, será utilizado o texto a seguir. Faça a leitura e em seguida proponha a produção de comentários.

### **Texto 15**

## **Adolescente se envolve em briga após sofrer bullying e é suspensa por 30 dias em escola de SP**

## A jovem estava sofrendo críticas maldosas e humilhantes e também foi alvo de uma ovada

**SÃO PAULO | Do R7, com informações do Balanço Geral, da Record TV**  
29/08/2022 - 16H17 (ATUALIZADO EM 29/08/2022 - 21H09)

Uma aluna de 15 anos que não aguentava mais ser alvo de bullying envolveu-se em uma briga e foi afastada da escola estadual onde estuda, em São José dos Campos, no interior de São Paulo. A adolescente estava sofrendo críticas maldosas e humilhantes sobre seu peso.

A briga envolveu cerca de três alunas e foi incentivada por muitos colegas. Mas a confusão começou dois dias antes, quando duas meninas puxaram o cabelo da garota e, em outro dia, quando um ovo foi jogado na vítima.

De acordo com a garota, na hora do intervalo, ela foi até a diretoria e conversou com os superiores sobre o que estava ocorrendo. Os responsáveis iriam falar com as meninas que estavam realizando o bullying com ela, mas logo em seguida, quando a aluna voltou para a sala, a briga aconteceu.

Alunos que estavam na sala de aula na hora da confusão gravaram vídeos e os divulgaram por meio de aplicativos de conversa.

Todos os envolvidos na briga, inclusive a vítima, receberam 30 dias de suspensão como punição. Segundo a mãe da adolescente, a escola entendeu que a filha foi tão responsável pela briga quanto as supostas agressoras.

Em nota, a Secretaria de Educação informou que repudia qualquer tipo de violência e que a ronda escolar registrou o boletim de ocorrência e afirmou que foi disponibilizado atendimento psicológico para os estudantes.

O caso é investigado pela Delegacia da Infância e da Juventude de São Paulo.

Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/adolescente-se-envolve-em-briga-apos-sofrer-bullying-e-e-suspensa-por-30-dias-em-escola-de-sp-29082022> em 12 de dez. de 2022.

### Sugestões para práticas discursivas

Esta atividade pode ser realizada com recursos tecnológicos, caso sua escola tenha acesso à internet. Disponibilize em rede para que os alunos possam realizar seus comentários, pode ser até por meio de grupo de WhatsApp, o importante é o aluno ter acesso. No caso de não ter acesso à internet, pode ser feito em papel. Imprima o texto e vá organizando os comentários embaixo, oriente os alunos sobre a realização dos comentários, utilizando sempre uma linguagem respeitosa, podendo comentar a fala de outro colega também.

Caso tenha realizado em papel, exponha o trabalho no pátio da escola ou na própria sala, o importante é fazer circular os sentidos produzidos pelos alunos. Você também pode colocá-los no arquivo pedagógico.

### Eixo 3 – Tecendo olhares sobre os conflitos escolares

Os conflitos presentes no espaço escolar se propagam por diferentes motivos. São da ordem do pessoal, do individual e até mesmo do grupo como um todo. Muitas são as causas, o

que não cabe discussão neste momento, mas que interferem no processo de aprendizagem escolar e influenciam na formação de uma sociedade mais justa e igualitária.

Dessa forma, a escola como instituição educacional pode e deve, juntamente com seu corpo docente, trabalhar para mostrar o quanto a educação é importante na formação de cada um, o respeito com o outro, o reconhecimento das diferenças e o que podemos aprender com elas, nos faz crescer conscientes de nossa realidade.

Faz parte do cotidiano da escola o encontro com a diversidade, pois diariamente alunos com pensamentos e visões de mundo diversos se encontram, interagem e compartilham os seus conhecimentos. Os conflitos fazem parte do espaço escolar, mas é preciso pensar que trabalhar com eles é um desafio para os educadores que precisam mediar e debater educativamente sobre temas conflitantes que necessitam de esclarecimentos e respeito ao posicionamento de cada um.

Para tanto, o eixo 3 aborda a temática dos conflitos no espaço escolar, lembrando que a retomada do que já foi feito é sempre enriquecedora. Pensar no sujeito de direitos e deveres do eixo 1, nos faz refletir sobre os conflitos escolares, falar sobre diversidade e discriminação trabalhada no eixo 2, colabora para o nosso entendimento sobre os movimentos conflitantes que existem na escola.

### **Atividade inicial**

- O que é conflito para você?

---

---

- Como esses conflitos estão presentes no espaço escolar?

---

---

---

### **Atividade 1 - Leitura**

#### **Texto 1**

# Crianças quebram vidro, invadem e vandalizam escola no Paraná

Colaboração para op UOL, em São Paulo 04/05/2021 09h28



Sala de aula da Escola John Kennedy, em Colombo (PR) Imagem: Reprodução/Prefeitura de Colombo

A Escola Municipal John Kennedy, que fica em Colombo, na Região Metropolitana de Curitiba (PR), foi encontrada ontem com registros de vandalismo. Imagens da câmera de segurança da instituição mostram que a destruição foi cometida por crianças.

Aberta a cada 15 dias para entregar materiais didáticos para que os alunos estudem de casa, professores encontraram o espaço em grande desordem ontem. Entre os prejuízos flagrados estavam livros destruídos, marca de tentativa de incêndio, extintor de incêndio acionado, além de outros equipamentos da estrutura avariados.

As crianças quebraram os vidros da porta para invadir o local. Segundo a RPC, afiliada da TV Globo, o local é vigiado por uma pessoa de segunda a sexta, mas, durante os finais de semana, é a Guarda Civil Metropolitana quem fica encarregada das rondas. A Prefeitura prometeu intensificar a segurança.

Um avô de um dos alunos que mora próximo ao local diz ter ouvido barulhos fortes no sábado, que achou que viessem da própria rua. "Era um barulho assim como se estivesse caindo um troço bem pesado, por isso pensei que era na rua do lado. Já estamos passando por esse negócio bem difícil no mundo inteiro [a pandemia de covid-19] e ainda ver um negócio assim entristece", diz, à TV.

Em nota divulgada nas redes sociais pela Prefeitura de Colombo, o vice-prefeito e secretário municipal de educação Alcione diz que os culpados devem ser penalizados. "Tomaremos as medidas para solucionar essa situação e com as imagens das câmeras de segurança vamos tentar identificar quem cometeu esse crime. Contamos também com apoio da população para informações que levem até os culpados", afirma.

Já a diretora do local, Maria Tereza de Souza, defende a inocência das crianças: "São só crianças perdidas nesse mundo que precisam ser encaminhadas para ver se conseguimos melhorar a vida delas no futuro. Precisamos que alguém olhe para elas, que ensine valores a eles, que mostre que a escola é dinheiro de todo mundo", opinou ela, à reportagem local.

A Polícia Civil investiga o caso e ouvirá os responsáveis legais das crianças que vandalizaram a instituição de ensino.

Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/05/04/criancas-vandalizam-escola.htm> acesso em 24 de abril de 2022.

Após a leitura do texto, reflita sobre os questionamentos, respondendo às questões:

1) Como você considera que as crianças são vistas por quem produziu a notícia?

---



---

2) Quais os sentidos provocados pelas palavras “invadem” e “vandalizam” presentes no título da notícia? Em que contexto essas palavras costumam ser usadas?

---

---

3) Como a prefeitura, na pessoa do vice-prefeito e do secretário municipal de educação, se posiciona diante do ocorrido?

---

---

4) Ao dizer que acredita “na inocência das crianças”, como a professora expressa sua visão sobre a situação ocorrida na escola?

---

---

5) A notícia traz um dilema sobre as crianças. Como você solucionaria a situação? Você considera que as crianças que causaram danos à escola mencionada tinham conhecimentos sobre seus direitos e deveres? Elas estariam exercendo o direito de liberdade?

---

---

---

### **Sugestões para práticas discursivas**

A leitura faz parte do desenvolvimento do sujeito crítico, dessa forma, estimular processos de leitura, mesmo que de textos pequenos, contribui para essa formação. Para a realização da atividade, a sugestão é de que cada um participe um pouquinho da leitura compartilhada, integrando toda a turma, trabalhando com a oralidade.

Após a leitura, cada um pode responder aos questionamentos sobre o texto. Em seguida, o professor pode promover o compartilhamento de opiniões.

- **Professor/a:**

Em sua atuação como educador, pense nos sentidos postos nas palavras “invadir” e “vandalizar” expostas no título do texto, levante questionamentos sobre os sentidos produzidos por estes enunciados.

Ao longo do texto, fala-se em “penalização” – você pode comentar o uso desse termo e estabelecer uma relação com o termo “responsabilização”. Como os alunos compreendem o ato de ser punido e o de ser responsabilizado?

## Atividade 2 –Leitura de imagens

### Texto 2



Disponível em <https://www.comunicaquemuda.com.br/bullying-e-coisa-seria/> acesso em 27 de dez.2022.

### Texto 3



Disponível em <https://www.opiniaocritica.com.br/educacao/quais-as-razoes-para-o-desinteresse-dos-alunos-em-sala-de-aula/> acesso em 27 de dez.2022.

## Texto 4



Disponível em <https://lafaieteagora.com.br/2019/09/06/com-pedidos-de-paz-e-igualdade-social-alunos-da-escola-astor-vianna-promovem-caminhada-da-independencia/> acesso em 27 de dez.2022.

## Texto 5



Disponível em <https://g1.globo.com/pe/peernambuco/noticia/alunos-brigam-e-arremessam-cadeiras-em-confronto-dentro-de-escola-estadual-no-grande-recife-veja-video.ghtml> acesso em 02 de jan.2023.

**Sugestões para práticas discursivas**

A leitura de imagens é muito importante para o processo de compreensão dos sentidos. Dessa forma, cabe ressaltar os sentidos que estão postos nas imagens e levar em consideração o que não está sendo mostrado, mas que, de certo modo, está sendo dito.

Este é um momento de análise minuciosa e detalhada, observar o centro de cada imagem, e também às margens. Converse com a turma sobre o foco de cada imagem, os motivos de dar ênfase em determinado fato e não a outro. Busque um diálogo aberto com a turma sobre os possíveis conflitos presentes em cada imagem, além disso, questione sobre as causas desses conflitos e como solucioná-los ou minimizá-los.

- Professor/a:

Para esta atividade, você pode selecionar outras imagens, se desejar, buscando sempre retratar situações conflituosas dentro ou fora do espaço escolar. As imagens podem ser impressas em tamanho maior e dispostas no quadro ou passadas em Datashow ou tv, de acordo com as condições da escola.

Incentive a turma a participar dessa análise, questione, indague, reformule pensamentos e questionamentos, sugira outras possibilidades, assim, os alunos poderão pensar cada imagem de outra forma. Ouça as falas dos alunos com atenção, pois eles sempre passam por sentidos, que às vezes, não tínhamos pensado.

### **Atividade 3 – Fala/escuta mútua**

A proposta está pautada na fala/escuta entre os participantes de cada grupo. O objetivo não é promover um debate, mas sim de falar sobre um assunto polêmico e os outros ouvirem, trabalhar a escuta das diferenças, refletir sobre determinado tema e mobilizar, assim, posicionamentos.

É bom selecionar temas conflitantes, estimular o exercício da conversa sobre o assunto, sem estabelecer uma conclusão, apenas escutar o que cada um pensa e como se relaciona com ele.

A turma pode ser organizada em grupos de cinco alunos (sugestão) ou da forma como o professor e a turma preferirem. Cada grupo deve ter um tema gerador que pode ser escolhido pelo grupo ou selecionados e sorteados pela turma.

Como sugestão, os temas que podem abordar conflitos no espaço escolar podem ser: bullying, preconceito, agressões físicas e verbais, diversidade, respeito, entre outros. Cada participante deve ter um tempo estipulado para falar e não deve ser interrompido ou questionado pelos demais que estarão ali ouvindo a fala do colega.



- Professor/a:

Para selecionar os temas geradores, pense nos problemas encontrados em sua escola, os conflitos presentes no espaço escolar de acordo com a realidade vivida por seus alunos. É importante trabalhar esse contexto presente na vida dos alunos, pois muitos conflitos advêm de situações culturais vivenciadas por eles em sua localidade.

#### **Atividade 4 – Registrando a fala/escuta mútua**

Em continuidade à atividade anterior, após a atividade de fala/escuta mútua, onde os alunos puderam falar sobre determinado tema, suas impressões, inquietações e opiniões, além de ouvir uns aos outros, agora é o momento de registro individual.

Esse registro é pessoal e cada um deve escrever como foi a sensação de poder falar sem nenhum julgamento, expressando seu posicionamento sobre determinado assunto. E ainda, deve registrar como foi ouvir os demais colegas, respeitar suas falas, sem a imposição de uma opinião sobre ela, além de ouvir as diferentes posições tomadas sobre a temática.

Ao final desta atividade, os alunos poderão ler seus textos para a turma e compartilhar seu aprendizado com os demais colegas.

### **Eixo 4 – Tecendo olhares sobre o respeito no/para o espaço escolar**

Olhar com respeito para o espaço escolar faz parte do processo educativo, uma vez que entendemos que a escola é nossa e precisamos cuidar dela. Porém, a dura realidade em que nossas escolas se encontram nos faz refletir sobre o processo de ensino neste ambiente. O que estamos ensinando a esses alunos que, diariamente, passam pela escola? Há casos de escolas depredadas ou em péssimas condições de uso. Há uma questão governamental sobre a manutenção de um ambiente de qualidade, o que favorece a aprendizagem e o bem-estar, mas há também, a falta de respeito por este espaço e pelas pessoas que atuam nele trabalhando para oferecer um futuro melhor para muitas crianças e adolescentes.

Quando não há o reconhecimento de que este espaço pertence a nós, que necessita de cuidados, que outros alunos o utilizarão, o desrespeito se faz presente, destruindo parte daquilo que é necessário para o processo educacional. Além disso, o bom relacionamento entre alunos, professores e funcionários promove um ambiente de qualidade, mais humano e democrático.

Assim, trabalhar o respeito no e para o espaço escolar é uma necessidade constante, algo que precisa estar presente em todas as escolas e salas de aulas. Conscientizar alunos,

professores e funcionários que, o respeito para com o outro e também com a escola enquanto estrutura que acolhe, já que necessitamos de um ambiente que promova o bem-estar, colabora para a construção de uma educação mais humana, formadora de uma sociedade justa e igualitária.

Este eixo faz uma retomada completa de tudo que foi abordado até aqui, assim, o aluno já possui uma certa história de leituras e debates sobre a temática. Falar de respeito é pensar em nossos direitos e deveres, é pensar na questão da diversidade, nos conflitos que acontecem no espaço escolar, já que a maioria deles ocorre pela falta de respeito, por não aceitar a opinião do outro, pelo julgamento que é feito sem nenhuma consideração às diferenças.

### **Atividade inicial**

Há respeito com o espaço da sua escola? As salas, pátio, banheiros, bibliotecas, quadras e demais áreas da escola são bem cuidadas?

---



---



---

Como é o relacionamento entre as pessoas (alunos, professores e funcionários)?

---



---

Como você se sente na sua escola?

---



---

### **Atividade 1 – Leitura**

#### **Texto 1**

**No Japão, alunos limpam até banheiro da escola para aprender a valorizar patrimônio**

*"Na escola, o aluno não estuda apenas as matérias, mas aprende também a cuidar do que é público e a ser um cidadão mais consciente", explica o professor Toshinori Saito.*

Por **A Grande Arte De Ser Feliz** -7 de janeiro de 2020

Em qualquer escola da América Latina, é comum ver pessoas encarregadas de manter a limpeza; no entanto, no Japão, os mesmos alunos são responsáveis pela limpeza.

Na maioria das escolas, os alunos do ensino fundamental e médio, além de varrer, esfregar e servir um lanche como parte de sua rotina escolar, também precisam lavar os banheiros; uma prática conhecida como *o-soji*.

O professor Toshinori Saito disse:

*“Na escola, o aluno não apenas estuda os assuntos, mas também aprende a cuidar do que é público e a ser um cidadão mais consciente. E ninguém afirma, porque sempre foi assim.”*

Além disso, as escolas japonesas não têm lanchonetes ou cantinas, então os alunos comem nas salas de aula e eles mesmos são responsáveis por organizar tudo e servir seus colegas de classe.



**Quando terminam o lanche, eles se limpam.**

Os alunos são divididos em grupos, sendo cada um deles responsável pela lavagem do que foi usado durante a refeição e pela limpeza da sala de aula, corredores, escadas e banheiros em um sistema rotativo coordenado pelos professores.



Isso não significa que as escolas no Japão não tenham funcionários encarregados da limpeza; sim, existem e eles são conhecidos como *yomushuji*. Mas *o-soji* é uma tradição que *existe* em instituições educacionais.

*“Eu também ajudei a cuidar da escola, assim como meus pais e avós, e estamos felizes em receber a lição de casa porque adquirimos uma responsabilidade”.*

**– Professor Toshinori Saito**



Michie Afuso, presidente da organização ABC no Japão, que auxilia a integração de estrangeiros e japoneses, garante que “a obrigação também faz as crianças entenderem a importância de limpar o que está sujo”.

Um exemplo dessa prática foi observado na Copa do Mundo do Brasil, na qual os torcedores japoneses chamam a atenção para limpar as arquibancadas durante os jogos, como

fazem nas cidades japonesas, conhecidas mundialmente por terem uma limpeza quase impecável.



*“Isso demonstra o nível de organização do povo japonês, que aprende desde cedo a cuidar do patrimônio público que será usado pelas próximas gerações”  
– Michie Afuso*



Para que estrangeiros e seus filhos entendam como as tradições funcionam nas escolas japonesas, muitas cidades contrataram assistentes bilíngues. Por exemplo, a brasileira Emilia Mie Tamada trabalha na província de Nara, adjacente a Kyoto, onde já é voluntária há mais de 15 anos.

E com relação às crianças japonesas fazendo a limpeza, Mie disse:

*“Durante todo esse tempo, não me lembro de nenhum pai que tenha questionado a participação de seu filho na limpeza da escola”.*

Disponível em: <https://www.agrandeartedeserfeliz.com/no-japao-alunos-limpam-ate-banheiro-da-escola-para-aprender-a-valorizar-patrimonio/> em 07 de jan. de 2023.

Após a leitura, responda aos seguintes questionamentos:

1) Como a limpeza feita pelo próprio aluno pode contribuir, em sua opinião, para a valorização do espaço escolar? Comente.

---

---

---

2) Na sua escola, você considera que haveria necessidade de colocar os alunos para participarem da limpeza, de modo a se tornarem sujeitos mais conscientes da importância de se preservar o espaço escolar?

---

---

3) Que atitudes você considera inadequadas, relacionada ao cuidado com o espaço escolar?

---

---

---

### **Sugestões para práticas discursivas**

Oriente uma a leitura de forma compartilhada, em voz alta, em seguida, promova uma conversa informal sobre o assunto abordado no texto, pensando sempre na realidade da escola e no cuidado que os alunos têm ou não com os espaços utilizados por eles, bem como os materiais pertencentes ao processo educacional.

Trabalhar a conscientização sobre o cuidado com a escola colabora para a formação de um cidadão responsável e atento aos espaços públicos. Na escola, muitos alunos ainda consideram que as pessoas que cuidam da limpeza têm a obrigação de limpar aquilo que eles sujaram, dessa forma, trabalhe com a ideia de que essas pessoas são importantes para manter o espaço escolar limpo e organizado, mas que não é obrigação delas limpar a parede do banheiro, por exemplo, onde um aluno escreveu algo, se na sala de aula tem lixeira, por que os alunos jogam lixo no chão? São pequenas atitudes que colaboram para a convivência coletiva e forma cidadãos mais responsáveis.

- **Professor/a:**

Um debate que pode ser feito nessa atividade é explorar os sentidos presentes nas falas dos alunos sobre a limpeza e o cuidado com a escola. Ainda presenciemos falas como: “se eu não sujar, o que ele ou ela vai fazer?” ou “se eu não jogar lixo no chão, ela ou ele não vai ter trabalho”.

Leve os alunos a refletirem sobre a atuação enquanto aluno da escola e pertencente a uma sociedade que reconheça ser responsável por aquele espaço.

### **Atividade 2 – Leitura de imagem**

**Texto2**

Disponível em <https://thiagovenco.jusbrasil.com.br/artigos/265763143/conflitos-na-escola-melhorar-o-diagnostico-para-melhorar-o-tratamento> acesso em 27 de dez.2022.

**Texto3**

Disponível em [https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/12-07-2015/conflitos-dentro-e-fora-da-escola.html#goog\\_rewarded](https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/12-07-2015/conflitos-dentro-e-fora-da-escola.html#goog_rewarded) acesso em 27 de dez.2022.

**Sugestões para práticas discursivas**

Vamos analisar um texto de cada vez e pensar nos elementos de cada um.

Observe com atenção o texto 1 (imagem 1), você pode levantar os seguintes questionamentos:

- O que temos na imagem 1?
- Que sujeitos são esses?
- O que estão fazendo?
- Quais os possíveis motivos para estarem reunidos?
- O que representa a frase escrita na faixa “A escola é nossa”?
- Qual o sentido de utilizar uma faixa preta com as inscrições em branco?

Passe para o texto 2 (imagem 2), vamos analisar com atenção:

- Que espaço é esse?
- Esse espaço pertence à coletividade ou é de uso individual?
- O que representa as inscrições nas paredes?
- Quais marcas a pessoa que escreveu quis deixar?
- Ao olhar uma parede assim, qual a sua sensação ou sentimento?

Agora, vamos integrar as duas imagens:

- Qual a relação entre as imagens?
- Qual o sentido da faixa “A escola é nossa” quando encontramos um banheiro escolar assim?

- **Professor/a:**

Se for possível, imprima as duas imagens em tamanho maior e disponha uma de cada vez no quadro ou utilize o Datashow. Dessa forma, os alunos trabalharão os sentidos de cada uma e depois integrarão as duas, assim podem manter ou reorganizar os sentidos produzidos anteriormente.

Vale ressaltar a importância do trabalho com textos que tragam posicionamentos diversos, assim o aluno não poderá, simplesmente, concordar com o texto ou discordar dele, ele deverá tomar um posicionamento diante do exposto, de acordo com suas histórias de leitura.

### **Atividade 3 – Descrição**

Para esta atividade, disponibilize os textos (imagens) da atividade anterior em tamanho menor e oriente a produção de uma descrição, ou seja, o aluno precisa registrar suas impressões sobre o que vê. Ao final da atividade, exponha os trabalhos em um mural, fazendo circular as produções dos alunos. Eles também podem compartilhar seus textos com os demais e trabalhar com a leitura em voz alta.



- **Professor/a:**

Trabalhe as questões debatidas na atividade 2, assim, a produção ficará mais leve e os alunos terão facilidade para realizar seus textos.

Envolva os alunos e seus posicionamentos, converse com a turma sobre o respeito com a descrição do outro, sem julgamentos, mas entendendo que cada um deve respeitar/comentar o texto do outro com empatia/ polidez. A sala de aula é o espaço da diversidade e reconhecer que somos diferentes e temos posicionamentos diversos faz parte do processo de aprendizagem.

#### **Atividade 4 – Analisando o espaço escolar**

Para esta atividade, a turma pode ser dividida em pequenos grupos e estes deverão, orientados pelo professor, olhar o espaço escolar e observar se está bem cuidado, se há o respeito com a coletividade.

Os alunos podem fotografar situações como escritas nas carteiras, nas portas dos banheiros, bem como a destruição dos espaços ou objetos utilizados para a aprendizagem, como mesas e carteiras. É importante que também olhem para a própria sala de aula, pois este espaço traz algumas informações de como a turma se posiciona diante do que foi trabalhado. Podem observar, também, os momentos de interação das demais turmas, nos horários de intervalo, aulas vagas e recreios, buscando informações de como a comunidade escolar se coloca neste espaço.

É importante também um olhar atento para os espaços bem cuidados na escola. Observar esses lugares e as pessoas que o utilizam com frequência.

Após esta análise atenta sobre o espaço escolar, cada aluno, individualmente, poderá produzir um texto sobre tudo que presenciou e observou e trazer para a sala de aula as impressões do espaço utilizado por eles.

Cada aluno fará a leitura de seu texto para a turma. Após a leitura de todos, o professor pode levantar os seguintes questionamentos:

- Como está o nosso espaço escolar?
- Estamos cuidando dele?
- Qual a sensação de vocês quando se deparam com algo destruído ou mal cuidado?
- Quais são as pessoas responsáveis pelo cuidado com o espaço escolar?
- Qual foi a sensação de vocês ao observar o espaço escolar?

- Precisamos mudar alguma coisa?
- Que ações podem ser realizadas em nossa escola para melhorar nossa atuação como cidadão?
- O que eu, enquanto aluno desta instituição, posso fazer para contribuir de forma significativa para a manutenção do espaço educacional?
- Um espaço escolar bem cuidado ajuda a promover uma educação de qualidade?

- **Professor/a:**

Este momento final é de muita reflexão, na verdade não é o “final”, mas sim o início de uma nova etapa, repleta de conscientização sobre a cidadania na escola.

Levar os alunos à reflexão é muito importante para este processo, mas, nós, enquanto professores, também precisamos desta reflexão. O que estamos fazendo para contribuir com esse processo? Estamos orientando e ajudando nossos alunos nesta tomada de posição, nesta construção de uma escola livre e igualmente justa para todos?

Neste trabalho, olhar a nossa prática e refletir sobre ela é fundamental para a formação dos nossos alunos e a nossa também. Precisamos retomar pontos que passaram despercebidos, reorganizar atividades que não deram certo, mudar nossa metodologia, pois não foi adequada à turma. A mudança sempre traz novidades, e a escola precisa sair dessa inércia de que “não tem jeito”, “isso não muda”. Nós precisamos e podemos contribuir com essa mudança! Nós somos PROFESSORES!

**APÊNDICE B** – Caderno de atividades ( versão do aluno)**TECENDO OLHARES DISCURSIVOS SOBRE/PARA A CIDADANIA NA ESCOLA**

## Material do aluno

**Apresentação****Prezado/a aluno/a.**

Sejam bem-vindos ao caderno de atividades “Tecendo olhares discursivos sobre/para a cidadania”, elaborado para desenvolver práticas de leitura e produção textual, apoiando o seu processo de aprendizagem.

Neste caderno, as atividades estão distribuídas em quatro eixos temáticos e abordam o tema gerador que é a cidadania:

Eixo 1 – Tecendo olhares sobre os sujeitos de direito;

Eixo 2 – Tecendo olhares sobre a diversidade e a discriminação;

Eixo 3 – Tecendo olhares sobre os conflitos escolares;

Eixo 4 – Tecendo olhares sobre o respeito no/ para o espaço escolar.

Cada eixo é composto por uma atividade inicial e quatro atividades que envolvem leituras, debates, conversas e produções textuais. Espero contribuir significativamente com seu processo de aprendizagem e colaborar para a promoção da autoria.

**Eixo 1 – Tecendo olhares sobre os sujeitos de direitos****Atividade inicial**

Você sabe quais são os seus direitos? E seus deveres?

Pontue aqui, pelo menos um direito e um dever que você conheça.

---

---

---

Você sabe o que significa “direitos humanos”? Explique o que você entende sobre esse assunto.

---

---

## Atividade 1 – Leitura

A turma pode se organizar em duplas para a realização da leitura. Faça a leitura pensando na presença/ ausência dos direitos. Em seguida o professor promoverá a interação das duplas, em um momento aberto para a fala de todos.

### Texto 1

#### Fragmento do Diário de Anne Frank

20 de junho de 1942

Meu pai já tinha trinta e seis anos quando se casou com minha mãe, a qual tinha vinte e cinco. Minha irmã, Margot, nasceu em 1926, em Frankfurt amMain. E eu em 12 de junho de 1929. Sendo cem por cento judeus, emigramos para a Holanda em 1933, onde meu pai foi nomeado diretor da Travis N.V., firma associada à Kolen& Cia. de Amsterdã. O mesmo edifício albergava as sociedades das quais meu pai era acionista. Desde então, a vida não estava livre de emoções para nós, pois o restante de nossa família ainda encontrava-se defendendo das medidas hitleristas contra os judeus. À raiz das perseguições de 1938, meus dois tios maternos fugiram e chegaram sãos e salvos aos Estados Unidos. Minha avó, então de setenta e três anos, reuniu-se conosco. Depois de 1940, nossa boa época terminaria rapidamente diante de tudo: a guerra, a captura, e a invasão dos alemães, levando-nos à miséria. Disposição atrás de disposição contra os judeus. Os judeus eram obrigados a levar a estrela, a ceder suas bicicletas. Proibição dos judeus de subir num bonde, de dirigir um carro. Obrigação para os judeus de fazerem suas compras exclusivamente nos estabelecimentos marcados com o letreiro: “Comércio Judeu”, e, das 15:00 às 17:00 horas apenas. Proibição para os judeus de saírem depois das 8:00 da noite, nem sequer a seus jardins - ou ainda - de permanecer na casa de seus amigos. Proibição para os judeus de praticarem exercícios em qualquer esporte público: proibido o acesso à piscina, à quadra de tênis e de hóquei ou a outros lugares de treinamento. Proibição para os judeus de visitarem aos cristãos. Obrigação para os judeus de irem a escolas judias, e muitas outras restrições semelhantes.

Disponível em: <http://odiariodeannefranknaeja.blogspot.com/2010/11/fragmentos-do-diario-de-anne-frank.html>

### Texto 2



Disponível em: <https://www.upa.unicamp.br/direitos-humanos-armandinho-na-upa> acesso em 24 de abril de 2022.

## Atividade 2 – Leitura em grupo

### Texto 3

O texto 3 é uma história em quadrinhos do “Menino Maluquinho” sobre a Declaração dos Direitos Humanos. O texto está disponível no link abaixo, mas seu professor pode entregar fotocopiado.

Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/dados/cartilhas/a\\_pdf\\_dh/cartilha\\_ziraldo\\_dh.pdf](http://www.dhnet.org.br/dados/cartilhas/a_pdf_dh/cartilha_ziraldo_dh.pdf)

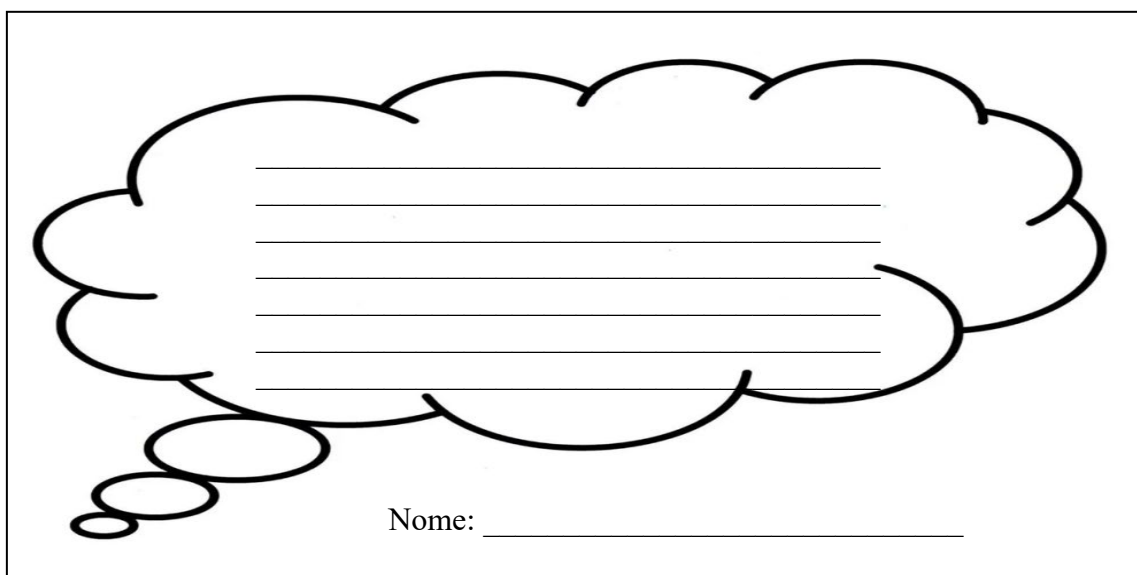
Os alunos podem se organizar em grupos de 4 a 5 integrantes. Façam a leitura e conversem com seus colegas sobre os direitos e observem como estão presentes ou não em nosso dia a dia.

## Atividade 3 – Debate

A partir da leitura dos textos anteriores, pense nas seguintes palavras: igualdade, desigualdade, direito, dever, liberdade, entre outras que pode ter chamado a sua atenção. Participe do debate e compartilhe posicionamentos com os colegas, ouvir e respeitar as falas de cada um faz parte do aprendizado.

## Atividade 4 – Produção de texto (pensamento escrito)

Agora é a sua vez de escrever! Organize seu pensamento sobre tudo que foi lido e debatido. Produza um parágrafo que expresse seu posicionamento sobre o assunto abordado até o momento. Não esqueça da leitura, releia seu texto e veja se precisa fazer alguma alteração.



Nome: \_\_\_\_\_

## Eixo 2 – Tecendo olhares sobre a diversidade e a discriminação

### Atividade inicial

O que você compreende sobre os termos abaixo?

- **Racismo:**

---

---

- **Preconceito:**

---

---

- **Discriminação:**

---

---

### Atividade 1 – Leitura

A sugestão é que uma primeira leitura seja feita de forma individual, em seguida o professor pode sugerir uma leitura compartilhada. Após a leitura, alguns questionamentos promovem uma conversa entre os alunos.

#### Texto 1

## Modelo brasileira é impedida de embarcar em voo por ser “gorda demais”

A modelo Juliana Nehme está retida no Líbano e afirma ter sido vítima de gordofobia pela Qatar Airways

Vinícius Bernardes, da CNN\* em São Paulo  
24/11/2022 às 12:04 | Atualizado 24/11/2022 às 12:07

Na última terça-feira (22), a modelo plus size e influenciadora digital Juliana Nehme afirmou ter sido vítima de gordofobia pela Qatar Airways, no Líbano. Segundo ela, a companhia aérea a proibiu de realizar uma viagem com destino a São Paulo por ser “gorda demais”.

Em uma série de vídeos postados no Instagram, a modelo, visivelmente abalada, conta que foi barrada de embarcar na conexão do Líbano para Doha, no Qatar, — e posteriormente voar para São Paulo, no Brasil — por conta de seu peso:

“A aeromoça da Qatar disse que eu não posso embarcar porque eu sou muito gorda e não tenho direito a essa passagem. Estamos eu, a minha mãe, a minha irmã e o meu sobrinho. Nós pagamos 4 mil dólares por essas passagens. Agora, ela simplesmente se nega a dar as

passagens e a me deixar embarcar no voo para Doha e de lá para São Paulo porque sou gorda. O que eu vou fazer?”, desabafou.

Juliana disse ainda que a companhia alegou que ela teria que comprar uma passagem executiva de 3 mil dólares ou dois bancos comuns para “caber no assento” e seguir viagem, pagando multa por não ter embarcado na data marcada.



Reprodução/Instagram

“Eu nunca na minha vida, imaginei passar por tudo o que eu passei aqui. Eu já passei por gordofobia diversas vezes, mas nunca imaginei passar por isso”, compartilhou a modelo.

Sem conseguir resolver o problema, a influenciadora que segue no Líbano acompanhada da família, permanece à espera de uma solução, contando com apoio da Embaixada do Brasil no país para poder retornar:

“Eu consegui falar com o embaixador do Brasil no Líbano hoje e ele está me ajudando de todas as formas possíveis. Ele falou com a Qatar, mas ela não abre mão. (Antes) eles disseram que eu teria que pagar uma passagem extra e pagar a multa. Hoje, com o embaixador, eles disseram que eu preciso comprar duas passagens extras para mim e pagar uma multa da minha mãe. Eles não entram em acordo”, revelou.

“O embaixador está fazendo de tudo para nos ajudar, mas ele disse que está muito difícil. Em relação à parte jurídica, como a passagem foi comprada aqui no Líbano, o Brasil não consegue fazer nada. Tudo está preso, só a Qatar pode fazer algo.”

Em nota, o Itamaraty confirma que está prestando suporte à modelo:

“O Ministério das Relações Exteriores, por meio da Embaixada do Brasil em Beirute, está em contato com a nacional e presta a assistência cabível à cidadã brasileira, em conformidade com os tratados internacionais vigentes.”

Apesar do constrangimento, a modelo também agradeceu o apoio que vem recebendo nas redes sociais:

“Eu agradeço de coração todo carinho e toda luta por um mundo mais justo, sem preconceito e nem gordofobia”,

Procurada pela CNN, a Qatar Airways não se manifestou até a última atualização desta reportagem.

Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/modelo-brasileira-e-impedida-de-embarcar-em-voo-por-ser-gorda-demais/> em 18 de dez. de 2022.



Disponível em: <https://www.teccursos.com.br/questoes/1502539> em 18 de dez. de 2022.

Questionamentos:

- Para vocês, qual o sentido da palavra “gorda”?
- Como a modelo entendeu a expressão “gorda demais”?
- Quais os sentidos postos na expressão “gorda demais” expressos pela companhia aérea?
- Ela teve seu direito violado?
- Sofreu alguma discriminação?
- Você conhece alguém já passou por uma situação de discriminação por possuir determinada característica?


Voltando ao texto 2, pense na pergunta do menino “Por que tem pessoas que não aceitam diferenças?”



### Atividade 2 – Leitura de comentários

Os comentários a seguir foram extraídos da reportagem sobre o caso da modelo, exibida em uma rede televisiva e está disponível no canal do youtube.


### Texto 3





 (editado)  
 Gordofobia... medo de gordo?  
 Eu tenho medo de ficar desse tamanho...  
 Ela não pensa na pessoa que sentaria do lado dela, imagina o desconforto de quem terá muito, mas MUITO de seu espaço invadido.


 2  Responder



#### Texto 4

 há 10 dias (editado)  
 Se faz de vítima, mas não tem nenhuma empatia pela pessoa que vai ao lado dela. Já pensou vir de Doha até São Paulo do lado de um Mamute desse?!?!


 3  Responder



#### Texto 5

 há 2 semanas  
 Muito gentil esses atendentes da Qatar, se tivesse sido eu no lugar deles eu teria falado "o setor de cargueiros é do outro lado do aeroporto moça"


 4  Responder



#### Texto 6

 há 3 semanas  
 Estou bem acima do meu peso e quando viajo de ônibus me sinto incomodado e sinto que incomodo também quem senta do meu lado pois os assentos são muito estreitos, nunca viajei de avião então não sei qual o espaço entre as poltronas e também não sei quão acima do peso essa moça está, mas penso que tudo é uma questão de bom senso, ou dela ou da empresa.


 3  Responder



#### Texto 7

 há 2 semanas  
 gente, qual a dificuldade de compreensão? a mulher não cabe na cadeira da classe economica, tem de comprar 2 ou uma na executiva q a cadeira é mais larga. Se eu cismar de levar meu elefante eles tem que deixar?


  Responder



#### Texto 8

 há 3 semanas  
 Mas ela não é gorda???

 14  Responder

#### Texto 9

 há 3 semanas  
 Infelizmente ela ocupa dois acentos... Sinto muito, ou é fazer uma dieta para evitar isto ou gastar mais dinheiro com passagem... Gordo não é saudável, melhore sua saúde...

 1  Responder

#### Texto 10



#### Atividade 4 – Produção de comentários

Para esta atividade, você deve ler o texto a seguir e depois, com a ajuda de seu professor produza comentários. Esta atividade pode ser realizada com recursos tecnológicos ou feita em cartaz.

##### Texto 15

## Adolescente se envolve em briga após sofrer bullying e é suspensa por 30 dias em escola de SP

### A jovem estava sofrendo críticas maldosas e humilhantes e também foi alvo de uma ovada

SÃO PAULO | Do R7, com informações do Balanço Geral, da Record TV  
29/08/2022 - 16H17 (ATUALIZADO EM 29/08/2022 - 21H09)

Uma aluna de 15 anos que não aguentava mais ser alvo de bullying envolveu-se em uma briga e foi afastada da escola estadual onde estuda, em São José dos Campos, no interior de São Paulo. A adolescente estava sofrendo críticas maldosas e humilhantes sobre seu peso.

A briga envolveu cerca de três alunas e foi incentivada por muitos colegas. Mas a confusão começou dois dias antes, quando duas meninas puxaram o cabelo da garota e, em outro dia, quando um ovo foi jogado na vítima.

De acordo com a garota, na hora do intervalo, ela foi até a diretoria e conversou com os superiores sobre o que estava ocorrendo. Os responsáveis iriam falar com as meninas que estavam realizando o bullying com ela, mas logo em seguida, quando a aluna voltou para a sala, a briga aconteceu.

Alunos que estavam na sala de aula na hora da confusão gravaram vídeos e os divulgaram por meio de aplicativos de conversa.

Todos os envolvidos na briga, inclusive a vítima, receberam 30 dias de suspensão como punição. Segundo a mãe da adolescente, a escola entendeu que a filha foi tão responsável pela briga quanto as supostas agressoras.

Em nota, a Secretaria de Educação informou que repudia qualquer tipo de violência e que a ronda escolar registrou o boletim de ocorrência e afirmou que foi disponibilizado atendimento psicológico para os estudantes.

O caso é investigado pela Delegacia da Infância e da Juventude de São Paulo.

Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/adolescente-se-envolve-em-briga-apos-sofrer-bullying-e-e-suspensa-por-30-dias-em-escola-de-sp-29082022> em 12 de dez. de 2022.

### Eixo 3 – Tecendo olhares sobre os conflitos escolares

#### Atividade inicial

- O que é conflito para você?

---



---

- Como esses conflitos estão presentes no espaço escolar?
- 
- 
- 

## Atividade 1 - Leitura

### Texto 1

# Crianças quebram vidro, invadem e vandalizam escola no Paraná

Colaboração para op UOL, em São Paulo 04/05/2021 09h28



Sala de aula da Escola John Kennedy, em Colombo (PR)Imagem: Reprodução/Prefeitura de Colombo

A Escola Municipal John Kennedy, que fica em Colombo, na Região Metropolitana de Curitiba (PR), foi encontrada ontem com registros de vandalismo. Imagens da câmera de segurança da instituição mostram que a destruição foi cometida por crianças.

Aberta a cada 15 dias para entregar materiais didáticos para que os alunos estudem de casa, professores encontraram o espaço em grande desordem ontem. Entre os prejuízos flagrados estavam livros destruídos, marca de tentativa de incêndio, extintor de incêndio acionado, além de outros equipamentos da estrutura avariados.

As crianças quebraram os vidros da porta para invadir o local. Segundo a RPC, afiliada da TV Globo, o local é vigiado por uma pessoa de segunda a sexta, mas, durante os finais de semana, é a Guarda Civil Metropolitana quem fica encarregada das rondas. A Prefeitura prometeu intensificar a segurança.

Um avô de um dos alunos que mora próximo ao local diz ter ouvido barulhos fortes no sábado, que achou que viessem da própria rua. "Era um barulho assim como se estivesse caindo um troço bem pesado, por isso pensei que era na rua do lado. Já estamos passando por esse negócio bem difícil no mundo inteiro [a pandemia de covid-19] e ainda ver um negócio assim entristece", diz, à TV.

Em nota divulgada nas redes sociais pela Prefeitura de Colombo, o vice-prefeito e secretário municipal de educação Alcione diz que os culpados devem ser penalizados.

"Tomaremos as medidas para solucionar essa situação e com as imagens das câmeras de segurança vamos tentar identificar quem cometeu esse crime. Contamos também com apoio da população para informações que levem até os culpados", afirma.

Já a diretora do local, Maria Tereza de Souza, defende a inocência das crianças: "São só crianças perdidas nesse mundo que precisam ser encaminhadas para ver se conseguimos melhorar a vida delas no futuro. Precisamos que alguém olhe para elas, que ensine valores a eles, que mostre que a escola é dinheiro de todo mundo", opinou ela, à reportagem local.

A Polícia Civil investiga o caso e ouvirá os responsáveis legais das crianças que vandalizaram a instituição de ensino.

Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/05/04/criancas-vandalizam-escola.htm> acesso em 24 de abril de 2022.

Após a leitura do texto, reflita sobre os questionamentos, respondendo às questões:

1) Como você considera que as crianças são vistas por quem produziu a notícia?

---

---

2) Quais os sentidos provocados pelas palavras “invadem” e “vandalizam” presentes no título da notícia? Em que contexto essas palavras costumam ser utilizadas?

---

---

3) Como a prefeitura, na pessoa do vice-prefeito e do secretário municipal de educação, se posiciona diante do ocorrido?

---

---

4) Ao dizer que acredita “na inocência das crianças”, como a professora expressa sua visão sobre a situação ocorrida na escola?

---

---

5) A notícia traz um dilema sobre as crianças. Como você solucionaria a situação? Você considera que as crianças que causaram danos à escola mencionada tinham conhecimentos sobre seus direitos e deveres? Elas estariam exercendo o direito de liberdade?

---

---

---

## Atividade 2 –Leitura de imagens

### Texto 2



Disponível em <https://www.comunicaquemuda.com.br/bullying-e-coisa-seria/> acesso em 27 de dez.2022.

### Texto 3



Disponível em <https://www.opiniaocritica.com.br/educacao/quais-as-razoes-para-o-desinteresse-dos-alunos-em-sala-de-aula/> acesso em 27 de dez.2022.



Para esta análise, observe atentamente cada imagem e pense nos sentidos que elas podem trazer. Analise não só o que está na imagem, mas também o que não é possível ver, mas está sendo dito.

### **Atividade 3 – Fala/escuta mútua**

A turma será organizada em grupos e cada grupo receberá um tema gerador para a realização da proposta. O professor dará sugestões dos temas e também poderá fazer sorteio.

### **Atividade 4 – Registrando a fala/escuta mútua**

Dando continuidade à atividade anterior, após a atividade de fala/escuta mútua, onde se pode falar sobre determinado tema, suas impressões, inquietações e opiniões, além de ouvir uns aos outros, agora é o momento de registro individual.

Esse registro é pessoal e cada um deve escrever como foi a sensação de poder falar sem nenhum julgamento, expressando seu posicionamento sobre determinado assunto. E ainda, deve registrar como foi ouvir os demais colegas, respeitar suas falas, sem a imposição de uma opinião sobre ela, além de ouvir as diferentes posições tomadas sobre a temática.

Ao final desta atividade, os alunos poderão ler seus textos para a turma e compartilhar seu aprendizado com os demais colegas.

## **Eixo 4 – Tecendo olhares sobre o respeito no/para o espaço escolar**

### **Atividade inicial**

Há respeito com o espaço da sua escola? As salas, pátio, banheiros, bibliotecas, quadras e demais áreas da escola são bem cuidadas?

---



---



---



---

Como é o relacionamento entre as pessoas (alunos, professores e funcionários)?

---



---



---

Como você se sente na sua escola?

---



---



## Atividade 1 – Leitura

### Texto 1

# No Japão, alunos limpam até banheiro da escola para aprender a valorizar patrimônio

*"Na escola, o aluno não estuda apenas as matérias, mas aprende também a cuidar do que é público e a ser um cidadão mais consciente", explica o professor Toshinori Saito.*

Por **A Grande Arte De Ser Feliz** -7 de janeiro de 2020

Em qualquer escola da América Latina, é comum ver pessoas encarregadas de manter a limpeza; no entanto, no Japão, os mesmos alunos são responsáveis pela limpeza.

Na maioria das escolas, os alunos do ensino fundamental e médio, além de varrer, esfregar e servir um lanche como parte de sua rotina escolar, também precisam lavar os banheiros; uma prática conhecida como *o-soji*.

O professor Toshinori Saito disse:

*"Na escola, o aluno não apenas estuda os assuntos, mas também aprende a cuidar do que é público e a ser um cidadão mais consciente. E ninguém afirma, porque sempre foi assim."*

Além disso, as escolas japonesas não têm lanchonetes ou cantinas, então os alunos comem nas salas de aula e eles mesmos são responsáveis por organizar tudo e servir seus colegas de classe.



**Quando terminam o lanche, eles se limpam.**

Os alunos são divididos em grupos, sendo cada um deles responsável pela lavagem do que foi usado durante a refeição e pela limpeza da sala de aula, corredores, escadas e banheiros em um sistema rotativo coordenado pelos professores.



Isso não significa que as escolas no Japão não tenham funcionários encarregados da limpeza; sim, existem e eles são conhecidos como *yomushuji*. Mas *o-soji* é uma tradição que *existe* em instituições educacionais.

*“Eu também ajudei a cuidar da escola, assim como meus pais e avós, e estamos felizes em receber a lição de casa porque adquirimos uma responsabilidade”.*

*– Professor Toshinori Saito*



Michie Afuso, presidente da organização ABC no Japão, que auxilia a integração de estrangeiros e japoneses, garante que “a obrigação também faz as crianças entenderem a importância de limpar o que está sujo”.

Um exemplo dessa prática foi observado na Copa do Mundo do Brasil, na qual os torcedores japoneses chamam a atenção para limpar as arquibancadas durante os jogos, como

fazem nas cidades japonesas, conhecidas mundialmente por terem uma limpeza quase impecável.



*“Isso demonstra o nível de organização do povo japonês, que aprende desde cedo a cuidar do patrimônio público que será usado pelas próximas gerações”*

*– Michie Afuso*



Para que estrangeiros e seus filhos entendam como as tradições funcionam nas escolas japonesas, muitas cidades contrataram assistentes bilíngues. Por exemplo, a brasileira Emilia Mie Tamada trabalha na província de Nara, adjacente a Kyoto, onde já é voluntária há mais de 15 anos.

E com relação às crianças japonesas fazendo a limpeza, Mie disse:

*“Durante todo esse tempo, não me lembro de nenhum pai que tenha questionado a participação de seu filho na limpeza da escola”.*

Disponível em: <https://www.agrandeartedeserfeliz.com/no-japao-alunos-limpam-ate-banheiro-da-escola-para-aprender-a-valorizar-patrimonio/> em 07 de jan. de 2023.

Após a leitura, responda aos seguintes questionamentos:

1) Como a limpeza feita pelo próprio aluno pode contribuir, em sua opinião, para a valorização do espaço escolar? Comente.

---

---

---

2) Na sua escola, você considera que haveria necessidade de colocar os alunos para participarem da limpeza, de modo a se tornarem sujeitos mais conscientes da importância de se preservar o espaço escolar?

---

---

3) Que atitudes você considera inadequadas, relacionada ao cuidado com o espaço escolar?

---

---

---

## Atividade 2 – Leitura de imagem

Observe atentamente cada imagem e depois procure responder aos questionamentos sugeridos.

### Texto2



Disponível em <https://thiagovenco.jusbrasil.com.br/artigos/265763143/conflitos-na-escola-melhorar-o-diagnostico-para-melhorar-o-tratamento> acesso em 27 de dez.2022.

### Texto3



Disponível em [https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/12-07-2015/conflitos-dentro-e-fora-da-escola.html#goog\\_rewarded](https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/12-07-2015/conflitos-dentro-e-fora-da-escola.html#goog_rewarded) acesso em 27 de dez.2022.

Questionamentos:

Sobre o texto 1 (imagem 1):

- O que temos na imagem 1?
- Que sujeitos são esses?
- O que estão fazendo?
- Quais os possíveis motivos para estarem reunidos?
- O que representa a frase escrita na faixa “A escola é nossa”?
- Qual o sentido de utilizar uma faixa preta com as inscrições em branco?

Sobre o texto 2 (imagem 2):

- Que espaço é esse?
- Esse espaço pertence à coletividade ou é de uso individual?
- O que representa as inscrições nas paredes?
- Quais marcas a pessoa que escreveu quis deixar?
- Ao olhar uma parede assim, qual a sua sensação ou sentimento?

Agora, vamos integrar as duas imagens:

- Qual a relação entre as imagens?
- Qual o sentido da faixa “A escola é nossa” quando encontramos um banheiro escolar assim?

### **Atividade 3 – Descrição**

Para esta atividade, faça uma descrição de cada imagem da atividade anterior. Tenha atenção na hora da escrita, releia seu texto e observe se está claro. Siga as sugestões de seu professor para a conclusão da atividade.

### **Atividade 4– Analisando o espaço escolar**

Orientados pelo professor, os alunos podem observar o espaço escolar. Essa observação pode acontecer em grupos. Em seguida, de forma individual, cada aluno deve produzir um texto com suas observações.

Cada alunofará a leitura de seu texto para a turma. Após a leitura de todos, o professor pode levantar os seguintes questionamentos:

- Como está o nosso espaço escolar?
- Estamos cuidando dele?
- Qual a sensação de vocês quando se deparam com algo destruído ou mal cuidado?
- Quais são as pessoas responsáveis pelo cuidado com o espaço escolar?
- Qual foi a sensação de vocês ao observar o espaço escolar?
- Precisamos mudar alguma coisa?
- Que ações podem ser realizadas em nossa escola para melhorar nossa atuação como cidadão?
- O que eu, enquanto aluno desta instituição, posso fazer para contribuir de forma significativa para a manutenção do espaço educacional?
- Um espaço escolar bem cuidado ajuda a promover uma educação de qualidade?

Este é um momento de reflexão sobre todas as leituras feitas, as conversas, debates e análises. É o momento de pensar de que forma podemos mudar nossas atitudes e valorizar esse espaço que é a escola, respeitar o outro, fazer valer nos direitos e praticar nossos deveres, exercendo a cidadania.

## APÊNDICE C – Arquivo pedagógico

Este arquivo foi organizado com o intuito de colaborar com as práticas de leitura e produção textual de professores da educação básica, juntamente com um caderno de atividades pensado para o trabalho com práticas discursivas que buscam promover a autoria com a realização das propostas. Está composto por algumas sugestões de textos que abordam a temática “Cidadania”. Os textos utilizados no caderno de atividades estão disponíveis aqui, além de outros que podem ser usados em momentos posteriores ou em substituição a algum texto das atividades propostas.

Este espaço não é fechado, sendo possível acrescentar novos textos, insira aqui, também os textos produzidos por seus alunos, as sugestões dadas por eles, ou outros textos que abordar a mesma temática. É uma construção coletiva, pois assim teremos uma visão crítica do material que estamos produzindo e seremos conscientes sobre a validade desse instrumento linguístico capaz de promover e ampliar o conhecimento sobre a cidadania.

São, inicialmente, 41 textos selecionados de acordo com a temática “Cidadania” que envolvem assuntos como direitos e deveres, diversidade e discriminação, conflitos escolares e o respeito no/para o espaço escolar: tirinhas, histórias em quadrinhos, textos normativos, reportagens, comentários, imagens, charges, etc. O textos apresentam posicionamentos diversos, e há também os textos normativos oficiais, que estabelecem determinada legislação sobre direitos e deveres. Assim, o uso desses textos promove não só a validade de diferentes posicionamentos, mas também uma educação cidadã, voltada para o debate ético, pensando no que é tomado como direito e dever de todos e como é vivenciado na prática.

### TEXTO 1



Disponível em: <https://www.upa.unicamp.br/direitos-humanos-armandinho-na-upa> acesso em 24 de abril de 2022.

## TEXTO 2

### Declaração Universal dos Direitos Humanos

Adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas (resolução 217 A III) em 10 de dezembro 1948.

#### Preâmbulo

Considerando que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e de seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo; [...] A Assembleia Geral proclama a presente Declaração Universal dos Direitos Humanos como o ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações, com o objetivo de que cada indivíduo e cada órgão da sociedade tendo sempre em mente esta Declaração, esforce-se, por meio do ensino e da educação, por promover o respeito a esses direitos e liberdades, e, pela adoção de medidas progressivas de caráter nacional e internacional, por assegurar o seu reconhecimento e a sua observância universais e efetivos, tanto entre os povos dos próprios Países-Membros quanto entre os povos dos territórios sob sua jurisdição.

#### Artigo 26

1. Todo ser humano tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito.
2. A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos do ser humano e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.
3. Os pais têm prioridade de direito na escolha do gênero de instrução que será ministrada a seus filhos.

Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos> acesso em 24 de abril de 2022.

## TEXTO 3





Disponível em: <https://vousermbrodmp.wordpress.com/2011/06/15/depois-de-dip-direitos-humanos/>  
acessoem 24 de abril de 2022.

#### TEXTO 4



**“TODOS SÃO IGUAIS PERANTE A LEI\*”**

\*Artigo 5º da Constituição Brasileira



**TODOS TÊM DIREITO A SER DIFERENTES...  
SEM PRECONCEITOS! SEM DISCRIMINAÇÃO!**



## O JUSTO É SER COMO VOCÊ É, MAS TER DIREITOS IGUAIS AOS DE TODO SER HUMANO.

A História nos ensina muita coisa.  
Uma delas é que as pessoas já tiveram que viver  
em tempos e lugares onde só valia a lei do mais forte.  
Essas pessoas não tinham nenhuma segurança.  
Corriam risco de vida. Não tinham garantias  
de conseguir comida e água; não tinham lugar para  
morar; eram impedidas de entrar ou passar por certos  
lugares; não podiam trabalhar; não podiam aprender  
a ler; não podiam dizer o nome de seus deuses;  
eram desrespeitadas só por causa  
de sua origem ou raça.  
Sofriam isso e muito mais!



Há certas coisas que um ser humano  
não pode ficar sem.  
Liberdade, respeito, educação e segurança,  
por exemplo, são tão importantes  
quanto comida e abrigo. Essas coisas fazem  
um ser humano ter uma vida  
que vale a pena ser vivida.

## SÃO FUNDAMENTAIS!



Os direitos humanos estão em tudo que a sociedade faz. Mas foram compreendidos aos poucos, ao longo da História, por gerações e gerações de pessoas que lutaram por seus direitos.

Na Revolução Francesa, de 1789, surgiu a bandeira da "liberdade, igualdade e fraternidade".

Depois da Segunda Guerra Mundial, com o mundo destruído pelo

abuso, os países se reuniram na Organização das Nações Unidas. Em 1948 foi assinado o documento mais importante da organização: a **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Nela, são enumerados todos os direitos

fundamentais de que falamos nesta cartilha. Os países que assinaram a declaração passaram a fazer leis que ajudassem a garantir os direitos humanos.

No Brasil, a Constituição Federal, de 1988, é toda baseada nesses ideais.



**De que condições um ser humano precisa para viver uma vida que vale a pena – qualquer ser humano, seja de onde for e esteja onde estiver? Qual seria o mínimo necessário?**

Ele precisa que se garanta seu direito à educação, à saúde, ao trabalho, à moradia, ao lazer, à segurança, entre outras coisas. Tudo isso forma uma rede de

proteção. Por mais que a pessoa caia, que fique sem dinheiro, sem família, sem pátria, sem condições de levar a vida adiante, ela não passa dessa rede.



## OS DIREITOS HUMANOS TRANSFORMAM VOCÊ EM CIDADÃO

Essas garantias são obrigações que os países têm com seus habitantes, os cidadãos. E são, também, obrigações dos cidadãos entre si.

Ser cidadão, o que é? É participar da sociedade. É saber dos seus direitos. É cobrar seus direitos. É cumprir seus deveres. É defender e respeitar os direitos dos outros.

Os países têm que criar leis para garantir os direitos a todos, sem discriminações, nem privilégios. No nosso país, a Constituição Federal garante esses direitos. Constituição é o conjunto

de leis mais básico do país. É praticamente o "manual de instruções" do Brasil. Fala-se dos direitos humanos em várias partes da Constituição e em outros conjuntos de leis chamados códigos.



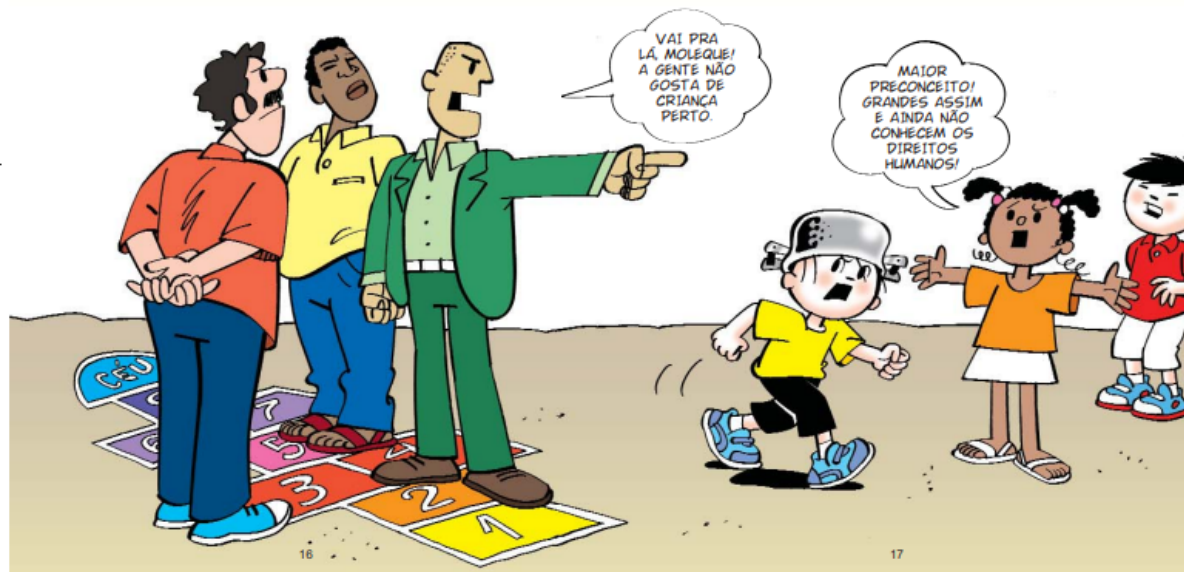
## VEJA COMO OS DIREITOS HUMANOS ESTÃO NA SUA VIDA...

Ninguém pode te impedir de andar por aí ou viver sua vida por motivo de preconceito. Não importa se é por causa de sua origem,

da quantia de dinheiro que você tem, cor da pele, idade, sexo ou crença. É seu direito não ser prejudicado por preconceito.

Às vezes, os preconceitos são tão fortes que chegam a arriscar a vida de uma população inteira. Por isso, temos leis para impedir o genocídio.

Genocídio é o crime de tentar destruir, por qualquer meio, grupos de pessoas que se caracterizam por raça, etnia, religião ou nacionalidade.



Quando um cidadão passa fome e dorme ao relento, estão desrespeitando sua dignidade. Para respeitar os direitos à educação, saúde, trabalho e moradia, o

país presta serviços públicos, como os de saúde, educação e assistência social. Também pode garantir uma quantia mínima para o cidadão enfrentar a pobreza.



18

Todo cidadão tem direito de receber os serviços do país. Mas, para receber esses serviços, os pais devem fazer o **registro civil** de nascimento de seus filhos em um cartô-

rio. Esse documento, que é gratuito, é a porta de entrada para a cidadania, porque, assim, o país sabe que você existe e pode lhe fornecer vários outros serviços.



Quem trabalha já está fazendo uma coisa muito digna. Mas tem **trabalho** por aí que desrespeita os direitos humanos. No Brasil há uma série de obrigações que os

patrões tem que cumprir para não abusar dos empregados. Além disso, todo mundo sabe que é ilegal manter trabalhadores presos por qualquer meio.



## "A SAÚDE É DIREITO DE TODOS E DEVER DO ESTADO"\*

"Estando com saúde, tá tudo bem". Todos sabem que saúde é a base de uma vida digna. Tendo saúde, o cidadão pode estudar, trabalhar e se desenvolver. Mas dar condições de saúde

não é só abrir hospitais. O que o país tem de fazer para garantir o direito à saúde é diminuir o risco de doenças, com muita atenção à higiene, à vacinação e ao acompanhamento médico preventivo.

Portadores de HIV ou **soro-positivos** são pessoas que tem o vírus da AIDS no sangue e podem estar ou não doentes.

Além de ter direito à assistência médica, essas pessoas têm direito a levar a sua vida em paz. Nenhuma dificuldade causada por preconceito é permitida.

Homens e mulheres que o povo acostumou chamar de "loucos" são conhecidos como **pessoas com sofrimento psíquico**. Já se provou que elas não precisam ficar presas em hospitais e hospitais psiquiátricos, longe dos outros, para melhorar. Pelo contrário! Viver junto das famílias que os amam é o melhor remédio. É direito delas receber tratamento digno.



\* artigo 196 da Constituição Brasileira

20



21

Diferentes, todos nós somos, em alguma coisa. Mas as **pessoas com deficiência** têm dificuldades que a sociedade deve ajudar a vencer.

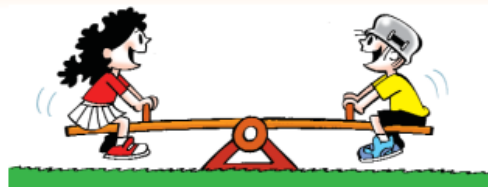
É direito delas, antes de tudo, serem tratadas sem preconceitos e discriminações. A pessoa com deficiência tem direito, por

exemplo, de receber salário igual ao de seus colegas que executam as mesmas atividades. E é preciso melhorar a acessibilidade. Os locais de trabalho, as escolas, os transportes públicos e todos os outros lugares devem ter facilidades para que as pessoas com deficiência possam ir e vir.



**Mulheres e homens** são diferentes – que bom! – mas são iguais em cidadania. Por isso, nada de colocar barreiras às mulheres, nada

de agredir, nada de xingar, nem de diminuir. Prejudicar uma cidadã por motivo de preconceito é contra os direitos humanos.



Quando a gente fica velho, pode até faltar força, mas não pode faltar dignidade. É dever de todos amparar as **pessoas idosas**, garantindo renda e qualidade de vida

para elas. E mantendo seu lugar na família e na comunidade. Quer dizer, todo vovô tem direito à cadeira de balanço... mas só se gostar de cadeira de balanço!



## CRIANÇAS E ADOLESCENTES VÊM PRIMEIRO!\*

O único jeito de uma sociedade melhorar é caprichar nas suas crianças. Por isso, crianças e adolescentes têm prioridade em tudo que a sociedade faz para garantir os direitos hu-

manos. Devem ser colocados a salvo de tudo que é violência e abuso. É como se os direitos humanos formassem um ninho para as crianças crescerem.



\* Estatuto da Criança e do Adolescente.

O modo como você desenvolve a sua sexualidade é um assunto só seu. O desenvolvimento sexual de crianças e adolescentes deve ser protegido. Ninguém,

adulto ou adolescente, pode forçar o outro a fazer sexo, nem explorar a sexualidade do outro. Toda violência, abuso ou exploração sexual é crime!

Todos desenvolvem uma **orientação sexual**. As diferentes orientações sexuais levam as pessoas a diferentes relacionamentos. O respeito à orientação

sexual é defendido pelo conjunto de direitos humanos à igualdade, à privacidade, à dignidade, à liberdade de associação e à liberdade de expressão.



26

Um **ambiente** poluído e ecologicamente desequilibrado prejudica quem vive nele. E o pior é que, se continuar o abuso, o meio ambiente vai estar destruído quando as futuras gerações chegarem. Quando você crescer e quando seus filhos nascerem, vão precisar de árvores, solo fértil e água limpa. É direito de todos um meio ambiente bem preservado. E de quem é o dever de preservá-lo? Percebeu, né? Também é de todos!

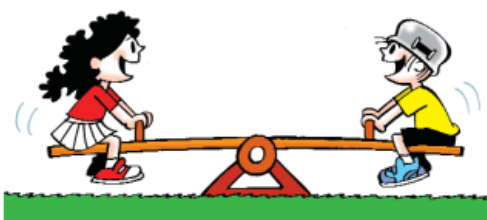
Já disseram por aí que a gente não precisa só de comida. Precisa, também, de cultura. Não é vida viver feito um robô, sem hábitos, tradições e história. Todos têm direito a praticar a música, a dança, o teatro, a literatura, o artesanato, as festas típicas. A arte e a cultura devem circular pelo país. O mesmo vale para a prática da ciência. Por outro lado, quem é autor de obras artísticas ou descobertas científicas tem direito a ser reconhecido e receber pelo uso delas.



27

Os acidentes de trânsito causam um número enorme de mortes no país. **Trânsito seguro** é direito de todos. Para garantir esse direito trabalham as institui-

ções do Sistema Nacional de Trânsito. Mas, para o sistema funcionar, o que é preciso, mesmo, é a sociedade resolver obedecer à risca às normas de trânsito.



É uma falta de dignidade você comprar um produto ou contratar um serviço e ser prejudicado por isso. Existe no país um conjunto de leis chamado **Código de Defesa do Consumidor** que garantem o direito de consumir sem susto.



28

Os representantes da lei são considerados autoridades porque trabalham para a sociedade. Por isso, além de merecerem respeito, recebem certos poderes e são

protegidos, por lei, contra desacatos à sua **autoridade**. Por outro lado, quando a autoridade abusa de seus poderes, isso também é considerado crime.

**Para se defender do abuso de autoridade, o cidadão pode pedir um documento chamado habeas corpus. Quando, por exemplo, não existem provas para prender alguém, é possível pedir a um juiz que mande soltar.**



29



Quando alguém pega uma pessoa e causa a ela dores e sofrimentos agudos, físicos ou mentais, com o objetivo de obter dela ou de uma terceira pessoa informações ou confissões; quando isso é feito para castigar essa pessoa por um suposto crime; quando se faz isso para intimidar ou coagir essa pessoa ou pessoas; quando se faz isso por motivo de discriminação, se está cometendo um grande crime contra os direitos humanos: a **tortura**.

Não existe tortura leve. Toda tortura é indigna e desumana. Não existe tortura justificada. Ela sempre parte do princípio de que as pessoas não são iguais e algumas podem ser torturadas para soltarem informações ou serem castigadas.

Esse crime não é prati-

cado apenas por representantes da lei, como policiais e militares. Acontece também nas ruas – na forma de linchamentos e espancamentos – e até dentro de casa – na forma de violência doméstica.

Às vezes procuram defender a tortura como um “último recurso” para defender a sociedade de outros crimes. Mas, se a sociedade permite um caso desses, está desistindo da idéia de que todos somos iguais.



30

31

**P**olicial tem um papel importante na defesa dos direitos humanos. Afinal, ele é um defensor das leis e seu dever é servir à comunidade, protegendo as pessoas contra atos ilegais. A sociedade espera que ele só use a força na medida

exata da necessidade, que não tolere atos de tortura e que não cometa atos de corrupção. Mas, para fazer isso tudo, o policial tem o direito de receber boas condições de trabalho, principalmente, treinamento e equipamento.

A prisão é um ato de defender a sociedade e punir o criminoso, mas não é um ato de vingança. O **preso** só perde, temporariamente, os direitos políticos e a liberdade de ir e vir. Continua tendo todos os outros direitos.

Por isso, o preso não pode sofrer tratamentos desumanos e degradantes. Acreditar que a vida dentro da lei é melhor e que a sociedade protege seus cidadãos são as únicas coisas que podem tirar uma pessoa do crime.



32

33

Agora que você já sabe tudo sobre os direitos humanos, se prepare para defendê-los, que o mundo não é perfeito. Quando você ouvir que precisamos de mais cidadania, não vai mais ficar boiando. E pode estar certo de que os direitos humanos ainda vão estar do seu lado em muitos momentos da vida.



34



© 2008 Presidência da República

Luiz Inácio Lula da Silva  
Presidente da República

José Alencar Gomes da Silva  
Vice-Presidente da República

Secretaria Especial dos Direitos  
Humanos – SEDH/PR

Paulo de Tarso Vannuchi  
Secretário Especial

Rogério Sattili  
Secretário-Adjunto

Carmen Silveira de Oliveira  
Subsecretária de Promoção e Defesa  
da Criança e do Adolescente

Fauze Martins Chequer  
Subsecretário de Gestão das Políticas  
de Direitos Humanos

Perly Cipriano  
Subsecretário de Promoção e Defesa  
dos Direitos Humanos

Ministério da Educação - MEC

Fernando Haddad  
Ministro da Educação

André Luiz Figueiredo Lázaro  
Secretaria de Educação Continuada,  
Alfabetização e Diversidade – SECAD

Organização das Nações Unidas  
para a Educação, a Ciência e a  
Cultura – UNESCO/Brasil

Vicente Defourmy  
Representante da UNESCO  
no Brasil

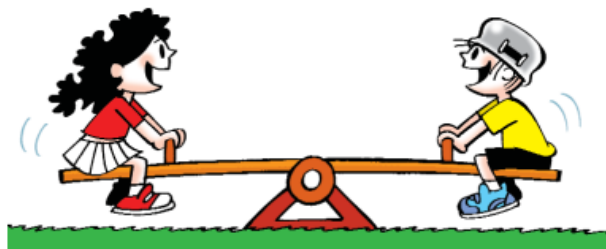
Marlova Jovchelovitch Naeto  
Coordenadora do Setor de Ciências  
Humanas e Sociais

Carlos Alberto dos Santos Vieira  
Oficial de Programas / Setor de  
Ciências Humanas e Sociais

Ilustrações:  
Ziraldo  
Estúdio Megatério

CAROS LEITORES:

Nesta cartilha,  
a turma do Menino Maluquinho,  
do Ziraldo, descobre junto com você  
o que são os tão falados  
DIREITOS HUMANOS.  
Uma das histórias mais importantes  
que você já leu!



Ministério  
da Educação

Secretaria Especial  
dos Direitos Humanos



TEXTO 5

# Crianças quebram vidro, invadem e vandalizam escola no Paraná

Colaboração para op UOL, em São Paulo 04/05/2021 09h28



Sala de aula da Escola John Kennedy, em Colombo (PR) Imagem: Reprodução/Prefeitura de Colombo

A Escola Municipal John Kennedy, que fica em Colombo, na Região Metropolitana de Curitiba (PR), foi encontrada ontem com registros de vandalismo. Imagens da câmera de segurança da instituição mostram que a destruição foi cometida por crianças.

Aberta a cada 15 dias para entregar materiais didáticos para que os alunos estudem de casa, professores encontraram o espaço em grande desordem ontem. Entre os prejuízos flagrados estavam livros destruídos, marca de tentativa de incêndio, extintor de incêndio acionado, além de outros equipamentos da estrutura avariados.

As crianças quebraram os vidros da porta para invadir o local. Segundo a RPC, afiliada da TV Globo, o local é vigiado por uma pessoa de segunda a sexta, mas, durante os finais de semana, é a Guarda Civil Metropolitana quem fica encarregada das rondas. A Prefeitura prometeu intensificar a segurança.

Um avô de um dos alunos que mora próximo ao local diz ter ouvido barulhos fortes no sábado, que achou que viessem da própria rua. "Era um barulho assim como se estivesse caindo um troço bem pesado, por isso pensei que era na rua do lado. Já estamos passando por esse negócio bem difícil no mundo inteiro [a pandemia de covid-19] e ainda ver um negócio assim triste", diz, à TV.

Em nota divulgada nas redes sociais pela Prefeitura de Colombo, o vice-prefeito e secretário municipal de educação Alcione diz que os culpados devem ser penalizados. "Tomaremos as medidas para solucionar essa situação e com as imagens das câmeras de segurança vamos tentar identificar quem cometeu esse crime. Contamos também com apoio da população para informações que levem até os culpados", afirma.

Já a diretora do local, Maria Tereza de Souza, defende a inocência das crianças: "São só crianças perdidas nesse mundo que precisam ser encaminhadas para ver se conseguimos melhorar a vida delas no futuro. Precisamos que alguém olhe para elas, que ensine valores a eles, que mostre que a escola é dinheiro de todo mundo", opinou ela, à reportagem local.

A Polícia Civil investiga o caso e ouvirá os responsáveis legais das crianças que vandalizaram a instituição de ensino.

Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/05/04/criancas-vandalizam-escola.htm> acesso em 24 de abril de 2022.

## TEXTO 6

# Aluna diz que foi vítima de racismo em escola estadual de SP

**Professora afirmou que tranças usadas por estudante 'pareciam sujas'. Diretoria de Ensino abriu uma investigação para apurar o caso.**

Por Gabriela Dias, SP2 — São Paulo

25/03/2022 19h39

Uma aluna de uma escola pública de São Paulo afirmou que foi vítima de um comentário racista de uma professora. A Diretoria de Ensino abriu uma investigação para apurar o caso.

A aluna de 16 anos da escola estadual Alberto Torres, no bairro do Butantan, Zona Oeste da capital, contou ao **SP2** que tudo começou na quarta-feira (23), quando a professora começou a "elogiar" seu cabelo.

De acordo com o relato da estudante, a professora afirmou que seu cabelo solto estaria muito melhor natural, e que ela nunca mais deveria fazer tranças porque elas "pareciam sujas".

A docente se referia a tranças de origem africana, que a menina usava anteriormente, e que são símbolo de resistência e orgulho para pessoas negras.

A aluna disse ainda que quando entendeu que passava por episódio de preconceito, chorou e procurou a diretoria. Mais tarde, a professora pediu desculpas, e disse que ela "havia interpretado a fala de forma equivocada". Mas, segundo a estudante, falou de forma rude.

Na quinta-feira (24), alunos fizeram um protesto na escola com cartazes. Entre as frases fixadas nas paredes estava "jogue seu preconceito aqui", colocada acima de uma lixeira. Eles pediram também que a escola abra um comitê interno para discutir questões de discriminação.

Segundo o professor de direito da Fundação Getúlio Vargas, Thiago Amparo, o caso pode ser enquadrado como injúria racial, que é ofensa à honra de uma pessoa com base na raça e na cor.

A Secretaria Estadual da Educação disse, em nota, que a escola elaborou atividades pedagógicas de combate ao racismo. A primeira ação ocorreu nesta sexta pela manhã. Gestores e comunidade escolar se reuniram para debater educação antirracista.

A pasta disse ainda que uma comissão formada por estudantes deverá ser criada para tratar do assunto.

Disponível em: [https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/03/25/aluna-diz-que-foi-vitima-de-racismo-em-escola-estadual-de-sp.ghtml?utm\\_source=whatsapp&utm\\_medium=share-bar-desktop&utm\\_campaign=materias](https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/03/25/aluna-diz-que-foi-vitima-de-racismo-em-escola-estadual-de-sp.ghtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=share-bar-desktop&utm_campaign=materias) acesso em 06 de dez. de 2022.

## TEXTO 7

# **Adolescentes denunciam preconceito racial dentro de escola estadual; caso de injúria qualificada é investigado**

**Segundo testemunhas, garota de 13 anos foi chamada de 'macaca'. Jovem de 14 anos sofreu agressões por causa da cor da pele e do tipo de cabelo. Governo afirmou ter tomado providências.**

Por Ricardo Novelino, g1 PE  
28/10/2022 15h25

Adolescentes denunciaram terem sido vítimas de preconceito racial em uma escola estadual onde estudam, no Centro do Recife. Uma das alunas prestou queixa, informando que foi insultada por três pessoas por causa da cor da pele e do tipo de cabelo. A Polícia Civil abriu investigação da ocorrência de injúria qualificada racial.

Os casos aconteceram na Escola Estadual Cônego Rochael de Medeiros, em Santo Amaro, na área central da capital pernambucana. Por meio de nota, a polícia disse que investiga a denúncia feita por uma jovem de 14 anos.

O registro foi feito na quinta (27) pela 7ª delegacia de plantão da Gerência de Polícia da Criança e do Adolescente (GPCA). “As investigações foram iniciadas e seguem até esclarecimento do caso”, afirmou a polícia.

As ofensas contra a outra jovem de 13 anos foram relatadas por testemunhas. Segundo informações repassadas ao g1 por pessoas que preferiram não ser identificadas, os crimes ocorreram esta semana.

Uma das testemunhas contou que “duas meninas sofreram racismo dentro da escola”. No caso da garota mais nova houve xingamento de “macaca”. A garota de 14 anos foi agredida por causa da cor da pele e do tipo de cabelo.

A pessoa que fez a denúncia à TV Globo disse, ainda, que “a direção do colégio não fez nada, passou a mão na cabeça dos agressores e invalidou o acontecimento delas, falando até que elas estão mentindo”.

Diante dos casos, os colegas das meninas se reuniram para pressionar a direção a tomar atitude contra os estudantes envolvidos nas agressões.

“A secretária da escola disse que era necessário ter a confirmação das pessoas agredidas para poder fazer alguma coisa”, disse uma testemunha.

Segundo a denunciante, não houve proteção para as jovens agredidas. “Os pais dos agressores foram buscar eles na escola e ficou por isso mesmo”, acrescentou.

Ainda segundo a testemunha, uma das jovens foi para um psicólogo e foi aconselhada a postar uma nota na internet sobre o caso.

“No outro dia, a escola insinuou que seria mentira. Alegaram que a gente não podia acreditar em tudo que está na internet. Por isso, elas foram para a delegacia para prestar queixa”, afirmou.

## **O que diz o governo**

Por meio de nota, a Secretaria Estadual de Educação e Esportes disse que tomou conhecimento do “suposto caso de racismo” ocorrido na Escola Estadual Conego Rochael de Medeiros.

O governo afirmou também que, a partir disso, a gestão da escola convocou as famílias e “os fatos estão sendo analisados para providências junto aos órgãos competentes”.

A Secretaria disse também que “não compactua de nenhuma forma de racismo dentro das unidades de ensino”.

Informou que a escola desenvolve ações voltadas para o combate a esse tipo de violência, “incentivando sempre pela prática da cultura de paz”.

Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2022/10/28/adolescentes-denunciam-preconceito-racial-dentro-de-escola-estadual-caso-de-injuria-qualificada-e-investigado.ghtml> acesso em 06 de dez. de 2022.

## TEXTO 8

# Professora é vítima de racismo em escola estadual de São Paulo

**"A escola é um ambiente de conhecimento, de se relacionar com o próximo. A suástica me choca, porque simboliza o desrespeito", disse a professora**

## SÃO PAULO

11/10/2018 - 14H58 (ATUALIZADO EM 11/10/2018 - 14H59)

Uma professora da Escola Estadual Conselheiro Ruy Barbosa, no Horto Florestal, na zona norte da capital, fez um boletim de ocorrência após ser alvo de racismo. Na sala de uma turma de 3º ano do ensino médio, onde dá aula de Sociologia, foi feita uma inscrição com o seu nome e a expressão "preta galinha", e foi desenhada uma suástica - símbolo do nazismo. A Secretaria Estadual da Educação repudiou o ato e a Delegacia de Repressão aos Crimes Raciais e de Delitos de Intolerância investiga o caso.

Professora da unidade há quatro anos, OdaraDèlé, de 30 anos, conta que estava de folga no dia 1º de outubro, quando a pichação foi feita, e que soube do ocorrido no dia seguinte. "Mostraram fotos da porta da sala pichada com a suástica e com palavras bem ofensivas. Era para mim, porque tinha o meu nome."

Odara diz que a manifestação de racismo a surpreendeu. "A gente sempre tem essa imagem de que a escola é um ambiente de conhecimento, de se relacionar com o próximo. A suástica é o que me choca, porque simboliza o desrespeito e um momento em que se matou milhares de pessoas, judeus, deficientes. Quando se coloca o (símbolo do) nazismo, quer eliminar outras pessoas."

Diante da situação, a professora procurou a Delegacia de Repressão aos Crimes Raciais e de Delitos de Intolerância e registrou um boletim de ocorrência. A delegacia, que faz parte do DHPP (Departamento Estadual de Homicídios e de Proteção à Pessoa), informou que investiga o caso e que a vítima e testemunhas serão ouvidas nos próximos dias.

De acordo com o boletim de ocorrência, no mesmo dia em que a professora foi informada sobre a pichação houve uma reunião entre a diretora da escola, o coordenador, a professora e todos os alunos sobre o caso.

Ainda na terça, segundo o BO, três estudantes procuraram a coordenação e informaram que outros três alunos, com idades de 16 a 17 anos, eram os autores das inscrições racistas.

Um dos envolvidos confirmou a versão. Houve uma reunião com os pais para informar sobre o ocorrido.

### **Repúdio**

A secretaria se manifestou e disse que repudia qualquer ato de preconceito e discriminação. "O respeito e a inclusão são princípios básicos trabalhados constantemente na rede estadual. Uma reunião com os responsáveis pelos alunos foi realizada para que tomassem conhecimento do fato, uma vez que a Educação se faz com participação da família e da sociedade. A Diretoria Regional Norte 2 está à disposição da professora para tudo o que for necessário."

A pasta destacou ainda o trabalho realizado por Odara, que criou um aplicativo com foco na cultura afro-brasileira. Em novembro do ano passado, ela desenvolveu o Alfabantu. "Tivemos 6 mil downloads e isso mostra que tem uma necessidade de conhecer a cultura africana e mecanismos pedagógicos e educacionais."

Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/professora-e-vitima-de-racismo-em-escola-estadual-de-sao-paulo-11102018> acesso em 06 de dez. de 2022.

### **TEXTO 9**

## **Aluna é barrada em escola militar devido ao cabelo crespo: 'Precisa alisar'**

Colaboração para o UOL, em São Paulo 07/04/2022 13h39

Uma aluna do colégio militar de São Sebastião do Passé (BA) afirma ter sofrido injúria racial ao ser impedida de entrar na escola por um inspetor, devido ao seu cabelo crespo. O episódio aconteceu no dia 21 de março.

Em entrevista junto à mãe à TV Bahia, afiliada da TV Globo, Monique Tavares, 13, explicou que costuma prender o cabelo volumoso em um coque e envolvê-lo em uma rede, conforme as regras de vestimenta do Colégio Municipal Doutor João Paim, que faz parte do sistema de escolas da Polícia Militar. No entanto, pela primeira vez, ela se esqueceu de colocar o acessório quando foi para a escola, e quando chegou ao portão, um inspetor bloqueou sua entrada.

De acordo com Monique, em vez do inspetor questionar a ausência da rede, ele disse que seu cabelo não se enquadrava nas exigências da instituição.

"Eu cheguei lá na escola com os alunos, como todo mundo lá na frente. Quando um dos inspetores passou na minha frente e disse: 'Aluna, você não está adequada para este colégio. Seu cabelo está inchado, você vai precisar alisá-lo ainda mais'", contou a estudante.

Abalada com a declaração, Monique teve que voltar para casa e mandou uma mensagem de voz para mãe, Jaciara Tavares, explicando o motivo da perda de aula: "Foi hoje, apertei o diabo do meu cabelo. Mesmo assim, ele [o inspetor] me disse que eu deveria voltar, porque meu cabelo estava muito folgado e que eu não entraria no colégio por causa disso".

Mesmo reconhecendo que o único descuido de Monique foi ter deixado de usar a rede de cabelo, Jaciara não se conformou com o caso e declarou que a filha foi vítima de racismo.

Mais tarde, ela foi até o colégio para conversar diretamente com o inspetor envolvido no incidente, mas não se convenceu da decisão dele.

"Ao conversar com ele, ele relatou também que é negro. E realmente é. Mas, infelizmente nos dias de hoje, a gente sofre racismo de pessoas da mesma cor que a nossa. Por

não se aceitarem nesse tom de pele, querem às vezes expandir a raiva para cima de outras pessoas. É triste ver um negro falando mal de outro negro", afirmou ela.

A mãe disse estar chocada com a ocorrência, especialmente pela humilhação sofrida pela filha. "Eu sei que está difícil para ela, e também para mim, por mais que a gente brinque com isso. Eu nunca imaginei na minha vida que minha filha fosse passar por uma situação como essa".

Por outro lado, Monique, que sonha em se tornar modelo quando adulta, sentiu sua autoestima agredida naquele momento, mas garantiu que não vai deixar a dor prejudicá-la. "Eu penso que lá na frente, do meu jeito, pela minha personalidade, eu vou ter um futuro bom".

A jovem contou que voltou a frequentar as aulas, mas se viu obrigada a passar uma grande quantidade de creme nos cabelos para tentar reduzir o volume antes de ir para o colégio.

### **Rigidez**

O Colégio Municipal Doutor João Paim alegou em nota que a regra para vestimenta é de conhecimento de todas as famílias e alunos antes da matrícula, e que toda a comunidade escolar recebe cartilhas e cópias do regimento interno.

A instituição afirmou também que não foi a primeira vez que os funcionários tiveram que chamar a atenção de Monique para o penteado. Segundo o colégio, ela recebeu um prazo para fazer mudanças, de modo que se ajustasse aos padrões. Contudo, não há informações a respeito de medidas da escola em relação ao comportamento do inspetor que impediu a entrada de Monique.

Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/04/07/aluna-e-impedida-de-entrar-em-colegio-militar-devido-ao-cabelo-crespo.htm> em 06 de dez. de 2022.

### **TEXTO 10**

## **'Saudades de quando preto só era escravo': aluno é vítima de racismo em escola de Belo Horizonte**

**Pai da vítima, um adolescente de 14 anos, registrou  
boletim de ocorrência na tarde desta segunda-feira (20).**

Por Zu Moreira e Maria Lúcia Gontijo, TV Globo e g1 Minas — Belo Horizonte  
20/12/2021 15h12





"Espero que outras pessoas se encorajem. Isso (o racismo) não pode ficar mais escondido. Temos que denunciar! Não podemos nos omitir mais e temos que acabar com esse câncer chamado racismo, que assola a nossa sociedade".

A declaração foi feita pelo pai de um adolescente, de 14 anos, vítima de racismo em um grupo de mensagens criado por alunos do Colégio Cristão Ver localizado no bairro Jardim Vitória, na Região Nordeste de Belo Horizonte, onde a vítima estuda.

Os ataques racistas aconteceram na última quinta-feira (16). O homem registrou o boletim de ocorrência na tarde desta segunda-feira (20).

"Saudades de quando preto era escravo" foi uma das frases ditas pelos jovens em um grupo de WhatsApp, criado para debater as provas on-line do colégio.

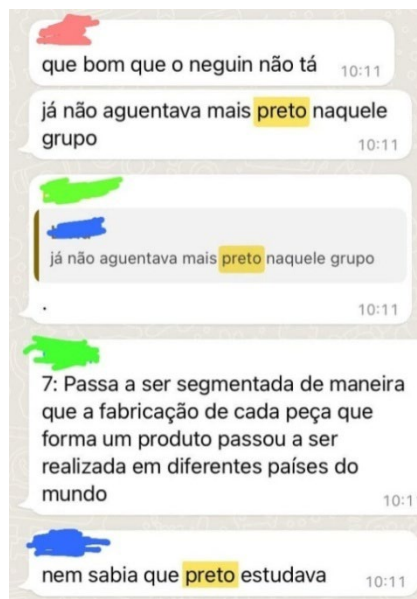
No entanto, o que seria mais uma ferramenta de trabalho, virou uma "terra sem lei", com xingamentos e ataques, depois que o adolescente decidiu sair do grupo.

Na última sexta-feira (17), o motorista de aplicativo disse que já havia se reunido com a direção do colégio e com os pais dos três alunos envolvidos, sendo um menino e duas meninas.

"A diretora disse que repudia todo o tipo de preconceito e racismo. Eles me atenderam e fizeram a reunião. Se depender da família, meu filho continua na escola. Porém, ele está muito abalado com tudo isso e não sei se vai completar o nono ano na escola", contou o pai do jovem.

"Meu filho já estava sendo ignorado, hostilizado pelos colegas. Foi só sair do grupo que os ataques aumentaram. Foi um baque pra mim, porque eles estudam juntos há sete anos", afirmou o pai da vítima.

"Que bom que o neguin não tá. Já não aguentava mais preto naquele grupo", disse uma das duas meninas que participaram dos ataques. "Coitado do neguin. Odeio ele, mas a gente tem que ser humilde", afirmou outra menina.



### **Injúria ou racismo**

Segundo Gilberto Silva, advogado da família do adolescente, os pais dos estudantes podem ser responsabilizados, uma vez que não há como imputar o crime aos menores.

"Os pais podem ser responsabilizados na esfera civil com questões reparatorias tendo em vista que eles respondem pelos atos dos seus filhos, que estão sob a tutela deles", disse.

Ele ainda confirmou que iria acompanhar o pai da vítima até a delegacia para registrar ocorrência. "Quem vai definir se é crime de injúria racial ou racismo, que prevê até prisão, será a autoridade policial", disse Gilberto Silva.

Após a conclusão do inquérito, o caso será encaminhado para o Ministério Público do Estado de Minas Gerais, que poderá ou não oferecer denúncia do caso.

#### **Nota da Polícia Civil**

Por meio de nota, a Polícia Civil de Minas Gerais informou que instaurou na tarde desta segunda-feira (20) um inquérito policial para investigar o caso. "Vítima e representante legal já foram ouvidos na presença do advogado na Delegacia Especializada de Apuração do Ato Infracional em Belo Horizonte", afirma. "Outras informações serão repassadas em momento oportuno para não prejudicar o andamento do feito", conclui a nota.

Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/12/20/saudades-de-quando-preto-so-era-escravo-aluno-e-vitima-de-racismo-em-escola-de-belo-horizonte.ghtml> em 06 de dez. de 2022.

## **TEXTO 11**

**Adolescente é alvo de bullying e agressão física dentro de escola em Iguaba Grande**  
 Jovem teve os cabelos puxados e xingados de “cabelo de bombril” e “cabelo de gambá”. Mãe diz que colégio não ofereceu apoio e precisou de ajuda da defensoria pública para trocar a menina de unidade.

Por Larissa Schmidt, RJ2

08/07/2022 19h44 Atualizado há 5 meses

Uma menina de 14 anos foi vítima de bullying e agressão física dentro da escola municipal Alice Canellas da Silveira, em Iguaba Grande, na Região dos Lagos. O caso aconteceu no dia 20 de junho na sala de aula e no pátio da unidade.

“Ela me contou que no dia 20, três meninos da sala dela, puxaram o cabelo, empurraram a mesa em cima dela e ficaram xingando ela de ‘cabelo de bombril’, ‘de demônio’, ‘de cabelo de gambá’. Tocou o sinal para ir embora e, como ela vem no ônibus escolar, ela ficou no pátio esperando ônibus chegar dentro da escola. Aí, esses meninos se juntaram a mais um menino e começaram a cercá-la e a puxar o cabelo dela. A agressão continuou dentro do ônibus também”, contou a mãe da menina, Maria Paula Pinto.

O caso foi registrado na delegacia da cidade no dia 21 de junho e a menina passou por exame de corpo de delito em Cabo Frio, onde a agressão foi constatada.

Ela recorreu à Defensoria Pública para trocar a filha de escola, que não teria oferecido qualquer apoio à jovem.

“Eu estive na delegacia e pude assistir as câmeras da escola. O vídeo está picotado, mas os pedaços que os policiais têm mostram claramente a agressão que minha filha sofreu dentro da escola Alice Canellas. Não mostra funcionários da escola, que estavam lá e não fizeram nada”, diz a mãe da menina.

Depois do episódio, a mãe ficou sabendo que a filha e o irmão dela, que estuda no mesmo lugar, já tinham avisado a escola sobre esses problemas.

“Meu filho veio relatar para mim que já tinha reclamado na direção. A minha filha também falou que já tinha reclamado sobre os meninos estarem fazendo isso. Ninguém da escola me procurou para me falar sobre isso”, diz ela que mandou mensagem para o prefeito, para secretário de Educação e para os órgãos competentes, mas não obteve nenhuma resposta.

Menina tenta apoio psicológico

Na escola municipal Alice Canellas da Silveira, a orientadora pedagógica fez uma ficha de encaminhamento da menina para um apoio psicológico, mas não há registro das agressões.

Segundo o relatório, “há relatos da aluna de automutilação tanto na escola, quanto em casa”, uma circunstância teria sido percebida por todos os professores, de acordo com o registro.

A mãe nega e reclama.

“No IML, conversei com a perita, ela olhou a minha filha e disse que não tem marcas no corpo dela, não tem evidência de automutilação nenhuma. Se fosse esse o caso que todos os professores perceberam, como é que não me chamaram imediatamente? Um caso tão urgente assim?”, questiona.

A mãe agora tenta apoio psicológico por conta própria, no posto de saúde de Iguaba Grande, mas aguarda um retorno em lista de espera. A menina só consegue sair de casa para ir pra escola nova.

“Ela não está querendo sair de casa. Consegui tirar ela um pouco, ela teve uma crise de ansiedade, passou mal, passou muito mal na rua. Já acordou à noite chorando porque ela diz que lembra o que os meninos fizeram com ela. Fica se tremendo à toa, e não conseguimos psicólogo para ela. Estamos numa fila de espera”, diz.

A Prefeitura de Iguaba Grande, através da secretaria de Educação, diz que a unidade escolar, tão logo teve ciência, tomou todas as providências cabíveis para apurar os fatos, conforme o Regimento Escolar. Além disso, ainda segundo a prefeitura, a Direção Pedagógica conversou pessoalmente com os responsáveis legais, atendendo aos pedidos realizados para o melhor desfecho do caso.

Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/07/08/adolescente-e-alvo-de-bullying-e-agressao-fisica-dento-de-escola-em-iguaba-grande.ghtml> em 12 de dez. de 2022.

**TEXTO 12**

## **Adolescente se envolve em briga após sofrer bullying e é suspensa por 30 dias em escola de SP**

### **A jovem estava sofrendo críticas maldosas e humilhantes e também foi alvo de uma ovada**

**SÃO PAULO | Do R7, com informações do Balanço Geral, da Record TV**

29/08/2022 - 16H17 (ATUALIZADO EM 29/08/2022 - 21H09)

Uma aluna de 15 anos que não aguentava mais ser alvo de bullying envolveu-se em uma briga e foi afastada da escola estadual onde estuda, em São José dos Campos, no interior de São Paulo. A adolescente estava sofrendo críticas maldosas e humilhantes sobre seu peso.

A briga envolveu cerca de três alunas e foi incentivada por muitas colegas. Mas a confusão começou dois dias antes, quando duas meninas puxaram o cabelo da garota e, em outro dia, quando um ovo foi jogado na vítima.

De acordo com a garota, na hora do intervalo, ela foi até a diretoria e conversou com os superiores sobre o que estava ocorrendo. Os responsáveis iriam falar com as meninas que estavam realizando o bullying com ela, mas logo em seguida, quando a aluna voltou para a sala, a briga aconteceu.

Alunos que estavam na sala de aula na hora da confusão gravaram vídeos e os divulgaram por meio de aplicativos de conversa.

Todos os envolvidos na briga, inclusive a vítima, receberam 30 dias de suspensão como punição. Segundo a mãe da adolescente, a escola entendeu que a filha foi tão responsável pela briga quanto as supostas agressoras.

Em nota, a Secretaria de Educação informou que repudia qualquer tipo de violência e que a ronda escolar registrou o boletim de ocorrência e afirmou que foi disponibilizado atendimento psicológico para os estudantes.

O caso é investigado pela Delegacia da Infância e da Juventude de São Paulo.

Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/adolescente-se-envolve-em-briga-apos-sofrer-bullying-e-e-suspensa-por-30-dias-em-escola-de-sp-29082022> em 12 de dez. de 2022.

**TEXTO 13**

## **Modelo brasileira é impedida de embarcar em voo por ser “gorda demais”**

A modelo Juliana Nehme está retida no Líbano e afirma ter sido vítima de gordofobia pela Qatar Airways

Vinícius Bernardes, da CNN\* em São Paulo

24/11/2022 às 12:04 | Atualizado 24/11/2022 às 12:07

Na última terça-feira (22), a modelo plus size e influenciadora digital Juliana Nehme afirmou ter sido vítima de gordofobia pela Qatar Airways, no Líbano. Segundo ela, a companhia aérea a proibiu de realizar uma viagem com destino a São Paulo por ser “gorda demais”.

Em uma série de vídeos postados no Instagram, a modelo, visivelmente abalada, conta que foi barrada de embarcar na conexão do Líbano para Doha, no Qatar, — e posteriormente voar para São Paulo, no Brasil — por conta de seu peso:

“A aeromoça da Qatar disse que eu não posso embarcar porque eu sou muito gorda e não tenho direito a essa passagem. Estamos eu, a minha mãe, a minha irmã e o meu sobrinho. Nós pagamos 4 mil dólares por essas passagens. Agora, ela simplesmente se nega a dar as passagens e a me deixar embarcar no voo para Doha e de lá para São Paulo porque sou gorda. O que eu vou fazer?”, desabafou.

Juliana disse ainda que a companhia alegou que ela teria que comprar uma passagem executiva de 3 mil dólares ou dois bancos comuns para “caber no assento” e seguir viagem, pagando multa por não ter embarcado na data marcada.



Reprodução/Instagram

“Eu nunca na minha vida, imaginei passar por tudo o que eu passei aqui. Eu já passei por gordofobia diversas vezes, mas nunca imaginei passar por isso”, compartilhou a modelo.

Sem conseguir resolver o problema, a influenciadora que segue no Líbano acompanhada da família, permanece à espera de uma solução, contando com apoio da Embaixada do Brasil no país para poder retornar:

“Eu consegui falar com o embaixador do Brasil no Líbano hoje e ele está me ajudando de todas as formas possíveis. Ele falou com a Qatar, mas ela não abre mão. (Antes) eles disseram que eu teria que pagar uma passagem extra e pagar a multa. Hoje, com o embaixador, eles disseram que eu preciso comprar duas passagens extras para mim e pagar uma multa da minha mãe. Eles não entram em acordo”, revelou.

“O embaixador está fazendo de tudo para nos ajudar, mas ele disse que está muito difícil. Em relação à parte jurídica, como a passagem foi comprada aqui no Líbano, o Brasil não consegue fazer nada. Tudo está preso, só a Qatar pode fazer algo.”

Em nota, o Itamaraty confirma que está prestando suporte à modelo:

“O Ministério das Relações Exteriores, por meio da Embaixada do Brasil em Beirute, está em contato com a nacional e presta a assistência cabível à cidadã brasileira, em conformidade com os tratados internacionais vigentes.”

Apesar do constrangimento, a modelo também agradeceu o apoio que vem recebendo nas redes sociais:

“Eu agradeço de coração todo carinho e toda luta por um mundo mais justo, sem preconceito e nem gordofobia”,

Procurada pela CNN, a Qatar Airways não se manifestou até a última atualização desta reportagem.

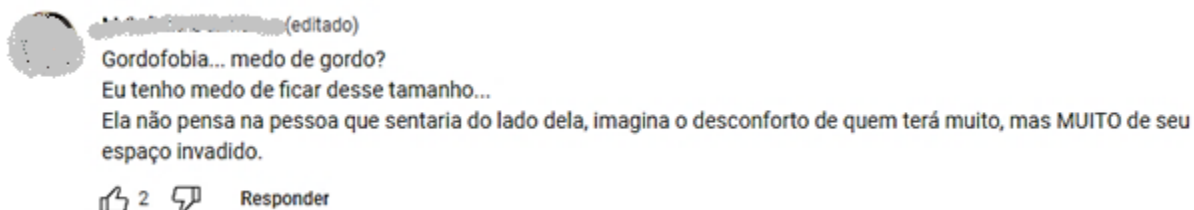
Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/modelo-brasileira-e-impedida-de-embarcar-em-voopor-ser-gorda-demais/> em 18 de dez. de 2022.

## TEXTO 14



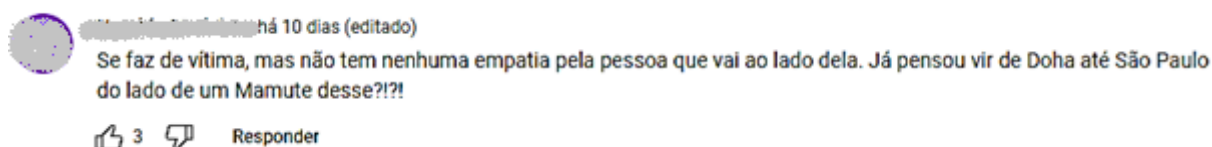
Disponível em: <http://www.juniao.com.br/dona-isaura/> em 18 de dez. de 2022.

## TEXTO 15



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FIIdqXw8o8Vo> Acesso em : 18 de dez. de 2022.

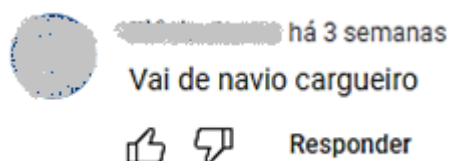
## TEXTO 16



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FIIdqXw8o8Vo> Acesso em : 18 de dez. de 2022.

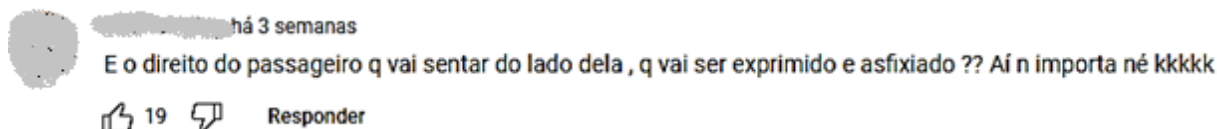
## TEXTO 17





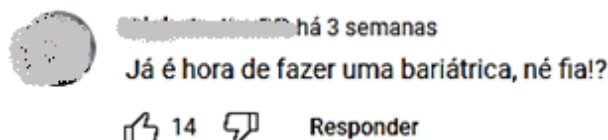
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FIIdqXw8o8Vo> Acesso em : 18 de dez. de 2022.

#### TEXTO 24



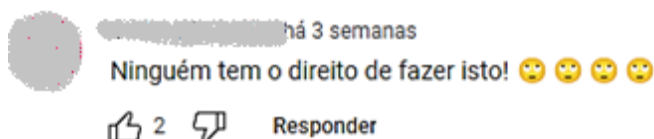
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FIIdqXw8o8Vo> Acesso em : 18 de dez. de 2022.

#### TEXTO 25



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FIIdqXw8o8Vo> Acesso em : 18 de dez. de 2022.

#### TEXTO 26



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FIIdqXw8o8Vo> Acesso em : 18 de dez. de 2022.

#### TEXTO 27



Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/2176707509041210/?type=3&theater> acesso em 26 de dez. 2022.

#### TEXTO 28





Disponível

em:

<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/np.1442947668710570.100005065987619/1053122291399743/> acesso em 26 de dez. 2022.

**TEXTO 29**

Disponível em [https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/12-07-2015/conflitos-dentro-e-fora-da-escola.html#goog\\_rewarded](https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/12-07-2015/conflitos-dentro-e-fora-da-escola.html#goog_rewarded) acesso em 27 de dez.2022.

**TEXTO 30**



Disponível em <https://thiagovenco.jusbrasil.com.br/artigos/265763143/conflitos-na-escola-melhorar-o-diagnostico-para-melhorar-o-tratamento> acesso em 27 de dez.2022.

### TEXTO 31



Disponível em <https://www.comunicaquemuda.com.br/bullying-e-coisa-seria/> acesso em 27 de dez.2022.

### TEXTO 32



Disponível em <https://blogs.correiobraziliense.com.br/aricunha/o-reinicio-de-velhos-problemas/> acesso em 27 de dez.2022.

**TEXTO 33**

**BRASIL É O PENÚLTIMO EM QUALIDADE DA EDUCAÇÃO...**



Chargeonline.com.br - © Copyright do autor

Disponível em <https://cassiusgoncalves.medium.com/o-sistema-educacional-brasileiro-e-suas-v%C3%ADtimas-professores-e-alunos-597806c00fbf> acesso em 27 de dez.2022.

## TEXTO 34



Disponível em <https://www.opiniaocritica.com.br/educacao/quais-as-razoes-para-o-desinteresse-dos-alunos-em-sala-de-aula/> acesso em 27 de dez.2022.

## TEXTO 35



Disponível em <https://lafaieteagora.com.br/2019/09/06/com-pedidos-de-paz-e-igualdade-social-alunos-da-escola-astor-vianna-promovem-caminhada-da-independencia/> acesso em 27 de dez.2022.





**Quando terminam o lanche, eles se limpam.**

Os alunos são divididos em grupos, sendo cada um deles responsável pela lavagem do que foi usado durante a refeição e pela limpeza da sala de aula, corredores, escadas e banheiros em um sistema rotativo coordenado pelos professores.



Isso não significa que as escolas no Japão não tenham funcionários encarregados da limpeza; sim, existem e eles são conhecidos como *yomushuji*. Mas *o-soji* é uma tradição que *existe* em instituições educacionais.

*“Eu também ajudei a cuidar da escola, assim como meus pais e avós, e estamos felizes em receber a lição de casa porque adquirimos uma responsabilidade”.*

**– Professor Toshinori Saito**



Michie Afuso, presidente da organização ABC no Japão, que auxilia a integração de estrangeiros e japoneses, garante que “a obrigação também faz as crianças entenderem a importância de limpar o que está sujo”.

Um exemplo dessa prática foi observado na Copa do Mundo do Brasil, na qual os torcedores japoneses chamam a atenção para limpar as arquibancadas durante os jogos, como fazem nas cidades japonesas, conhecidas mundialmente por terem uma limpeza quase impecável.



*“Isso demonstra o nível de organização do povo japonês, que aprende desde cedo a cuidar do patrimônio público que será usado pelas próximas gerações”*

*– Michie Afuso*



Para que estrangeiros e seus filhos entendam como as tradições funcionam nas escolas japonesas, muitas cidades contrataram assistentes bilíngues. Por exemplo, a brasileira Emilia Mie Tamada trabalha na província de Nara, adjacente a Kyoto, onde já é voluntária há mais de 15 anos.

E com relação às crianças japonesas fazendo a limpeza, Mie disse:

*“Durante todo esse tempo, não me lembro de nenhum pai que tenha questionado a participação de seu filho na limpeza da escola”.*

Disponível em: <https://www.agrandeartedeserfeliz.com/no-japao-alunos-limpam-ate-banheiro-da-escola-para-aprender-a-valorizar-patrimonio/> em 07 de jan. de 2023.

### TEXTO 38

## Comissão aprova proposta que prevê limpeza de salas de aula por alunos

24/11/2021 - 10:07

*Maryanna Oliveira/Câmara dos Deputados*





Para Sóstenes, medida conscientizará alunos sobre a importância da preservação do patrimônio público

A Comissão de Educação da Câmara dos Deputados aprovou o Projeto de Lei 1990/19, que estabelece que as escolas terão a incumbência de estimular a limpeza, manutenção e conservação do ambiente escolar pelos alunos, respeitando-se a capacidade física de cada um.

A proposta é do deputado Kim Kataguiri (DEM-SP) e recebeu parecer favorável do relator, deputado Sóstenes Cavalcante (DEM-RJ).

“O projeto tem o meritório objetivo de promover a responsabilidade social e a conscientização dos estudantes para a importância da preservação do patrimônio público”, disse Cavalcante.

O projeto altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e, segundo seu autor, é baseado em prática observada nas escolas japonesas.

#### **Tramitação**

O projeto tramita em caráter conclusivo e será analisado agora pela Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJ).

#### **Reportagem - Janary Júnior**

#### **Edição - Marcia Becker**

Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/830501-COMISSAO-APROVA-PROPOSTA-QUE-PREVE-LIMPEZA-DE-SALAS-DE-AULA-POR-ALUNOS> em 07 de jan. de 2023.

### **TEXTO 39**



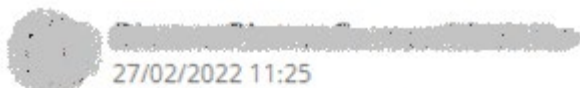
29/04/2022 10:23

É correto sim o incentivo á limpeza e cuidado com o ambiente coletivo que é a sala de aula, tenho certeza que não vai cair a mão de NENHUM aluno, sempre incentivo a limpeza da sala até porque a educação pública está defasada e precisamos nos unir como sociedade e fazer boas práticas e ações construtivas e boas. Afinal depois que saírem da escola precisarão limpar, organizar, cozinhar ter autonomia

👍 0 👎 0

Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/830501-COMISSAO-APROVA-PROPOSTA-QUE-PREVE-LIMPEZA-DE-SALAS-DE-AULA-POR-ALUNOS> em 07 de jan. de 2023.

#### TEXTO 40



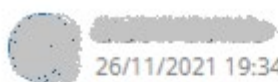
27/02/2022 11:25

É correto o incentivo à limpeza e cuidado com o patrimônio público, as próprias crianças sujam seu local de ensino e muitas vezes depredam suas materiais, desta forma ao ensinar que a mão que suja é a mão que limpa as crianças terão maior noção da responsabilidade social e cuidarão para que seu ambiente permaneça limpo. O tempo de estudo sempre foi o mesmo, mas os momentos de descanso e recreação não são para sujar a escola e sim para socializar e contribuir de forma positiva com a comunidade escolar.

👍 1 👎 0

Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/830501-COMISSAO-APROVA-PROPOSTA-QUE-PREVE-LIMPEZA-DE-SALAS-DE-AULA-POR-ALUNOS> em 07 de jan. de 2023.

#### TEXTO 41



26/11/2021 19:34

Que tempo o aluno terá para estudar. É importante abordar o tema, mas incentivar o trabalho não é valor agregado pedagógico para o Ensino \_aprendizagem.

👍 0 👎 2

Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/830501-COMISSAO-APROVA-PROPOSTA-QUE-PREVE-LIMPEZA-DE-SALAS-DE-AULA-POR-ALUNOS> em 07 de jan. de 2023.

## APÊNDICE D – Referências (caderno de atividades e arquivo pedagógico)

Adolescente se envolve em briga após sofrer bullying e é suspensa por 30 dias em escola de SP. **Portal R7**, São Paulo, 29 de ago. de 2022. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/adolescente-se-envolve-em-briga-apos-sofrer-bullying-e-e-suspensa-por-30-dias-em-escola-de-sp-29082022> Acesso em: 12 de dez. 2022.

ARMANDINHO. Tiras da humanidade, 15 de out. de 2018. **Facebook**. Disponível em: <https://ptbr.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/2176707509041210/?type=3&theater> Acesso em: 26 de dez. de 2022.

Aluna é barrada em escola militar devido ao cabelo crespo: 'Precisa alisar'. **Notícias Uol**, São Paulo, 07 de abr. de 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/04/07/aluna-e-impedida-de-entrar-em-colegio-militar-devido-ao-cabelo-crespo.htm> Acesso em: 06 de dez. de 2022.

Band Jornalismo. Brasileira é barrada em voo da Qatar Airways no Líbano. **YouTube**, 2444 de nov. de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FIdqXw8o8Vo> acesso em: 18 de dez. de 2022.

BERNARDES, Vinícius. Modelo brasileira é impedida de embarcar em voo por ser “gorda demais”. **CNN Brasil**, São Paulo, 24 de nov. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/modelo-brasileira-e-impedida-de-embarcar-em-voo-por-ser-gorda-demais/> Acesso em: 18 de dez. 2022.

Com pedidos de paz e igualdade social, alunos da Escola “Astor Vianna” promovem Caminhada da Independência. **Lafaiete agora**, Conselheiro Lafaiete, 06 de set. 2019. Disponível em: <https://lafaieteagora.com.br/2019/09/06/com-pedidos-de-paz-e-igualdade-social-alunos-da-escola-astor-vianna-promovem-caminhada-da-independencia/> Acesso em 27 de dez. de 2022.

COSTA, Leonardo. Pichações tomam as paredes do banheiro, **Tribuna de Minas**, 08 de jul. de 2015. Disponível em: [https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/12-07-2015/conflitos-dentro-e-fora-da-escola.html#goog\\_rewarded](https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/12-07-2015/conflitos-dentro-e-fora-da-escola.html#goog_rewarded) Acesso em: 27 de dez. de 2022.

Crianças quebram vidro, invadem e vandalizam escola no Paraná. **Notícias Uol**, São Paulo, 04 de maio de 2021. <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/05/04/criancas-vandalizam-escola.htm> . Acesso em: 24 de abr. de 2022.

CUNHA, Ari. Violência nas escolas (charge do Feliciano). **Blog do Ari Cunha, Correio Braziliense**, 05 de fev. de 2019. Disponível em: <https://blogs.correiobraziliense.com.br/aricunha/o-reinicio-de-velhos-problemas/> Acesso em: 27 de dez. de 2022.

Declaração Universal dos Direitos Humanos. **Unicef para cada criança**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos> . Acesso em: 24 de abr. 2022.

DIAS, Gabriela. Aluna diz que foi vítima de racismo em escola estadual de SP, **Globo.com (G1)**, São Paulo, 25 de mar. de 2022. Disponível em: [https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/03/25/aluna-diz-que-foi-vitima-de-racismo-em-escola-estadual-de-sp.ghtml?utm\\_source=whatsapp&utm\\_medium=share-bar-desktop&utm\\_campaign=materias](https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/03/25/aluna-diz-que-foi-vitima-de-racismo-em-escola-estadual-de-sp.ghtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=share-bar-desktop&utm_campaign=materias) Acesso em 06 de dez. de 2022.

Direitos humanos | Armandinho na UPA. **Unicamp de portas abertas**, 2018. Disponível em: <https://www.upa.unicamp.br/direitos-humanos-armandinho-na-upa>. Acesso em: 24 de abr. de 2022.

Direitos humanos. **Vou ser membro do MP**, 2011. Disponível em: <https://vouermembrodomp.wordpress.com/2011/06/15/depois-de-dip-direitos-humanos/> . Acesso em: 24 de abr. de 2022.

ESTARQUE, Thays. Alunos brigam e arremessam cadeiras em confronto dentro de escola estadual no Grande Recife. **Globo.com (G1)**, Pernambuco, 29 de nov. de 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/alunos-brigam-e-arremessam-cadeiras-em-confronto-dentro-de-escola-estadual-no-grande-recife-veja-video.ghtml> Acesso em: 02 de jan. de 2023.

GONÇALVES, Cassius. O sistema educacional brasileiro e suas vítimas: professores e alunos. **Medium**, ago. de 2015. Disponível em: <https://cassiusgoncalves.medium.com/o-sistema-educacional-brasileiro-e-suas-v%C3%ADtimas-professores-e-alunos-597806c00fbf> Acesso em 27 de dez. de 2022.

JUNIÃO. **Junião, Cartunista e ilustrador**. Dona Isaura (tira), [s.d.]. Disponível em: <http://www.juniao.com.br/dona-isaura/> Acesso em 18 de dez. 2022.

MOREIRA, Zu; GONTIJO, Maria Lúcia. 'Saudades de quando preto só era escravo': aluno é vítima de racismo em escola de Belo Horizonte. **Globo.com (G1)**, Belo Horizonte, 20 de dez. de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/12/20/saudades-de-quando-preto-so-era-escravo-aluno-e-vitima-de-racismo-em-escola-de-belo-horizonte.ghtml> Acesso em: 06 de dez. 2022.

No Japão, alunos limpam até banheiro da escola para aprender a valorizar patrimônio. **Grande Arte**, 07 de jan. de 2020. Disponível em: <https://www.agrandeartedeserfeliz.com/no-japao-alunos-limpam-ate-banheiro-da-escola-para-aprender-a-valorizar-patrimonio/> Acesso em: 07 de jan. de 2023.

NOVELINO, Ricardo. Adolescentes denunciam preconceito racial dentro de escola estadual; caso de injúria qualificada é investigado, **Globo.com (G1)**, Pernambuco, 28 de out. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2022/10/28/adolescentes-denunciam-preconceito-racial-dentro-de-escola-estadual-caso-de-injuria-qualificada-e-investigado.ghtml> Acesso em: 06 de dez. de 2022.

OLIVEIRA, Maryanna. Comissão aprova proposta que prevê limpeza de salas de aula por alunos. **Câmara dos Deputados**, 24 de nov. de 2021. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/830501-COMISSAO-APROVA-PROPOSTA-QUE->

PREVE-LIMPEZA-DE-SALAS-DE-AULA-POR-ALUNOS Acesso em 07 de jan. de 2023.

PORTELA, Carlos. Quais as razões para o desinteresse dos alunos em sala de aula?. **Opinião crítica**, 12 de jun. de 2020. Disponível em: <https://www.opiniaocritica.com.br/educacao/quais-as-razoes-para-o-desinteresse-dos-alunos-em-sala-de-aula/> Acesso em: 27 de dez. de 2022.

Professora é vítima de racismo em escola estadual de São Paulo. **Portal R7**, São Paulo, 11 de out. 2018. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/professora-e-vitima-de-racismo-em-escola-estadual-de-sao-paulo-11102018> Acesso em: 06 de dez. 2022.

RAMAL, Andrea. Bullying é coisa séria. **Comunica que muda**, 20 de out. de 2017. Disponível em: <https://www.comunicaquemuda.com.br/bullying-e-coisa-seria/> Acesso em: 27 de dez. de 2022.

SCHMIDT, Larissa. Adolescente é alvo de bullying e agressão física dentro de escola em Iguaba Grande. **Globo.com (G1)**, Rio de Janeiro, 08 de jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/07/08/adolescente-e-alvo-de-bullying-e-agressao-fisica-dento-de-escola-em-iguaba-grande.ghtml> Acesso em: 12 de dez. de 2022.

VENCO, Thiago. Conflitos na Escola: melhorar o diagnóstico para melhorar o tratamento. **Jusbrasil**, 2016 [s.d.] Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/conflitos-na-escola-melhorar-o-diagnostico-para-melhorar-o-tratamento/265763143> Acesso em: 27 de dez. de 2022.

ZIRALDO. **Cartilha Direitos Humanos**, 2008. Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/dados/cartilhas/a\\_pdf\\_dh/cartilha\\_ziraldo\\_dh.pdf](http://www.dhnet.org.br/dados/cartilhas/a_pdf_dh/cartilha_ziraldo_dh.pdf) . Acesso em: 06 de dez. de 2022.